

# REVISTA DA SEMANA

Nº 8



CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

22 - 2 - 47







## ROBERT TAYLOR FO'RA DA TELA

Quando Robert Taylor não enfrenta a "camera", sai para se divertir ao ar livre, passeando a cavalo ou exercitando-se no tiro ao voo, dois esportes que muito aprecia, ou então fica em casa de pernas para o ar, lendo um bom livro ou revista... O último filme do conhecido "astro" é "Correntes ocultas" (Undercurrent), para o estúdio da Metro-Goldwyn-Mayer, no qual é o galã da talentosa artista Katharine Hepburn.





# AMORES DE ALFAIATE

UM amigo contava-me outro dia um episódio significativo, que bem mostra que, em assuntos amorosos, não se deve ser indiscreto, nem pedir a intervenção de terceiros. Isto porque os terceiros são sempre perigosos, podendo abusar da nossa confiança, como Juliana, a criada chantagista do romance de Eça de Queiroz, ou empolgar o objeto dos nossos amores com qualidades, — ou com defeitos — que não façam parte integrante da nossa personalidade. Subvertendo a técnica destes relatos, eis que cooco, em primeiro lugar, a moralidade e, depois disso, a história. Perdi-me, leitores. A história não tem, é certo, maior importância. Mas é edificante apesar de tudo. É a história de um alfaiate, que não havia lido Rostand e não sabia dos embaraços que Cyrano de Bergerac criara a Christiano, namorando por ele a encantadora Roxane, em linguagem sublime, poética e arrebatadora, linguagem que o desgraçado não saberia imitar, ficando depois perto dela como um canário que tivesse perdido o dom de cantar. O alfaiate estava apaixonado por uma moça que tivesse perdido o dom de cantar. O alfaiate estava apaixonado por uma moça que além do mais, era milionária. Possuía ele uma boa aparência física, belas roupas que valiam pela melhor reclamação de sua própria casa, mas lhe faltava o dom da palavra e embaraçava-o uma timidez irritante. Daí chamar um amigo falatório e desembaraçado, sem níquel na alçibeira, mas rico em palavras bonitas. Para que o amigo pudesse acompanhá-lo aos lugares bem frequentados e caros, aos cassinos e aos clubes, enfiar-lhe o regimento, dando-lhe de mão beijada roupas cinzentas, para usar durante o dia, e roupas escuras para a noite, "smoking", "dinner jacket" e casaca. Foi no corte das roupas, corte perfeito, impecável, que transformou o outro num verdadeiro "dandy", e na palavra fácil do "secretário sentimental", que o alfaiate encontrou o seu Waterloo. A dama dos seus afetos, o objeto da sua paixão, o ídolo das suas devoções amorosas, em breve se deixou seduzir pela parolagem do "secretário", voltando-se para ele em êxtase, bebendo-lhe as palavras com reviramento de olhos e outros tiques peculiares. O alfaiate foi, em pouco mais de quarenta e oito horas, sepultado sob uma montanha de desdém mais pesada que as montanhas de manganês de Minas Gerais. E tanto pior para o infeliz amoroso: o triunfante rival resolveu afetar uma crise de consciência e, — ingrato, — uma vez instalado nos dinheiros da formosa dama, decidiu mudar de alfaiate.

\* \* \*

Esta história é uma história da vida real. Poderia se quisesse, deixar aqui as iniciais dos três protagonistas do episódio, mas acho que às vezes o público prefere os problemas às soluções. Aí está a charada, para quem quiser matar. Entretanto, o caso não é único. Transplantando para o plano literário, temos um exemplo perfeitamente igual na eleição de Afrânio Peixoto para a Academia Brasileira de Letras. Longe de mim a idéia de insinuar que o autor de "Maria Bonita" e de "Fruto do Mato", recentemente desaparecido, com profunda mágoa para os admiradores do seu talento e da sua cultura, não merece a "imortalidade" que lhe foi conferida pelos acadêmicos. Como também não tenho a intenção de insinuar que o "secretário" sentimental não tenha merecido com mais razão do que o alfaiate a dama e o mais que ela trouxe. O que me proponho a demonstrar é apenas isto: que os terceiros são perigosos, na corte que se faz às mulheres ricas como às senhoras pobres. A Academia Brasileira de Letras, na época em que Afrânio Peixoto foi eleito, era senhora pobre. Pobre e de acesso muito mais fácil do que hoje. Sua liberalidade eram, então, quase extravagantes. Oliveira Lima, aos trinta anos de idade com apenas dois livros publicados, foi eleito para a Academia, à sua revelia e sem sequer ter-se inscrito! E hoje, rica, opulenta, a Academia repele namorados fiéis que batem à porta e quando ela própria se apaixona por alguém — como aconteceu com Monteiro Lobato, — exige ao menos para salvar as aparências e o seu pundonor feminino, que esse alguém cobre os joelhos a seu péso e lhe faça serenatas ao bandolim. São caprichos e os quais nada tenho que ver, mas não deixa de ser curiosa a evolução desse critério. Voltando, porém, ao caso do senhor Afrânio Peixoto. Foi ele, na verdade, o "secretário sentimental" de um alfaiate, um alfaiate baiano, o senhor Almacão Diniz. Embora apodado pelos seus inimigos de Almanaque Diniz, houve época em que esse jurista e polemista se salientou singularmente no cenário intelectual do país e, inscrito como candidato numa das vagas da Academia encontrou seu jovem amigo Afrânio Peixoto um campeão espontâneo da sua candidatura. O poeta da "Rosa Mística", — era este, na ocasião, seu único livro, e o próprio autor o repudiou, mais tarde, cancelando-o na lista de sua bibliografia, — visitou pessoalmente alguns dos "imortais" afim de pedir-lhes o voto para o senhor Almacão Diniz. Mas, eis o grande perigo! Afrânio Peixoto era tão encantado, falava tão bem, pedia com tanta graça e empolgava de tal jeito os acadêmicos que estes perdiam a vontade de votar no senhor Almacão Diniz e ficavam suspirosos, a lastimar que o jovem escritor baiano não fosse mais audacioso e não atirasse, ele próprio, uma rosa ao colo da Academia... Preparação o pleito, certo o senhor Almacão Diniz de que seria eleito, viajando o Afrânio para o Egito, eis que vem, como uma grande surpresa, a situação romanesca: estava eleito o senhor Diniz, mas o senhor Peixoto, que nem se havia inscrito e que pedira apenas para o outro! Prêmio ao seu desinteresse, sem a menor dúvida. Disse-me um acadêmico que quem fez "a química" foi Mário de Alencar, que "entrou com uma inscrição" de Afrânio Peixoto, apócrifa. Mas, apócrifa ou não a Academia calou-se e não voltou atrás, porque havia satisfeito os votos do seu coração. E, quando se ama, qualquer estratégia é válida, desde que produza o resultado que se deseja...

Valerá a pena repetir aqui a moralidade que ficou, absurdamente, pendurada lá em cima, no primeiro período?

R. MAGALHAES JUNIOR ★ Especial para REVISTA DA SEMANA

## NESTE NUMERO

### COLABORAÇÃO:

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| Amores de alfaiate (R. Magalhães Junior) . . . . . | 3  |
| Filosofia das cinzas (Berilo Neves) . . . . .      | 13 |
| Quatro oradores (Escragnolle Doria) . . . . .      | 18 |

### BIOGRAFIA:

|                                                                |       |
|----------------------------------------------------------------|-------|
| A vida de Velázquez (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) . . . . . | 22/23 |
|----------------------------------------------------------------|-------|

### CARICATURA:

|                     |       |
|---------------------|-------|
| Bom Humor . . . . . | 16/17 |
|---------------------|-------|

### CONTOS:

|                                                                |       |
|----------------------------------------------------------------|-------|
| Sarapalha (J. Guimarães Rosa) . . . . .                        | 14/15 |
| Irene acredita no amor (Euclides Marques de Andrade) . . . . . | 20/21 |
| Uma orquídea extraordinária (H. G. Wells) . . . . .            | 28/29 |
| As moscas (Galvão de Queiroz) . . . . .                        | 38    |

### REPORTAGENS:

|                                                                              |          |
|------------------------------------------------------------------------------|----------|
| O SAM pede socorro (Epaminondas Martins) . . . . .                           | 6/12     |
| A reabilitação de Lew Ayres (Luis Ser-rano) . . . . .                        | 25/26/27 |
| 6.000 anos e 3 horas na Penitenciária de São Paulo (Nelson Vainer) . . . . . | 30/37    |

### SECÇÕES PERMANENTES:

|                                           |       |
|-------------------------------------------|-------|
| A semana em revista . . . . .             | 4     |
| O mundo marcha . . . . .                  | 5     |
| Livros Novos (João Luso) . . . . .        | 24    |
| Gente de rádio (A. Migueis) . . . . .     | 19    |
| Nos basidores femininos (Kitty) . . . . . | 39    |
| Modas . . . . .                           | 40/48 |
| Cancioneiro Internacional . . . . .       | 49    |
| Música (Roberto Lyra Filho) . . . . .     | 58    |

### DIVERSOS:

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| Robert Taylor fora da tela . . . . . | 2  |
| Femininas . . . . .                  | 50 |

### ILUSTRAÇÕES:

De Armando Pacheco, Armando Moura e Orlando Mattos.

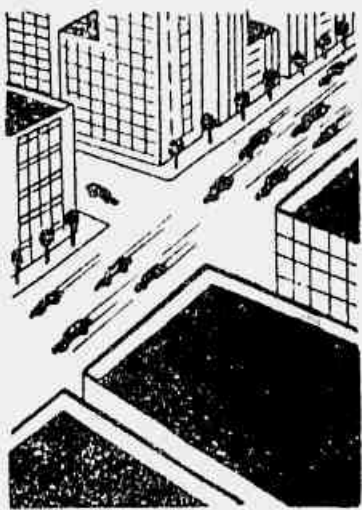
### NOSSA CAPA

Figura na nossa capa de hoje um "big-four" de Hollywood. Trata-se de quatro lindas garotas que brevemente veremos nas nossas telas, em mais um tecnicolor de Hollywood, "My wild Irish rose". São elas da esquerda para a direita: Eileen Howe, Martha Pomander, Phyllis Rowan e Pat Walker. A julgar pela plástica e pelo sorriso, todas elas bem que merecem um lugarzinho ao sol, na meca do cinema.



# A SEMANA EM REVISTA

## PASSAGENS PARA PEDESTRES



A imprensa acaba de divulgar a notícia da concorrência para a abertura do túnel do Pasmado, que estabelecerá comunicação direta entre a avenida Beira Mar (praia de Botafogo) e o túnel duplo do Leme. Trata-se de uma obra necessária ao desatogo do tráfego da zona sul e que, ao mesmo tempo, será utilíssima aos pedestres, pois na Avenida que vai ser aberta entre o asilo de Santa Tereza e a sede do Botafogo, vai ser construída uma passagem inferior para pedestres e, na boca do túnel, haverá um viaduto, para o cruzamento de veículos. A solução que consiste em se construir passagens inferiores para os pedestres já foi utilizada, uma vez, na rua 13 de Maio, perto do Taboleiro da Baiana. E essa solução, de absoluta segurança para os transeuntes, poderia ser estendida a outros lugares da cidade, como, por exemplo, em alguns trechos da avenida a que foi dado o nome do ex-ditador e na qual são frequentíssimos os desastres de automóveis e os casos fatais, de atropelamento. Uma dessas passagens deve ser feita, aliás, na própria Avenida Rio Branco, no trecho atravessado por aquela Avenida. Outra dessas pas-

sagens devia ser construída, ligando os dois lados da Avenida Rio Branco, à altura da Galeria Cruzeiro e à altura da Cinelândia. Isso facilitaria grandemente o escoamento de veículos através da grande avenida, ao mesmo tempo que ofereceria maiores condições de segurança ao público. A solução que se procura dar ao túnel do Pasmado está demonstrando que a administração da cidade está começando a encarar com mais amplitude os problemas do tráfego urbano, tão descurados entre nós. O senhor Hildebrando de Góes, prefeito do Distrito Federal, sendo um engenheiro de reconhecida capacidade, não poderá incidir no erro de seus antecessores, que cuidaram apenas de fazer demolições, sem pensar nos problemas que surgiriam com a abertura de novas vias de comunicação, como, por exemplo, as do cruzamento do tráfego. O carioca, vítima indefesa dos automóveis, pagando anualmente um terrível tributo à fúria dos automobilistas que nada respeitam, bem precisa ser protegido contra os azares do tráfego. A reportagem que, em data recente, REVISTA DA SEMANA publicou sobre os desastres de automóveis no Rio de Janeiro, é bem digna de consideração, por parte das autoridades públicas e, especialmente, por parte dos engenheiros da Prefeitura. As medidas agora adotadas para a construção do túnel do Pasmado demonstram que o problema do tráfego é, em grande parte, um problema de engenharia, sem deixar de ser, também, um problema de polícia.

## PRECONCEITO DE RAÇA NO HOTEL SERRADOR



Sob todos os aspectos deplorável para os foros de civilização e representando um agravo aos nossos sentimentos democráticos, esse triste e revoltante episódio do Hotel Serrador teve a mais lamentável repercussão em todos os círculos do Rio de Janeiro. Ostentando na sua fachada o nome de um homem do povo, que subiu pelo seu próprio esforço da condição de simples vendedor de sanduíches e refresco à situação de líder da cinematografia e de construtor da Cinelândia, de uma figura cujo peito jamais abrigou mesquinhos sentimentos e preconceitos de raça, o Hotel Serrador desmereceu, antes de mais nada, o nome do seu patrono, ao recusar hospedagem a uma visitante ilustre, a médica norte-americana Irene Diggs, cientista de grande merecimento, sob a alegação de que não hospeda negros! Como se vê, a administração do Hotel Serrador copia aquilo que há de mais deplorável, de mais mesquinho, de mais condenável, nos países estrangeiros, numa adesão ostensiva ao arianismo hitleriano, — e isto depois de havermos lutado contra o totalitarismo e restabelecido, no nosso país, a ordem democrática. Desrespeitando a Constituição Brasileira, perante a qual não se pode estabelecer distinções de raça ou de religião, os dirigentes do Hotel Serrador nos fazem aparecer, além do mais, aos olhos do mundo, como

uma nação que não sabe cumprir os seus deveres de boa hospedagem. O que é ainda mais deplorável em tudo isso é que a afronta feita à médica norte-americana, com aposentos previamente reservados pela própria Embaixada dos Estados Unidos, que sai do incidente humilhada e vencida, representa também uma ofensa a grande parte da população brasileira, onde pelo menos um terço da nossa gente é constituída de negros, mulatos e mamelucos. Costuma-se dizer, de boca cheia, que no Brasil não existem preconceitos de raça, mas a verdade é bem outra. Esses preconceitos não só existem, como ainda têm tomado, nos últimos anos, uma forma agressiva, que se caracteriza pela resistência cada vez maior ao ingresso de negros em certas organizações, inclusive nas Escolas Militar e Naval do país, muito embora os negros tenham dado, na guerra contra os holandeses e na guerra contra o Paraguai os maiores exemplos de bravura. Não é justo que desprezemos e desvalorizemos nós mesmos uma parte de nossa própria população, a cujo esforço devemos muito da nossa prosperidade passada e mesmo da atual, porque ao braço escravo muito deve o Brasil do seu progresso e da sua civilização. O caso do Hotel Serrador sugere aos legisladores a necessidade da passagem de leis que punam esses flagrantes desrespeitos à Constituição, sob a forma de multa ao estabelecimento transgressor ou de medidas coercitivas, que os obriguem a hospedar compulsoriamente os hóspedes que não têm o direito de considerar indesejáveis por uma simples questão de pigmento.

## O VEREADOR QUASE ANALFABETO...



O Partido Trabalhista Brasileiro é um saco de gatos. Parece estar em liquidação rápida e inevitável. Em Minas, praticamente já não existe, pois os seus antigos dirigentes fundaram o Partido Trabalhista Nacional. Em São Paulo, o senhor Getúlio Vargas incumbiu aos seus partidários de expulsar da direção do referido partido o senhor Hugo Borghi, famoso pelos negócios fáceis do algodão no tempo da ditadura, mas foi o senhor Hugo Borghi quem, manobrando astutamente na convenção petebista, conseguiu expulsar os partidários do senhor Getúlio Vargas, ficando soberano, dono e senhor do P.T.B. em São Paulo... No Rio de Janeiro, o P.T.B. tinha grandes ilusões eleitorais e esperava ter o partido majoritário. Os senhores João Alberto e Napoleão de Alencastro Guimarães entraram na chapa de vereadores, "como locomotivas", diziam, "afim de puxar a legenda". E, no entanto, não tiveram senão um sexto da votação de Carlos de Lacerda, da U.D.N., e cinquenta por cento da votação de Benedito Mergulhão, do P.R. O mais engraçado de tudo é que, entre os vereadores eleitos pelo P.T.B., figura um funcionário municipal, o senhor Chrispim da Fonseca, cuja eleição alguém entendeu de anular, alegando ser o mesmo

analfabeto. Os jornalistas foram procurá-lo em sua residência e ele contestou a notícia, dizendo que era acusado falsamente. Não, senhores! Tanto não era analfabeto que exercia um cargo de chefe de seção da Prefeitura, na Limpeza Pública, — e servindo no gabinete do diretor... E depois de tudo isso caiu na patética de dar uns autógrafos a reporteres maliciosos de "O Globo" e de "A Noite", escrevendo, entre outras coisas, as palavras "casbimento", em vez de cabimento; "gartuito", em vez de gratuito; "abecurdo", em vez de absurdo; "cusação", em vez de acusação; "cutera", em vez de contra; "milha" em vez de minha; "campam" em vez de companhia; "non", em vez de não. Donde se conclui que o vereador Chrispim da Fonseca não é positivamente um analfabeto, mas é positivamente um semi-analfabeto. Essa é a bela contribuição que apresenta à Câmara Municipal o partido do ex-ditador, esse partido que está se desmilinguindo e que já deu, à Câmara Federal, essa outra bela expressão que é o trêlego Barreto Pinto... Com mais alguns pleitos, mais alguns deputados como Barreto Pinto e mais alguns vereadores como Chrispim da Fonseca, o Partido Trabalhista Brasileiro não terá salvo o Brasil, mas terá justificado o ditador... Não é com gente dessa espécie que se legisla e que se faz democracia... Assim, o que se faz, apenas, é desmoralizar a democracia, desprestigiando-a através de espetáculos deploráveis... E nem é outra coisa o que quer o ex-ditador, esse senador silencioso e apático, que quando abre a boca é para dizer que "o voto não enche barriga" e outras heresias desse jaez...

## REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII \* Nº 8 \* 22-2-47

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00  
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atacadado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;  
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602  
Correio na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 143

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JÚNIOR

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.





O acontecimento dominante da semana que se encerra foi, sem dúvida, o carnaval... Os festejos de Momo foram animadíssimos, embora tivessemos ficado privados dos tradicionais préstitos dos Tenentes, Fenianos, Democráticos e Pierrots da Caverna. As pequenas sociedades, — os blocos, ranchos e cordões, — voltaram a transitar pela Avenida Rio Branco, graças às instruções baixadas pelo novo chefe de Polícia, o general Lima Camara, que, embora militar, não fazer o papel de bicho-papão... Teve grande repercussão o banquete oferecido aos jornalistas Rafael Correia de Oliveira e Victor do Espírito Santo, os quais, sendo também funcionários públicos, foram processados administrativamente por opiniões externadas na imprensa pelos ministros da Fazenda e do Trabalho, dois inimigos da liberdade que a Constituição assegura ao pensamento escrito. Presidido pelo eminente senhor Otávio Mangabeira, governador eleito da Bahia, esse almoço foi concorridíssimo, notando-se entre os presentes representantes de quase todos os jornais e revistas do Rio de Janeiro, inclusive dos "Diários Associados". Teve muita repercussão essa prova de solidariedade e de confraternização da classe jornalística, não faltando ainda a presença de figuras influentes da política, como Virgílio de Melo Franco, José Candido Ferraz, Rui Santos, Heitor Beltrão, Calos de Lacerda, Lígia Maria Lessa Bastos, Hamilton Nogueira, Osório Borba, Jurandir Pires Ferreira, Alcides Carneiro, Castro Rebeiro, Emil Farhat, José Augusto, Plínio Barreto, etc. O ator Olímpio Bastos, mais conhecido pelo nome de Mesquitinha, foi impedido de representar na quarta-feira passada, por um mandado de prisão de um juiz da Vara de Família, por se negar a pagar uma grande quantia à ex-esposa, de quem se desquitara há anos. Recolhido ao presídio, Mesquitinha foi substituído na peça "O garçon do casamento" pelo seu colega Angusto Anibal. O popularíssimo ator, que tanto tem feito rir ao nosso público, está vivendo um drama desagradável, cuja parte pior consiste, de resto, em se ver privado de trabalhar e de servir ao seu público... Em São Paulo, um garçon, que não era de casamento, mas de um bar de segunda classe, disse a Grande Otelo que não atendia a "gente baixa". O comediante negro repeliu a expressão, houve uma alteração violenta e o garçon, que era mais forte, deu um sôco em Sebastião Alves da Silva Prata, quebrando-lhe os dentes... Não perguntem que é que Prata tinha que ver com a história, porque ele é apenas, na vida civil, o próprio Grande Otelo do teatro, do rádio e do cinema... Mais um filme nacional musicado vem de ser apresentado nos cinemas cariocas: "Este mundo é um pandeiro". É mais um louvável esforço da Atlantida, uma produtora que não tem descansado. E o sucesso de bilheteria demonstrou que os produtos dessa empresa já estão despertando confiança... O procurador da República, senhor Alceu Barbedo, apresentou ao Tribunal Eleitoral um parecer, no qual opina favoravelmente ao cancelamento do registro do Partido Comunista do Brasil, alegando haver dualidade de estatutos. E, em São Paulo, o cardinal D. Carlos Carmeli, que fez campanha contra o senhor Adhemar de Barros, favorecendo o concorrente deste, senhor Mario Tavares, colocado em terceiro lugar na votação, diz que "o eleito deve ser empossado e deve governar", baseando sua nova atitude nas palavras bíblicas: "A Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar". O que tanto podia ter servido para depois como para antes... Causou sensação no Rio a prova escrita a que foi submetido o vereador trabalhista Chrispim Mauricio da Fonseca (vide tópico em "A Semana em Revista")... Não contentes com o aumento do preço do café para trinta centavos, os donos de botequins e "bebe-em-pé" querem agora um aumento novo, para cinquenta centavos a xícara... Houve um ensaio de "lock out" das tinturarias, que também querem aumentar as lavagens de roupas para de 15 a 30 cruzeiros, argumentando com o aumento do imposto de localização (que realmente foi absurdo) e com outras razões, de diverso teor... O acadêmico Peregrino Júnior apresentou na Academia Brasileira de Letras um projeto no sentido de serem os prêmios literários da ilustre companhia convertidos em dois, apenas, no valor de 25.000 cruzeiros cada um, sendo premiados os melhores livros do ano anterior, independentemente de inserção. Com a inflação, os prêmios da Academia Brasileira de Letras valem mais honorificamente do que financeiramente, e a elevação da quantia em apreço é digna de aplausos. Só tem o projeto um aspecto passível de crítica, — que é o de deixar sem estímulo os autores de obras inéditas. O governo francês resolveu por em liberdade, "por motivo de saúde", o famoso líder marroquino Abd-el-Karim, que sustentou durante vários anos intensa luta contra os franceses e os espanhóis, em prol da unificação e da soberania nacional do Marrocos. A notícia causou certo pânico entre os meios espanhóis. Abd-el-Karim estava prisioneiro na ilha da Reunião, a leste de Madagascar, no Oceano Índico. Os portuários cubanos fizeram greve contra os navios espanhóis, declarando firmemente que se recusam a descarregar os navios do general Francisco Franco... O senhor Henry Wallace, antigo vice-presidente dos Estados Unidos e antigo secretário do Comércio de Roosevelt, escreveu um artigo na revista "New Republic", sob sua direção, asseverando que o governo norte-americano não é depositário de um segredo absoluto sobre a desintegração atômica. Acrescentou que a Inglaterra, a França e a Escandinávia já estão trabalhando ativamente nesse campo, bem como o Canadá. E brevemente terão máquinas geradoras de energia atômica e bombas atômicas em fabricação... Um telegrama da A.E.P., datado de 12 do corrente, noticiava que em Portland, no Estado de Oregon, nas usinas da General Electric, estão sendo feitas as primeiras experiências sobre o emprego da energia atômica nas indústrias civis. E outro telegrama noticia que Thomas Edison, o bruxo de Menlo Park, — cujo centenário ocorre presentemente, — já vinha trabalhando em suas últimas experiências com o urânio, matéria prima da bomba atômica... O mundo, aliás, parece marchar, vertiginosamente, para a idade atômica!

## O CASTIGO DAS MULHERES LINGUARUDAS

A baleia, sua história e seus costumes\* O castelo adormecido no bosque (romance)  
\* Dez contos ilustrados \* Países e povos \* Botânica \* Para distrair em casa \* Arte \* Lendas \* Breviário da dona de casa \* Comentários de 1946 \* Frases feitas \* Ciência ao alcance de todos \* Curiosidades e Quebra-Cabeças \* A cozinha na antiguidade \* Os matusalens do oceano \* A vida amorosa das abelhas \* O radar do morcego \* Os anéis de Saturno \* Origens das festividades cristãs \* As Freiras de Odivelas e a má fama de São Martinho \* Calendário permanente \* Festas móveis até 1958 \* Centenários de 1947 \* Ano de arte \* Ano aeronáutico \* Ano científico \* Ano católico \* Os mortos do ano.

São estes alguns dos mil assuntos do

## "ALMANAQUE EU SEI TUDO"

para 1947, à venda em todo o Brasil por Cr\$ 12,00. Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Rua Maranguape, 15. Rio. Atende-se pelo reembolso postal.

## OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

**CONCURSO DE CONTOS** — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

**CONCURSO DE TEATRO** — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer

**CONCURSO DE ROMANCES** — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Gracielema P. Genóire; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlantida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal e "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo). Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

**O PINCE-NEZ DE OURO**

OFICINA DE L. CARLOS  
AVIAM-SE FLORES, M.  
DICAS COM EXATIDÃO

**OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS**

*Joalheria*

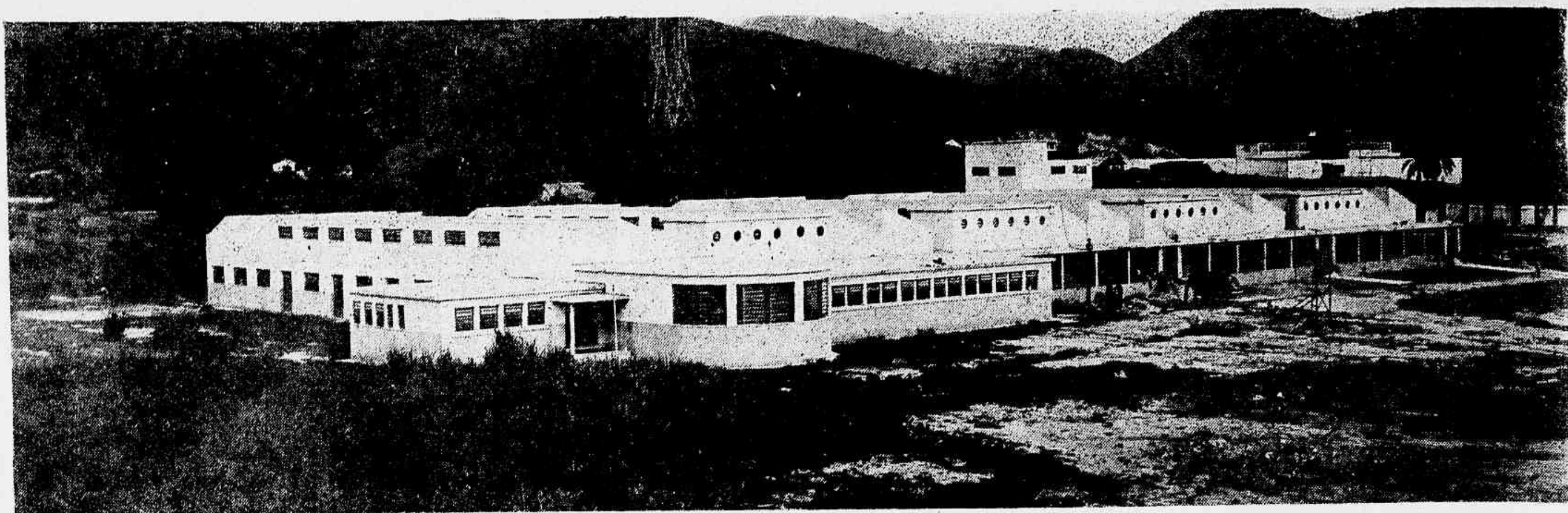
R. CARIOCA N.º 28

**LUIZ R. RICART**

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES  
E ARTIGOS PARA PRESENTES





A Escola Profissional 15 de Novembro, em Quintino Bocaiuva, é um desses estabelecimentos que necessitam ser multiplicados para atender a centenas de menores vítimas do pauperismo e dos desajustamentos sociais em todo o Brasil.

# O SAM PEDE SOCORRO!

**30.000 menores desvalidos na cidade maravilhosa. — 12.000 pedidos de internamento que não podem ser atendidos por falta de alojamento, creches, hospitais, casas maternais e instituições escolares — O flagelo burocrático — Um número imenso de transviados — Um antigo quartel de polícia transformado em campo de concentração para menores abandonados e transviados — O martírio de ser médico.**

Reportagem de EPAMINONDAS MARTINS

**O**s nossos grantinos são gente muito boa. Muitos deles trazem Cristo na ponta da língua, defendem ardorosamente a "civilização cristã", usam e abusam do nome da pátria de Deus e da família; pronunciam muito frequentemente palavras como "honra", "liberdade", "democracia", "dever", "justiça", etc., etc. Pelo Natal e Ano Novo enviam graciosos telegramas aos

amigos, desejando boas festas e felicidades. Na Sexta-Feira da Paixão, vão às igrejas, ouvem missas, dão esmolas. Ao ler o noticiário dos jornais, comovem-se ante as desgraças da China e as misérias da Índia. No cinema colocam-se a favor do galã e contra o vilão. Ao ler os grandes dramas da História Universal, frequentemente tomam o partido da Justiça. Aplaudem a Revolução Francesa

mas com a precaução de condenar as barbaridades praticadas. Tudo isso prova que os nossos homens da "alta" são gente muito boa.

Mas têm um grave defeito. Suas virtudes dirigem-se sempre para alvos longínquos no espaço e no tempo. Não conseguem ver o que se passa mais perto, o que lhes ocorre debaixo do nariz.

Em baixo: Nem mesmo a tristonha garotada do pátio do alojamento é indiferente à máquina fotográfica. Foi um alvoroço quando perceberam que iam ser fotografados. O fotógrafo teve um trabalho dos diabos até pô-los em ordem numa posição favorável, pois todos disputavam entre si as melhores colocações e enfeitavam a fisionomia com as expressões que imaginavam melhores. Na página à direita: Eis aí um pequeno cretino, isto é, de inteligência abaixo do comum. Uma de suas manias é retalhar o braço com cacos de vidro como protesto contra a reclusão no Alojamento.



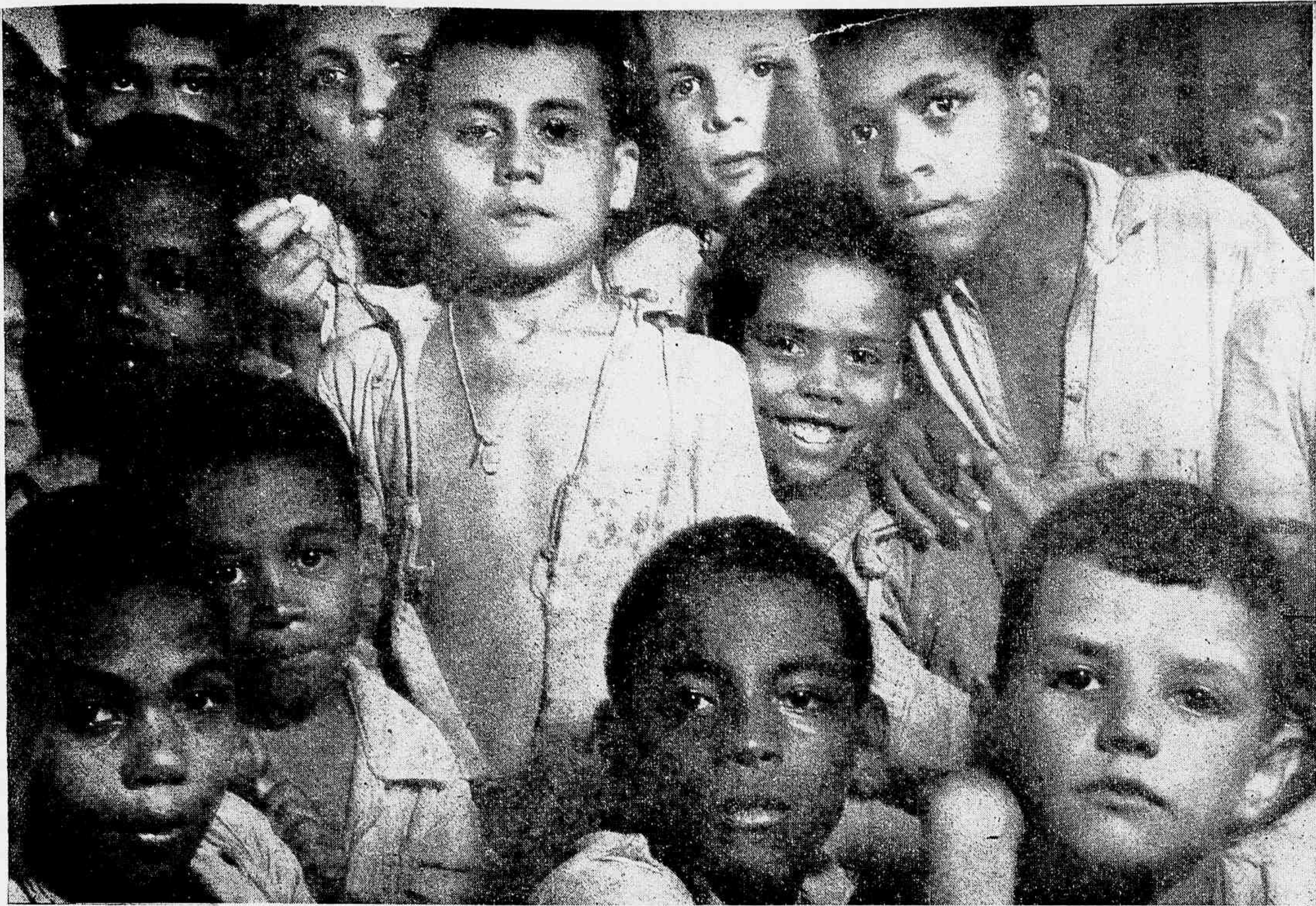












Na página à esquerda: — "Não se mexa". — E o menino não se mexeu. O fotógrafo aproximou-se e bateu a chapa no pátio do velho quartel hoje Alojamento Provisório de Menores. E muito depois de ser fotografado permanecia na mesma posição, de quando em vez lançando um olhar desconfiado aos homens da imprensa... Ao alto: Orfãos de pais e mães, os filhos de famílias em extrema miséria, os desprotegidos e transviados de todas as espécies, todos aí estão representados, à espera de que haja algumas vagas nos escassos estabelecimentos de ensino e hospitais do SAM.

O que os comove no cinema e no romance deixa-os indiferentes na vida real. O pobre diabo que os faz chorar nas chachadas radiofônicas, na vida real irrita-os, incomoda-os com a sua presença. O menino infeliz que os comove no filme cinematográfico nenhuma impressão causa quando encontrado em carne e osso na rua.

Nas eleições o granfino candidato a qualquer coisa aborda os problemas à sua maneira: decora um número de frases feitas e delta verbiagem barata nos jornais e no rádio. E essa verbiagem barata é o que vem estragando o Brasil desde a Independência. Ela não resolve os problemas, dissimula-os, oculta-os; não esclarece os espíritos, mistifica-os. E a herança secular de erros avoluma-se de geração em geração. Hoje ameaça esmagar-nos.

#### O SAM PEDE SOCORRO

Chegou a época terrível em que não se pode mais andar namorando a lua. Temos que olhar para o chão e

Um idiota. Visto em corpo inteiro, oferece um aspecto esquisito de homem-macaco. Obedece sem resistência a todas as ordens que consiga compreender: "Sente-se. Levante-se! Deite-se!" Mas não as compreende muito facilmente. As palavras necessitam ser auxiliadas por gestos, empurrões e outras ações do interlocutor. Não foi muito fácil ao fotógrafo obter essa simples póse.



evitar os buracos e tropeços. Temos que pensar nas coisas prosaicas sem as quais a vida é impossível: Pão, manteiga, carne, feijão, calçados, remédios, casas, proteção à infância.

#### Proteção à infância!

Não é preciso ser emérito argumentador para convencer a pessoa alguma de que a proteção à infância é uma necessidade. Até os animais sabem disso ou pelo menos procedem como se o soubessem.

No entanto, no Rio de Janeiro dos nossos dias, o estado de desamparo em que se encontra parte da infância desvalida ou transviada é simplesmente calamitoso.

Era isso o que iamso verificar ao dirigirmo-nos preliminarmente à diretoria do SAM (Serviço de Assistência aos Menores). Todos os informantes aos quais se dirigia a reportagem de REVISTA DA SEMANA indicaram o SAM como sendo a primeira porta a bater para a coleta de informações. E dentro do SAM a pessoa mais credenciada para falar do assunto seria nada menos que o seu diretor, dr. Meton de Alencar Filho, que dedicou toda sua existência à causa dos menores desvalidos e transviados. O dr. Meton é um médico inteiramente devotado à assistência aos menores. Para as mais inesperadas perguntas tem sempre a resposta adequada na ponta da língua, citando números, fatos, exemplos. A palestra é viva e comedida de um homem de ciência que está sempre seguro do que fala. A pergunta mais corriqueira pode responder com uma fatura de gráficos e dados estatísticos arrasadores. Como diretor do SAM, comanda um pequeno exército de médicos, enfermeiros, professores e funcionários de diversas categorias, profissionais de várias atividades. Sua autoridade estende-se para além do órgão central abrangendo o Instituto Profissional Quinze de Novembro, O Patronato Agrícola Artur Bernardes, o Patronato Agrícola Venceslau Braz, a Escola João Luis Alves, o Pavilhão Anchieta, o Hospital Central, etc., etc.

Recebe o reporter com benevolência mesclada de uma dose de ceticismo.

— Oh... a Imprensa... Estamos às suas ordens...

— Que quer dizer essa sua exclamação a respeito da Imprensa, doutor? Não lhe é simpática?

— Ao contrário. A minha queixa é pelo fato de a Imprensa lembrar-se tão pouco de nós. Vivemos lutando desesperadamente contra um inferno de má vontade, incompreensões, indiferença verdadeiramente criminosas. Talvez a imprensa nos pudesse socorrer.

— Socorrer?!...

#### "MEDICINA NO NOSSO PAÍS NÃO É APOSTOLADO; É MARTÍRIO"

— Sim, senhor. Socorrer! Nem mais nem menos. Socorrer vidas humanas, vidas de menores. E' um verdadeiro martírio ser médico como somos aqui, saber que existem milhares de crianças morrendo literalmente de fo-

me ou por falta de socorro médico adequado, e nada podemos fazer.

— Então o SAM não?...

— O que fazemos em benefício da infância desvalida é como uma gota d'água no oceano dos nossos problemas. Somos um país pobre. O Estado por si só não pode enfrentar a montanha de problemas. E' indispensável que toda a sociedade reaja cinscientemente... Desgraçadamente a sociedade como um todo tem uma noção vaga e errônea do acúmulo de desgraças que está esmagando as camadas mais pobres da população carioca. Em resumo necessitamos de auxilio de instituições particulares e pessoas ricas...

— Filantropia.

— Infelizmente encontram-se muito poucos filantropos no nosso país, além disso...

— Além disso...

Um imbecil. Fica horas inteiras sentado à beira da cama na enfermaria, de olhos parados, inteiramente indiferente a tudo o que ocorra em derredor. Mas o curioso é que não se mostrou indiferente a máquina fotográfica: o rosto animou-se e os olhos brilharam, parecendo compreender de que se tratava.







Cena de uma creche em Copacabana, onde as condições são certamente melhores que no Alojamento de Menores do SAM.

O atelier de costuras que tem o nome pernóstico de recuperação de roupas. Al se aproveita tudo quanto é trapo ao alcance do Alojamento Provisório. Um grupo heterogêneo de menores trabalha sob a direção de uma enfermeira.

#### OS FILANTROPOS

— ... os poucos que existem só se lembram de ordens religiosas. E' um hábito que vem do Império: todo homem rico que morre e deseja praticar algum ato nobre só se lembra da Santa Casa de Misericórdia e da Igreja. Nos Estados Unidos, povo extremamente religioso, como sabemos, os milionários não se lembram apenas das instituições religiosas. Imensas fortunas são doadas a institutos científicos e universidades. Basta lembrar o milionário que doou três milhões de dólares para uma orquestra: Eastman Kodack. No Brasil, nenhum grande industrial, banqueiro ou proprietário de terras se lembra de que existem milhares de crianças famintas só na capital da República. Para atender aos nossos problemas necessitamos de um capital cem ou mil vezes maior do que o que possuímos empregado nesse sentido.

Isso faz-nos lembrar um artigo que um jornalista brasileiro escreveu de Nova York, há tempos, fazendo uma exposição entre os nossos filantropos e os norte-americanos, dizia exatamente isso por outras palavras.

— Os problemas de assistência a menores no Rio, que é a cidade mais adiantada do Brasil estão reclamando não só as atenções do Estado, mas a de todos os brasileiros como simples patriotas. Não se trata de abater idéias, mas de coisa muito mais séria: salvar vidas humanas, não amanhã ou daqui a tantos meses ou anos, mas agora, meditamente... O pauperismo que está se espalhando pela capital da República é simplesmente horripilante. Nós, médicos, estamos acostumados a lidar com a miséria, a doença, as deformações físicas e morais e a morte, mas garanto que o senhor, jornalista, se visitar o nosso alojamento provisório, em algumas secções sentirá calafrios e experimentará uma grande revolta contra essa sociedade de que fazemos parte. Quanto a mim, estou marchando para os cinquenta anos e imagina o senhor que eu sinta alguma vaidade especial em ser diretor do SAM? Sentiria se tivesse recursos econômicos e financeiros para dar cumprimento às nossas tarefas. Mas nas condições em que nos achamos, só vejo motivos para mortificações. Após mais de vinte anos dedicados à Assistência aos menores, a gente acaba identificando-se com eles, amando-os quase paternalmente. E vê-los sofrer é o pior dos sofrimentos. Já fiz dezenas de conferências, escrevi centenas de artigos em revistas especializadas, publiquei livros, dei aulas, fiz apelos aos grandes da República e o resultado de tudo isso é uma terrível sensação de fracasso. Frequentemente tenho desejos de que venha dirigir o SAM um cidadão que seja mais eficiente do que eu, capaz de atrair para o SAM as simpatias e dedicações que eu não consegui. Gostaria de ficar reduzido à condição de simples médico do próprio SAM, mas vê-lo progredir. Eu apenas mudaria de mesa.

— Isso é quase pessimismo.

#### A MÁ VONTADE PÚBLICA

— E' a situação normal de todo homem de ciência do Brasil ao aproximar-se os cinquenta anos. Se dedicar a vida a uma grande causa, tornam-se desanimados.

— Mas isso não os inabilita ao cumprimento de suas tarefas?

— Não. O trabalho está nos hábitos. Tornam-se pessimistas relativamente a si próprios. Os obstáculos que encontram são esmagadores: o primeiro de todos é a própria hostilidade pública. E isso não é só no Brasil. O povo geralmente é hostil por princípio qualquer espécie de instituição de caráter protecional. Saiba que nos próprios Estados Unidos, onde rolam rios de dinheiro para instituições humanitárias certa vez uma pesquisa do Civil Research Assembly verificou que 85% da opinião hostilizava as instituições filantrópicas. Fez-se uma intensa campanha de esclarecimento e propaganda. A hostilidade baixou de 85 para 65 por cento e aí se estabilizou. Isso nos Estados Unidos, onde as instituições são altamente eficientes, imagine-se no Brasil.

— Como se explica?

— No nosso caso são os próprios menores e as famílias interessadas os que se entregam a uma verdadeira campanha de má vontade. Nenhum menino gosta de se ver internado, por exemplo, no alojamento provisório. E para falar com franqueza quem gostaria? E pintam isso com as cores mais negras possíveis aos pais. Se um menor quebra uma perna num jogo qualquer, a crítica é terrível: A organização não vale nada, os meninos passam fome, os professores são ignorantes, os inspetores não tem idoneidade, os guardas espancam barbaramente... E agora? Os meninos naturalmente mentem porque odeiam e temem a situação em que se encontram. Em parte dou razão. A sensação que têm é de estarem aprisionados, separados de seus lares e privados de carinhos paternos. E não é verdade? A primeira impressão dessas vidas amparadas pelo SAM é de abandono e desvalimento. E' um senso de inferioridade que se forma cedo. Imagine-se a impressão de um menino de sete anos subitamente apanhado pelo polícia e trazido ao SAM. Primeiro conduzido por um policial do qual naturalmente tem medo; depois as cerimônias rotineiras da delegacia, perguntas-respostas, a seguir o internamento, o cerimonial burocrático e frio. Finalmente vê-le meido num grande pátio em meio de



Laudicela, de 6 meses, num berço de creche, em Copacabana. É uma das trinta mil crianças desvalidas do Rio.

um rebulho humano entre débeis mentais, idiotas, malformados físicos, cretinos, ou simplesmente miseráveis.

—O senhor está pintando aí o alojamento provisório?

#### O ALOJAMENTO PROVISÓRIO NÃO PASSA DE UM DEPÓSITO DE MENORES E QUASE UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

— Exatamente. No alojamento provisório não há remédio senão essa deprimente promiscuidade. Trata-se de um alojamento provisório de onde eles devem ser enviados imediatamente para escolas, institutos profissionais, hospitais, etc., etc. Mas a provisoriedade às vezes alonga-se por anos e anos.

— Como?!

— Surge agora o problema das vagas. Não têm para onde ir. Faltam camas em hospitais, as escolas já estão repletas e assim por diante.

— Que horror!

— Precisamos de muitas creches, casas para mães menores, e as maternais, jardins de infância, escolas para alunos de 7 a 12 anos, escolas para alunos de 13 a 17, escolas para alunos de educabilidade difícil e de educabilidade ultra-difícil, escolas para alunos de educabilidade difícil e especializada, hospitais escolas. E qualquer edifício não serve. Os edifícios devem ser adequados e o pessoal também especializado. O problema de formação do pessoal é outro por cuja solução devemos lutar. Não se pode improvisar pessoal apenas munido de boa vontade. Para falar a verdade, nem mesmo qualquer médico está em condições de atender plenamente as nossas necessidades: A Assistência Social tem base científica na patologia social enquadrada na Sociologia Médica. Sem esta base, o serviço social jamais estabelecerá meios de combater os desajustamentos da família, do indivíduo ou da personalidade que determinará as regras da pedagogia terapêutica para efetuar a educação e obter o reajustamento social. É preciso prestar atenção a seguinte verdade: O tempo dos milagres já passou. Nenhuma autoridade pode, num passo de prestidigitação esconder as crianças que vagam pela cidade. Demais esconder ou disfarçar o espetáculo de pauperismo da parte da nossa população, não é solução para os problemas sociais. Tampouco é viável a idéia de uma espécie de campo de concentração. Seria uma miserável medida policial que ninguém ousaria no nosso tempo. Temos que encarar os problemas realisticamente.

#### A BUROCRACIA ESTATAL

Em palestra com outros funcionários do SAM a reportagem vai colhendo novos informes: Por exemplo, uma das causas de ineficiência do SAM é a burocracia estatal. A papelada ministerial no seu curso moroso pelas repartições públicas empenha todo o serviço. A menor solução de um problema depende do andamento de um processo e esse processo pode arrastar-se anos inteiros pelos departamentos.

— Parece que devíamos ter aqui uma comissão de astrólogos e pitonizas.

— Para que?

Para advinhar... O orçamento é feito com dois anos de antecedência. Tudo o que não foi previsto, só poderá ser solucionado dois anos depois. Ora, quem poderá prever milhares de pequenos problemas que surgem cada dia e cada hora. Numa organização como esta, jogando com destinos humanos, cada pessoa que chega é portadora de um problema novo e frequentemente imprevisível. Tanto pior para ela. A direção não tem autonomia, não pode tomar nenhuma iniciativa adequada e oportuna.

É ainda o dr. Meton quem afirma:

— Há mais de 30.000 menores desvalidos no Rio de Janeiro. Só no juizado de menores existem 12.000 pedidos de internamento que não podem ser atendidos. O juiz atende os casos mais urgentes. O SAM não dispõe de uma rede de asilos capaz de socorrer os menores desvalidos da cidade. Entretanto temos que atender também os transviados.

—Transviados!...

— São os que seriam criminosos se fossem adultos. Temos aqui só no Alojamento Provisório dois assassinos e vários ladrões, aqui detidos há meses ou mesmo anos. Não são naturalmente considerados criminosos, mas irresponsáveis. São produtos da miséria ou de lares desajustados incapazes de proporcionar a educação adequada.

#### UM AUTÊNTICO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

O administrador do Alojamento leva o reporter em minuciosa visita a várias secções.

— Para começar o edifício em que estamos, não foi construído para esse fim. Era um antigo quartel de polícia. Nada mais inadequado para crianças e adolescentes.

A pesada porta do antigo quartel abre-se e dá-nos passagem. É aí nessa repartição que o visitante se põe em contacto directo com a miséria da população pobre da nossa cidade. Caminhamos para uma secção do pátio onde se vêem uma reunião de meninos agrupados sob uma árvore. Cerca de cinquenta. Dois monitores e uma enfermeira vigiam-nos.

— Por que estão tão quietos?

— Depois do almoço geralmente todos os menores do alojamento ficam cerca de meia hora sentados ou em for-



Uma enfermeira em atividade, na Casa do Pobre, em Copacabana. Ali se trabalha pela solução do problema. Mas que é uma gota d'água comparada com o oceano.





São todas menores e internadas no alojamento pelo juiz de menores. Uma delas já é mãe e exhibe orgulhosamente o filhinho à máquina fotográfica.

ma com o máximo de disciplina possível e vigiados de perto.

— Que utilidade tem isso?

— Imagine o senhor centenas de menores a correr e a pular por esses pátios, escadarias, corredores, salas. Quantas quedas! Quanto perigo de morte por congestão. Não há outro meio senão impor-lhes meia hora de diminuição de movimentos.

O agrupamento causa uma impressão horrível.

A enfermeira explica:

— Aqui só não há doentes de moléstias contagiosas. Aquele ali é idiota, aquele outro débil mental, aquele, um epilético. Veja ali um esquizofrênico. Não estranha o fato deste aqui estar nu da cintura para baixo. E' idiota; não há calças que cheguem. Satisfaz as necessidades fisiológicas sem tirá-las.

O visitante experimenta uma estranha sensação de mal estar só em observar aquele estendal de misérias: Há rostos lacrimantes, olhares parados como de estátuas, risos sem sentido, corpos que agitam sem nenhuma causa aparente, físicos deformados! Em meio de tudo isso pequenos normais cuja presença ali só se deve à extrema miséria, ou ao abandono.

— São menores recentemente enviados pela Delegacia de Menores, pelas famílias em estado de extrema miséria. Quanto tempo ficarão aqui à espera de vagas é impossível prever.

O espetáculo não é apenas comovedor. E' deprimente. Aquilo faz parte do material humano do Brasil de amanhã.

"MATEI UM AMIGO!"

Visitamos uma oficina de costura. Vários adolescentes remendando trapos improvetáveis sob a orientação de

um monitor. Silenciosos e bem comportados. Pretos, mulatos, morenos, brancos. Olham desconfiados o visitante, pois não são frequentes as caras novas por ali. Um moreno de cerca de dezessete anos é extremamente simpático e parece inteligente.

— Como foi que você veio dar com os costados aqui?

Ele confunde-se, ruboriza-se. Engrola umas palavras atrapalhadas e reticências...

O chefe do Alojamento sopra-nos aos ouvidos:

— Essas perguntas mortificam-no. Caso de morte.

— Como?

— E' um exemplo de família desajustada. Pai e mãe não se entendem. A educação do menino foi prejudicada. Vivia por conta do atôa com vagabundos em Vila Isabel. Correrias, brigas, traquinagens. Um dia num desses conflitos matou um amigo. Quase enlouquece de remorso e desespero quando pensa nisso. O pior de tudo é que o pai é rico. Mas as condições desarmonicas da família prejudicaram a educação do menino.

O adolescente percebe a conversa. Parece envergonhado a voz treme.

— Foi uma coisa esquisita... Eu não queria... Como foi que aconteceu aquilo? Eramos amigos...

A tesoura treme-lhe na mão.

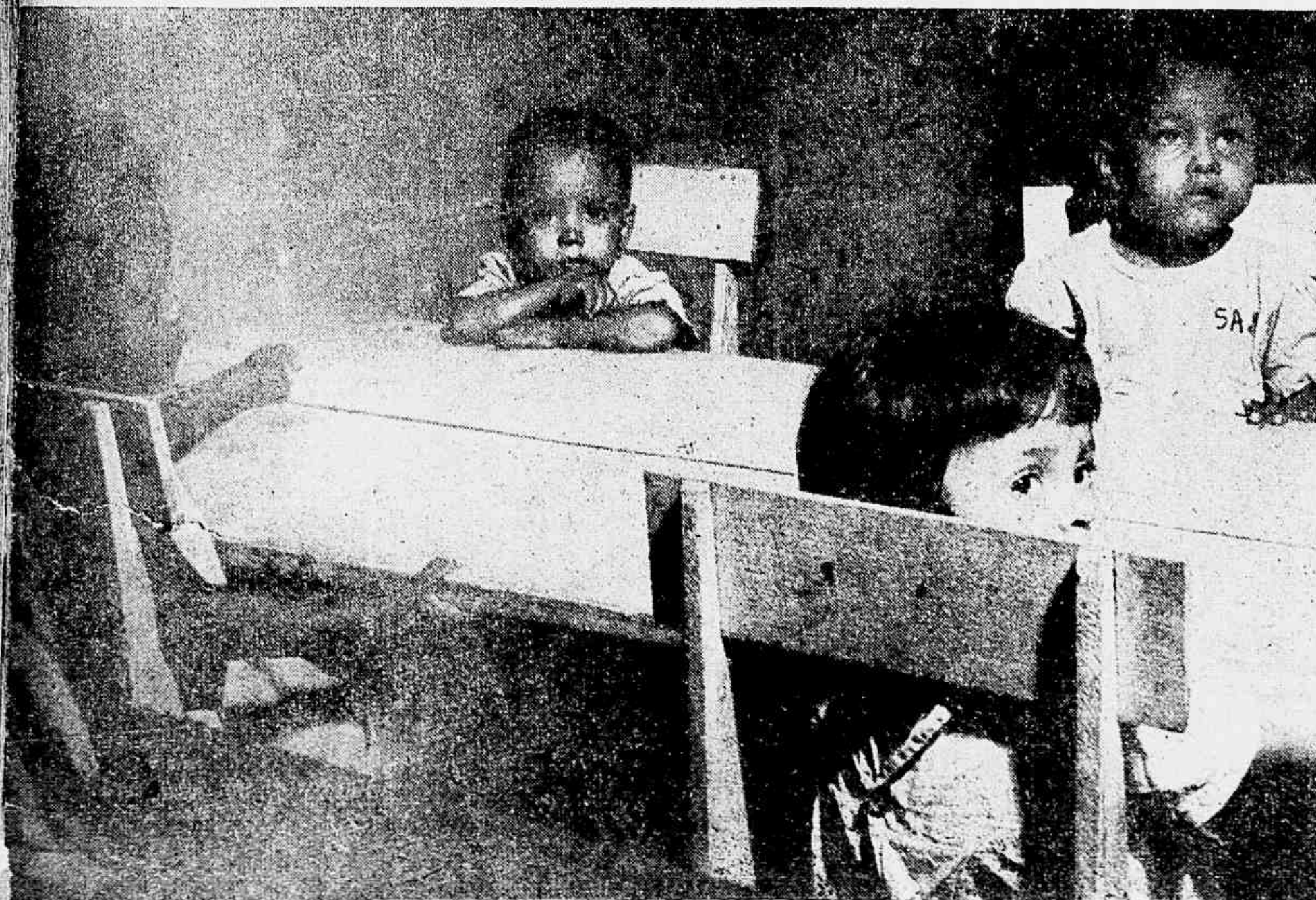
— Agora sou um assassino...

— Nada disso. — diz o chefe do Alojamento — você é apenas um irresponsável. E' por isso que está por conta do juiz de menores. Além disso é um dos que tem melhor comportamento aqui dentro.

"O SENHOR NÃO FARIA O MESMO?"

Há outro que também matou. Encontramo-lo como monitor numa enfermaria. O comportamento ali é exemplar.

Quem são os pais? Como vivem? Estão mortos? Desaparecidos? Num recanto da sala mal iluminada encontramos esse grupo que tem razões de queixas contra Papai Noel.



Sua voz fica alterada ao falar do assunto. Trata-se de um caso escabroso que não pode ser narrado aqui. Um desordeiro e degenerado sexual foi a sua vítima. Está empregado na Ilha do Governador num depósito industrial e trabalha com uma faca na mão quando o desordeiro depois de insultá-lo diante de numerosos companheiros de trabalho avança para espancá-lo. Caiu morto com uma facada no coração. O rapazola ainda treme indignado ao falar da vítima. Depois de contar o que aconteceu, pergunta:

— O senhor não faria o mesmo?

UM IDIOTA

Na sua frente, em pé, numa porta que abre para outra sala, acha-se um idiota, cabeça inclinada para a esquerda fitando impassivelmente o chão e segurando as calças de um lado e de outro com as mãos firmes como se temesse que elas caíssem. Parece uma planta indiferente a tudo. Não está satisfeito nem insatisfeito, mas simplesmente em pé como um tronco de árvore. Respira e pestaneja apenas. Pomo-nos a falar com ele, fazemos perguntas. Então? Como vai? Está melhor? Comeu bem? Não quer alguma coisa? O idiota permanece em silêncio como se nada daquilo fosse com ele. Nem move a cabeça quando o enfermeiro o empurra um pouco para o lado para abrir passagem.

— Este dá um trabalho dos diabos. E' preciso vigiá-lo o dia inteiro, senão pode cair aí por alguma escada.



Entre os débeis mentais, existem os "cretinos", quociente intelectual entre 50 e 70, "imbecis", entre 25 e 50, e os "Idiotas", abaixo de 25. Esse é um idiota. Nem uso das calças sabe fazer. Suja-as uma por uma e por isso são obrigados a mantê-lo assim, nu da cintura para baixo. Nem falar conseguiu aprender. Não obedece a ordem, pedido ou chamado algum por que não os entende. Em tempo: debilidade mental não é doença e, portanto, não tem cura. Insanidade mental é outra coisa.

"PAPAI VEIO ME BUSCAR!"

A creche é outro lugar onde o visitante leigo se martiriza. Crianças de alguns dias, semanas ou meses, deitadinhas, quietinhas, olhos sem vivacidade. Olham os que chegam como à espera de carinho. Uma acabava de sofrer uma grave operação nas nádegas e seus olhos acompanhavam todos os nossos movimentos.

— Salva-se?

— Diz o médico que sim.

Fomos a uma sala onde havia cerca de trinta crianças de dois a quatro anos. Todas sentadas em bancos baixos e obedientes à voz da enfermeira e um monitor.

— Almoçaram há pouco. Ainda não podemos deixá-los brincar.

A chegada do repórter e a um sinal amigo e algumas palavras da enfermeira, levantaram-se todos em alvoroço, cheios de inesperada alegria. Abraçam o visitante pelas pernas com as suas mãozinhas delicadas, vozes finas.

— Papai! papai! papai! papai!

— Papai veio me buscar.

Nos seus espíritos infantis alimenta-se o vago sonho de um pai que chegará certo dia, generoso e protetor, e os levará para um lar feliz. E' uma cena pungente.

Mas pouco a pouco à ordem da enfermeira regressam a seus lugares nos bancos e ficam quietinhos com a desilusão do pai que jamais chega, do pai que os esqueceu e abandonou e da mãe que nunca ou raramente aparece.

A enfermeira vai dando informações. Aquele é orfão





"Ontem era o estrondo, a grita..."

**S**ABIAMENTE colocou a Igreja a cerimônia cristã das Cinzas após o tumulto pagão do Carnaval. A Cinza é o riso desfeito, a alegria morta. Tudo o que brilha e canta, no homem vivo, é suscetível de fazer-se pó — e a Cinza é o pó humano por excelência. Em cinzas se desfazem as cidades, os impérios e as civilizações. Algumas, como Herculânium e Pompéia, jazem sob um montão de cinzas. De outras, como Cartago, o vento lhes dispersou os restos mortais: o de ser cinza...

O que horroriza, neste pó frio e escuro, é o anonimato. A cinza de César não se distingue da do mais rude germano da Floresta Negra, ou da do mais obscuro infante das legiões do Lácio. Para acudir a esta lei fatal do mundo, os sobreviventes assinalam, com mausoléus custosos, os fragmentos dos grandes homens. Mas, como tudo acaba (tudo acaba a morte, até a mesma morte — disse Vieira), depois de alguns milênios é-nos lícito acreditar que os monumentos funerários apenas resguardam a sombra dos mortos que buscam perpetuar. Os Egípcios, angustiados pela certeza inflexível do fim, encontraram, nos mistérios da sua química prodigiosa, o segredo de eternizar a criatura humana. Mas, sem vísceras, isto é, sem apetites! sem cérebro, isto é, sem consciência...

O panorama da História é um longo cemitério de Figuras e de Fatos. Do alto desse promontório da Eternidade, vê-se melhor a inanidade dos homens e das cousas. Disse-o, elegantemente, um poeta antigo, — Mendes Leal:

"Musa, onde estamos? Que tropel é este De capitais caídas, vultos grandes Ao triste escuro de mór sombra postos? Igual as ligam do sepulcro as heras Que em, multiplice, estreito, imenso abraço Unem Roma e Cartago, Esparta e Roma..."

Paços, muralhas, mausoléus são cinzas! E mal de tanto haver, ficaram restos, Dois mármore partidos e dois nomes! Um, vermeiro obelisco! outro, coluna..."

Se as nações e impérios se acabam em cinza, quem nos evitará o desfazerem-nos nela, tão cedo se apague, em nós, a chama que Deus nos insuflou em todos? O Amor, o Ódio, a Ambição, a Cobiça — tudo se encerra no epílogo pulverulento que nos aguarda. O Olhar, o Beijo, o Sor-

## FILOSOFIA DAS CINZAS

Por BERILO NEVES ★ Especial para REVISTA DA SEMANA

riso, a Frase — coisas feitas de luz — também se acabam e comburem. Os cemitérios são imensas resíduos de incêndios. Um sepulcro é uma fogueira extinta. Daí o frio que nos assalta na visita noturna aos campos-santos. Se o mármore das tumbas não resguardassem os mortos — as heranças dos séculos se dissolveriam no ar, como um punhado de pó que alguém dispersasse, de súbito, no seio de uma tempestade...

Ontem, era o estrondo, a grita, a imensa e tumultuosa alegria de viver. O Car-

naval, vestígio moderno das festas dionisiacas, através das Saturnalia romanas, é a imagem mesma do nosso destino: um rápido, enganoso folgar... Ontem, era o delírio sensual, a animalidade cecida a caráter, o triunfo ruidoso dos apetites inferiores da carne... Hoje, que é? O silêncio das naves, a quietação do arrependimento, o pungitivo morder do remorso... Hoje, é a prece, que redime! a contrição, que salva. Entre o tumulto de ontem e o sossego de hoje, há um abismo: o mesmo que separa a Vida da Morte, o ser do Não ser...

"... a imensa e tumultuosa alegria de viver"



Em vão, as filosofias têm tentado encher esse abismo com as tênues flores das hipóteses. Debaixo do tapete florido das teorias, a Morte ri sob a forma espetacular das caveiras e dos ossos. Só a Fé nos oferece a ponte que liga o nosso mundo terreno aos mundos inumeráveis do Infinito. Estamos entre dois pontos de interrogação, entre duas inquietações universais. Memento homo... Lembra-te, homem, de que és pó e em pó te tornarás... Sobre essa afirmação doutrinária da Igreja, é inútil levantar os castelos de cartas dos sofismas. O pó é o mais frio e palpável dos desenganos... É a última forma visível da Matéria. É o último capítulo da história dos homens e dos Impérios...

A advertência eclesiástica seria inútil se tivéramos olhos para ver e vagares para meditar. Estamos cercados do pó dos mortos e de cousas mortas. Que fragmento é este que nos faz espirrar? Os restos mortais de um herói, a herança polvorosa de um santo... No anonimato melancólico dos pós, cabem Joana D'Arc e Bonaparte, Henrique VIII e Tomas Morus. A inocência, o gênio, a bravura, a maldade e o saber, tudo se pulveriza no atrito fatal dos séculos. O mais feliz é o que se penetra, ainda a tempo, da inexorabilidade do seu destino material. Se o claro da Fé nos não fizesse antever as fronteiras da Eternidade, de que nos valeria retardar muito a hora decisiva de nos fazermos poeira?...

Cinzas... De catedral, de biblioteca, ou de lagartixa — que importa? Umas mais volumosas! outras, mais tênues! umas ricas em sais! outras, ainda úmidas de lágrimas — que importa? Tudo são cinzas e cinza é tudo. No sinal que nos faz a Igreja, com elas, após as festas saturnais, o que vale é o desenho consolador da Cruz. Esta é a grande esperança, a suprema realidade e o legítimo penhor. Traçam-na os sacerdotes na nossa fronte, entencimento. Não é no coração, nem nos para despertar, em nós, as potências do labírio: é na testa. Esta cruz de cinzas é, ao mesmo tempo, o símbolo do nosso destino corpóreo e a fiança da nossa reviviscência espiritual. Memento homo... A sentença é verdadeira, mas inútil. Bastaria o signo pulverulento, posto na nossa fronte pecadora, para nos advertir quanto ao triste epílogo da nossa vida terrena e à doce certeza da nossa sobrevivência eterna...



# SARAPALHA

Conto de J. GUIMARÃES ROSA \* Ilustr. de A. PACHECO

"Canta, canta, canarinho, ai, ai, ai...  
Não cante fora de hora, ai, ai, ai...  
A barra do dia aí vem, ai, ai, ai...  
Coitado de quem namora..."

(O trecho mais alegre, da cantiga mais alegre, de um capiau beirrio).

## Antologia Brasileira do Conto

O aparecimento de "Sagarana", livro de contos do diplomata João Guimarães Rosa, já premiado anteriormente como poeta, com o livro "Magma", pela Academia Brasileira de Letras, constituiu, sem dúvida, um dos acontecimentos literários de maior repercussão do ano de 1946. Elogiado por Alvaro Lins, Agripino Grieco, Sérgio Millet, Augusto Frederico Schmidt e outros, assim como negado com igual veemência por Rosário Fusco, Hélio Fernandes e outros, "Sagarana" tornou-se centro de vivo debate e, enquanto isso, duas edições da obra de J. Guimarães Rosa rapidamente se esgotavam, em lançamentos da Editora Universal. Há poucas semanas, "Sagarana" voltou ao cartaz, com a notícia de que a Fundação Felipe de Oliveira, instituto literário que tem premiado os nossos melhores escritores, entre os quais Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade, havia repartido o seu prêmio de 1946 entre o contestista de "Sagarana" e o erudito investigador de "A Arte de Furtar e o seu autor", Sr. Afonso Pena Junior. "Sarapalha", o conto que transcrevemos, não representa, talvez, o melhor volume, mas o menos extenso, ajustando-se mais ao espaço de que dispomos. Os mais representativos seriam, a nosso ver, "O burrinho pedrês" e "Conversa de bois", impossíveis, no entanto de serem estampados de uma só vez. Em todos os seus trabalhos, mantém o autor a mesma unidade de estilo e a mesma força descritiva.

TAPERA de arraiá. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sózinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu.

Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar.

Ela veio de longe, do São Francisco. Um dia, errou o caminho, entrou pela boca aberta do Pará, e pegou a subir. Cada ano avançava um punhado de léguas, mais perto, mais perto, pertinho, fazendo medo no povo, porque era sezão da brava — da "tremedeira que não desmontava", — matando muita gente.

— Talvez que até aqui ela não chegue... Deus há-de ajudar...

Mas chegou; nem demorou para vir. E foi um ano de tristezas.

Em abril, quando passaram as chuvas, o rio — que não tem pressa e não tem margens, porque cresce num dia mas leva mais de mês para minguar — desengordou devagarinho, deixando poços redondos num brejo de ciscos: troncos, ramos, gravetos, colvares; cardumes de mandis apodrecendo; tabaranas vestidas de ouro, encalhadas; curimatãs pastando barro na invernada; jacarés, de mudança, apressados; canóinhas ao seco, no cerrado; e bois sarapintados, nadando como búfalos, comendo o mururé-de-flor-roxa

flutuante, por entre as ilhas do melosal. Então, houve gente tremendo, com os primeiros acessos de sezão.

— Talvez que para o ano ela não volte, vá s'embora...

Ficou. Quem foi-s'embora foram os moradores: os primeiros para o cemitério, os outros por aí a fora, por este mundo de Deus. As terras não vallam mais nada. Era jogar a trouxa e ir deixando, depressa, os ranchos, os sítios, as fazendas por fim. Quem quisesse que tomasse conta.

Aí a beidroega, em carreirinha indiscreta — "ora-pro-nobis! ora-pro-nobis!" — apontou caules ruivos no baixo das cercas das hortas e, talo a talo, avançou. Mas o cabeça-de-boi e o capim-mulambo, já donos da rua, tangeram-na na volta; e nem pôde recuar, a coitadinha rasteira, porque no quintal os joás estavam brigando com o espinho-agulha e com o gervão em flor. E, atrás da maria-preta e da vassourinha, vinham, urgentes, do campo — "ôl-ôl" — o amor-de-negro, com os tridentes das folhas, e fileiras completas, colunas espertas, do riço assapex. Os passarinhos espalhavam sementes novas. A gameleira, amiga das ruínas, brotou com o ralzame nas paredes desbarrancadas. Morcegos das lapas se domesticaram na noite sem fim dos quartos, como artistas de trapézio, pendentes dos calbros. E aí então, taperização consumada, quando o fedegoso em touças e a buxa em latadas puderam retomar seu velhíssimo colóquio, o povoado rechou-se em seus restos, que nem o coscorão cinzento de uma tribo de marimbondos estereis.

Mas, é só andar três quilômetros para cima, brejo a-dentro, beira-rio, para se achar algum morador.

O mosquito fêmea não ferrôa de-dia: está dormindo, com a tromba repleta de maldades; sómente as larvas, à flor do charco, comem-se umas às outras, brincando com as dáfias e com as baratas-

dágua; as touceiras cheirosas do capim-gordura espantam para longe a urutú-coatiara; a jararquinha-da-barriga-vermelha é mansa, não morde; e essas outras cobras claras, que passam de cabeça alçada, em nado de campeonato, agora, mesmo que queiram, não poderão morder. Mas é bom não pisar forte naquelas esponjas verdes, que costuma haver uma cisterna profunda, por baixo da folhas dos aguapés.

Aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrada e desmantelada; uma cerca de pedra-séca, do tempo de escravos; um rêgo murcho, um moinho parado; um cedro alto, na frente da casa; e, lá dentro, uma negra, já velha, que capina e cozinha o feijão. Tudo é mato, crescendo sem regra; mas, em volta da enorme morada, pés de milho levantam espigas, no chiqueiro, no curral e no elrado, como se a roça se tivesse encolhido, para ficar mais ao alcance da mão.

E tem também dois homens sentados, juntinhos, num casco de coche emborcado, cabisbaixos, quentando-se ao sol.

O rio, lá adiante, vê-se agora a três dimensões; porque o rolo de névoa, alargado, vai, volta a volta, pela várzea, como fumaça cansada, que só quer descer e adormecer.

Primo Ribeiro dormiu mal e o outro não dorme quase nunca. Mas ambos escutaram o mosquito a noite inteira. E o anofelino é o passarinho que canta mais bonito, na terra bonita onde mora a maleita.

E' de-tardinha, quando as mutucas convidam as muricocas de volta para casa, e quando o carapaná rajado mais o moscorongo cinzento se recolhem, que ele aparece, o pernillongo pampa, de pés de prata e de asas de xadrez. Entra pelas janelas, vindo dos cacos, das frinchas, das talobeiras, das bananeiras, de todas as águas, de qualquer lugar.

— Olha o mosquito borrachudo nos meus ouvidos, Primo!

— E' a zoeira do quinino... Você está tomando demais...

Vem soturno e sombrio. Enquanto as fêmeas sugam, todos os machos montam guarda, psalmodiando tremido, numa nota única, em tom de nó. E, uma a uma, aquelas já fartas de sangue abrem recitativo, esvoaçantes, uma oitava mais baixo, em meiga voz de descante, na orgia crepuscular.

Mas, se ele vem na hora do silêncio, quando o quinino zumba na cabeça do febreiro, é para consolar. Sopra, aqui acolá, um gemido ondulado e sem pouso... Parece que se ausenta, mas está





ali mesmo : a gente chega a sentir-lhe os feixes de coxas e pernas, em linhas quebradas, fazendo cócegas, longas, longas... Arrasta um fio, fino e longínquo, de gonzo, fanho e ferrenho, que vem do longe e vai dar no longe... Estica ainda mais o fiapo amarelo de surdina. Depois o enrota e desenrola, zonzó, ninando, ninando... E, quando a febre toma conta do corpo todo, ele parece, dentro da gente, uma música santa, de outro mundo.

Manhãzinha fria. Quando os dois velhos — que não são velhos — falam, saí-lhes da boca uma bafurada branca, como se estivessem pitando. Mas eles ainda não tremem : frio mesmo frio vai ser daqui a pouco.

Há mais de duas horas que estão ali assentados, em silêncio, como sempre. Porque, faz muito tempo, entra ano e sai ano, é toda manhã assim. A preta vem com os gravetos e a lenha. Os dois se sentam no cocho, Primo Argemiro da banda do rio, Primo Ribeiro do lado do mato. A preta acende o foguinho. O cachorro corre, muitas vezes, até lá na tranqueira, depois se chega também cá para perto. A preta traz café e cachaça com limão. Primo Argemiro sopra os tijolos e ajunta as brasas. E, um pouco antes ou um pouco depois do sol, que tem um jeito de aparecer sempre bonito e sempre diferente, Primo Ribeiro diz :

— Ei, Primo, aí vem ela...

— Danada !...

— Olh'ê ele aí... o friozinho nas costas...

E quando Primo Ribeiro bate com as mãos nos bolsos, é porque vai tomar uma pitada de pó. E quando Primo Argemiro estende a mão, é pedindo o cornimboque. E quando qualquer dos dois apoia as mãos no cocho, é porque está sentindo falta de ar.

E a maleita é a "danada"; "coitadinho" é o perdigueiro; "eles" a gente do povoado, que não mais existe no povoado; e "os outros" são os raros viajantes que passam lá em-baixo, porque não quiseram ou porque não puderam dar volta para pegar a ponte nova, e atacam pelo vau.

Primo Argemiro olha o rio, vendo a cerração se desmanchar. Do colmado dos juncos, irrompe o vôo curvo de uma garça : tão ligeiro, que é apenas um movimento branco, riscado no alto, em direção à mata. Também, Primo Argemiro não pode olhar muito : ficam-lhe muitas

garças pulando, diante dos olhos, que doem e choram, por si sós, longo tempo.

— Está custando, Primo Argemiro...

— E' do remédio... Um dia ele ainda há-de dar conta da danada !...

O sol cresce, amadurece. Mas eles estão esperando é a febre, mais o tremor. Primo Ribeiro parece um defunto — sarro de amarelo na cara chupada, olhos sujos, desbrilhados, e as mãos pendulando, compondo o equilíbrio, sempre a escorar dos lados a bambeza do corpo. Mãos moles, sem firmeza, que deixam cair tudo quanto ele queira pegar. Baba, baba, cospe, cospe, vai fincando o queixo no peito, e trouxe cá para fora a caixinha de remédio, a cornicha de pó e mais o cobertor.

— O seu inchou mais, Primo Argemiro?

— Olha aqui como é que está... E o seu, Primo ?

— Hoje está mais alto.

— Inda dói muito ?

— Melhorou.

E' da passarinha. No vão esquerdo, abaixo das costelas, os baços jamais cessam de crescer. E todos os dias eles verificam qual foi o que passou à frente.

Um barulho. E' o cachorro magro, que agita as orelhas dormindo, e dorme alertado, com o focinho cúbico encostado no chão.

Primo Argemiro espera um pouquinho. Aí, ele se espanta. De há muitos anos, dia trás dia, tem a hora do perdigueiro dormir ali perto, e a horinha do perdigueiro sacudir as orelhas, que é o momento de Primo Ribeiro dizer :

— Vida melhor do que a nossa...

Para Primo Argemiro, eternamente, responder :

— E' sim...

E, agora, Primo Ribeiro não falou. Por que ? Ficou mudo, espiando as três galinhas, que cisca e catam por ali. Por que ?... Está desfilando a beirada do cobertor, com muita nervosia de unhas. E' preciso perguntar-lhe alguma coisa.

— Será que chove, Primo ?

— Capaz.

— Ind'hoje ? Será ?

— Manhã.

— Chuva brava, de panca ?

— Às vez...

— Da banda de riba ?

— Be trás.

O passopreto, chefe dos passopretos da margem esquerda, pincha num galho do cedro e convoca os outros passopretos, que fazem luto alegre no vassoural ras-

teiro e compõem um "kraal" nos ramos da capoeira-branca. Vão assaltar a rocinha; mas, antes, piam e contrapiam, ameaçando um hipotético semeador :

— "Finca, fin-ca, qu'eu 'ranco ! qu'eu 'ranco !..."

Sobem, de escantilhão, para a copa da árvore, como um borrião de tinteiro. Gritam, gritam. Dai, para os pés de milho, descaem aos flocos, que nem os torrões da última pazada de um foguista. Tão sabidos, que as grimpas de onde saíram balançam, mas não há a menor agitação nos sabres, nem nos colmos e nem nas espigas do milharal.

Podem zombar, podem chamar o resto dos melros, podem comer o milho todo e o arrozal já selvagem. Porque, mais da metade de uma hora é passada, e nada dos dois homens se mexerem de onde estão.

Mas Primo Ribeiro nunca teve esses olhos estúrdios e nem esses ar de fantasma. E Primo Argemiro tem de puxar qualquer conversa :

— Olha, Primo, se a gente um dia puder sarar, eu ainda hei de plantar uma roça, no lançante que trepa par ao espigão. Deve ser bom a gente poder capinar lá em riba, de manhã cedinho... Tem uma norúega, lá atrás, cheia de samambaiá e parasita roxa. Eu havia de fazer uma roça de três quartas, mas com uns cinco camaradas no elto, todo-o-mundo cantando e puxando o cacumbú !...

— P'ra que, Primo Argemiro ?... A gente nem tem p'ra quem deixar...

Silêncio. Passopretos. Silêncio. Cisca das galinhas. Passopretos. Silêncio. Primo Ribeiro :

— Primo Argemiro !

E, com imenso trabalho, ele gira no assento, conseguindo pôr-se de-banda, meio assim.

Primo Argemiro pode mais : transporta uma perna e se escancha no cocho.

— Que é, Primo Ribeiro ?

— Lhe pedir uma coisa... Você faz ?

— Vai dizendo, Primo.

— Pois então, olha : quando fôr a minha hora, você não deixa me levarem p'ra o cemitério do arraial... Quero ir mas é p'ra o cemitério do povoado... Está desdelhado, mas ainda é chão de Deus... Você chama o padre, bem em-antes... E aquelas coisinhas que estão numa capanga bordada, enroladas em papel-de-venda e tudo passado com ca-

darço, no fundo da canastra... se rato não vceu... você enterra junto comigo... Agora eu não quero mexer lá... Depois tem tempo... Você promete ?

— Deus me livre e guarde, Primo Ribeiro... O senhor ainda vai durar mais do que eu.

— Eu só quero saber é se você promete...

— Pois então, se tiver de ser desse jeito que Deus não há-de querer, eu prometo.

— Deus lhe ajude, Primo Argemiro. E Primo Ribeiro desvira o corpo e curva ainda mais a cara.

Quem sabe se ele não vai morrer mesmo ? Primo Argemiro tem medo do silêncio.

— Primo Ribeiro, o senhor gosta d'aqui ? ...

— Que pergunta ! Tanto faz... E' bom, p'ra se acabar mais ligeiro... O doutor deu prazo de um ano... Você lembra ?

(Continua na pág. 49)







— Mas, minha senhora! Com essa cara?  
— Que quer? eu poso para caricaturas!



— Espere, Mariquinhas! Eu já lhe explico tudo...

## BOM HUMOR

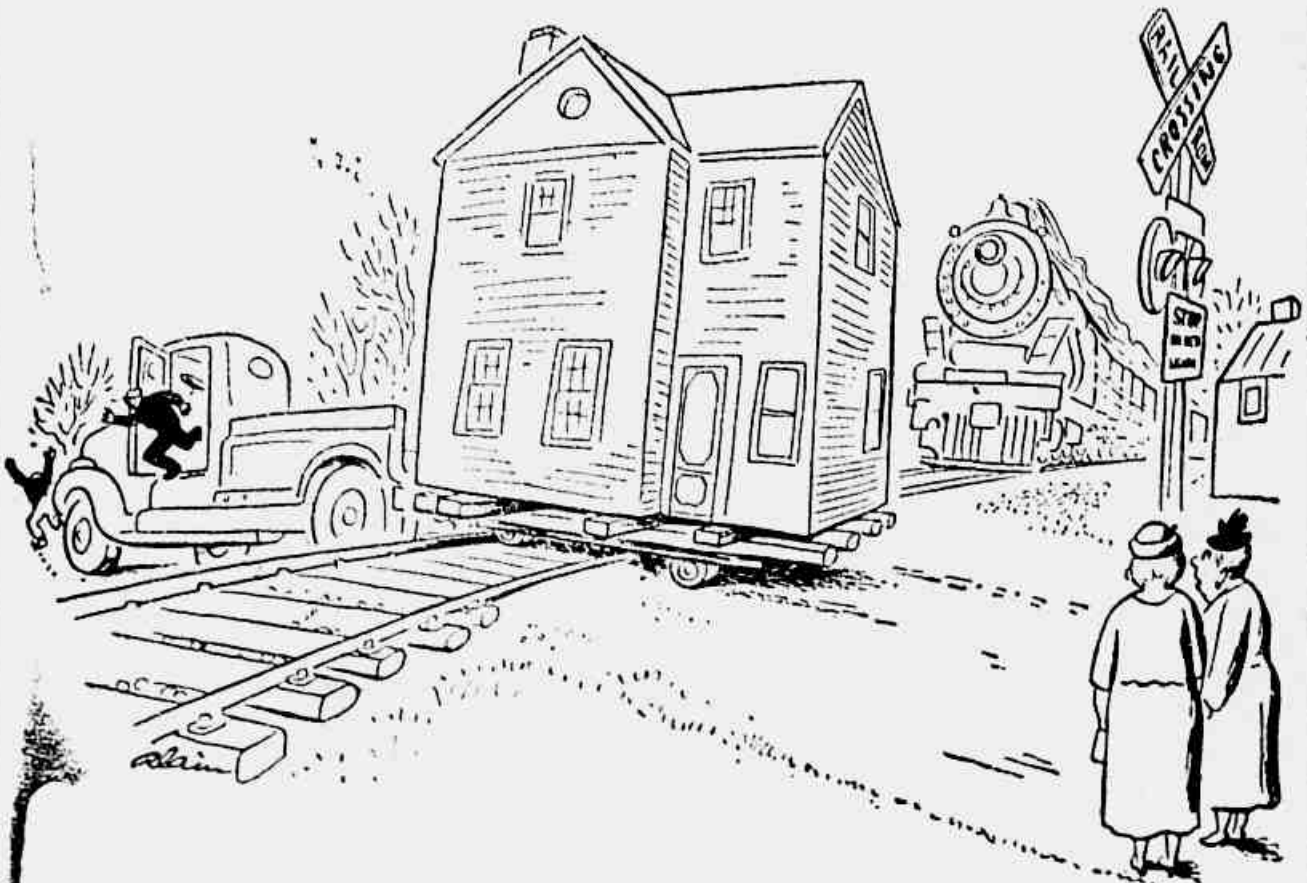


— Você não podia segurar o novelo de lã com a mão esquerda enquanto toca?

## ROUPAS USADAS



— Tenho a certeza de que o freguês está aí dentro... Eu ouvi uma voz...



— Tem razão, dona Josefa... O problema das casas está piorando a cada instante...



— Minha filha... acho melhor você pôr os óculos e acabar com isso!







**E**M geral o brasileiro nasce facundioso e versificador. Mesmo a condição humilde não lhe tolhe o exercício da palavra e do verso. Para provar aí estão as reuniões públicas ou íntimas nas quais o "peço a palavra" é de praxe. Quando ao pendor pelo verso no brasileiro que o diga a musa popular expandida no folclore de ricas imagens e verdadeiros achados.

A divulgação do verso servem a imprensa e o livro, à glória da palavra dos grandes oradores oferece-se a tribuna de várias denominações, parlamentar, forense, acadêmica, sagrada, e para esta reservado o nome de púlpito, também o de Cadeira da Verdade.

Aquelas tribunas, políticas, judiciárias, acadêmicas ou religiosas, têm subido entre nós lidimos representantes de nossa inteligência e cultura.

No Brasil século passado a tribuna parlamentar foi bem frequentada, gravando na história pátria o nome de alguns frequentadores exímios.

Eis dois: José Bonifácio o Moço e Salles Torres Homem. Morrendo aos cinquenta e nove anos, de centenário decorrido há dezenove anos, goza o segundo José Bonifácio do invejável sobre-excepcional privilégio de ser sempre o Moço, passe o tempo que passar.

Salles Torres Homem foi um desses por Tático qualificados nascidos de si mesmo. Tinha de vencer e venceu, o seu princípio de vida adverso à conquista da fama.

Oradores sempre por todos escutados, o que para oradores é dizer tudo, José Bonifácio e Torres Homem viram-se acusados de decoração dos seus discursos.

José Bonifácio conhecia a acusação, disse-nos um seu íntimo. Para ele, José Bonifácio chegou a perder nome. Tratava-o de ordenário pelo "Grande Homem".

Ao amigo disse José Bonifácio: "Tendo estudado a fundo o assunto que pretendo expor, cuido de orná-lo. Sobretudo a poder repetir, acabo fixando em boa memória trechos ou imagens destinados a impressionar auditório. No mais deixo o resto por conta da palavra que Deus me deu, e lhe agradeço".

Não ignorava também Torres ser ele recusado de decorar discursos, dizendo maldizentes até que até os estudava diante do espelho, posição na qual a caricatura entendeu representar Torres Homem.

Exemplo de orador à própria custa foi José de Alencar. Dele, no parlamento, começaram fazendo pouco para que depois o temessem muitos na Câmara dos Deputados e no Senado. Neste na qualidade de ministro de Estado era posto à direita do presidente da assembleia por não ter assento nesta, os ministros senadores falando de suas cadeiras.

Orador parlamentar, José de Alencar esquecia-se de ser literato. Nada de retórica, nada de ir ao alvo por meandros. Versado em ciência jurídica, advogado militante, Alencar sabia servir-se da argumentação dando à palavra o valor de esgrima. Não só a arte da esgrima conhece paradas e golpes à cara e à cabeça. Na resposta a adversários no campo da oratória também os duelos apresentam golpes e paradas.

Duelou-se Torres Homem na sua ascensão política ajudada por sua pena de jornalista, deputado, ministro de Estado, senador, cuja escolha trouxe a tribo partidária liberal da época em confusão e raiva, subida ao Poder Moderador.

Torres Homem era um homem em público, grave, solene, de rosto fechado. Na intimidade outro homem, descerimonioso, de semblante afável, dado a confidenciar.

Amigo e frequentador da casa de Torres Homem, senador pelo Rio Grande do Norte, era o padre João Manoel de Carvalho um natural da província e nortista, dela em certo tempo seu representante na Câmara dos Deputados.

José de Alencar, o orador parlamentar nascido de esforço próprio.



# QUATRO ORADORES

E S C R A G N O L L E D O R I A

O padre João Manoel seria o sacerdote que de futuro pregaria a República na ruidosa apresentação do ministério Ouro Preto à Câmara dos Deputados em 1889.

Desiludido após o 15 de Novembro João Manoel, no jornalismo, penitenciou-se como bom e culto sacerdote. Voltando-se então para o passado dele começou a evocar sucessos e figuras, uma delas Torres Homem por quem João Manoel nutria admiração.

Conversando com o padre amigo, confessou-se-lhe o estadista: em expansão de alma.

"Há quem pense que sou orgulhoso e impostor, julgando-me pelas aparências. Não há tal, acrescentou com acentuado tom de sinceridade, sou hoje o que fui sempre, este meu todo, este meu porte, este meu ar, são os mesmos dos tristes tempos em que eu era obrigado pela necessidade a lavar eu mesmo na véspera o único lenço de que tinha de servir-me no dia seguinte".

A pobreza! Que escola e dela quantos grandes discípulos têm saído para a glória!

Político e sacerdote, o padre João Manoel gozava de consideração no Rio de Janeiro onde foi destacado vigário da freguesia da Candelária.

Desfrutava João Manoel a estima e a proteção do vigário geral do bispado, monsenhor Felix Maria de Freitas e Albuquerque. Instou este com João Manoel pedindo-lhe que pregasse em grande solenidade na Capela Imperial, função para a qual convidados a Família Imperial, sua corte e grandes do Império.

"Quando subimos ao púlpito — são palavras do padre João Manoel — lançando a vista sobre o auditório, deparei-me com a figura de Salles Torres Homem metido em sua farda de conselheiro de Estado.

Sua presença ali nos fez estremecer, porque tínhamos de ser ouvidos por um eminente mestre da eloquência.

Fazendo, porém, das fraquezas forças nós o nosso recado conforme Deus nos ajudou. Descendo do púlpito, profundamente impressionados, ignorando o juízo que o grande luminar da tribuna tivesse formado a nosso respeito".

Dias depois, o pregador foi à casa de Torres Homem. Tratou este e logo de referir-se ao recente sermão da Capela Imperial. Dono da casa e visita travaram conversa sobre o sermão.

Começou Torres Homem verdadeira lição de oratória, dizendo:

— Tive o prazer de ouvi-lo pela primeira vez, permitindo-me que lhe externe com franqueza todo o meu juízo.

— É uma honra que V. Exa. me faz.

— O senhor possui dotes de orador, mas tem um grande defeito, falta-lhe escola.

— Reconheço que tudo me falta.

— Falta-lhe escola. Consinta que lhe dê um conselho que pode aproveitar-lhe.

Quando entendi que devia proferir "discursos notáveis" no parlamento, procurei na leitura dos grandes mestres da antiguidade o tipo com que mais me afeiçoasse, e que felizmente eu encontrei. Identifiquei-me com o modelo assimilei-o completamente e desde então começaram os meus triunfos oratórios.

Não revelou Torres Homem a que grande orador antigo se afeiçoara e dera simpatias. Continuou assim:

— Em vista dos meus sucessos na tribuna parlamentar, dizem por aí que pronuncio discursos decorados com o fim de diminuir o seu mérito e o seu valor. Não há tal. Quando subo a tribuna, sei o que vou dizer, pelo estudo que faço, meditando sobre assunto de que tenho de ocupar-me. Adote o mesmo processo, lendo os oradores sagrados de maior celebridade identificando-se com aquele que lhe inspirou maiores simpatias.

Não fale nunca sem estar bem preparado. Meditando os seus discursos, sabendo o que val dizer, o pensamento se revestirá facilmente de forma apropriada, construindo-se naturalmente a frase que se desprenderá de seus lábios com espontaneidade e precisão.

Não se aventure a improvisos, que em regra são o escolho dos oradores. Raríssimos são os improvisos bem sucedidos, porque raríssimos são os momentos de verdadeira e feliz inspiração.

Os oradores que sem preparação se arriscam a falar, confiando nos recursos da inteligência, cabem sempre nos lugares comuns, tornando-se forçosamente vulgares".

Quanto em silêncio, na sua cadeira de deputado, na de senador, teria Torres Homem tido ensejo de reconhecer que muitos oradores tinham levado discursos de encontro ao "escolho do improviso", muito maior o número dos que dizem sem pensar primeiro do que o número de quantos pensam primeiro para dizer com segurança. Para isto, pelo impulso da loquacidade, os parlamentos oferecem vasto campo de observação.

Reproduziu o padre João Manoel a lição de eloquência de Torres Homem em fins de 1894, portanto quase vinte anos depois de tê-la recebido do grande orador cuja chave de ouro de oratória parlamentar foi o seu discurso no Senado a favor da lei do Ventre Livre, desde logo com pleno direito a páginas de antologia.

Pena foi que ao seu fiel amigo Leomil, não houvesse também José Bonifácio confiado por inteiro sua preparação de discursos parlamentares, no curso de palestra em sua casa da praia das Flexas em Icarai.

Restam-nos as reminiscências do padre João Manoel, a permitirem-nos, pela evocação, "ouvir" quem há setenta anos para sempre se calou, longe da pátria, em Paris, para que na pátria lhe repousem restos mortais.





**N**A cidade de Belém, capital do Pará, veio ao mundo Carmen de Jesus Gonzalez, uma das nossas interessantes intérpretes da música popular. Admiradora da arte cênica, cedo travou conhecimento com a ribalta, trabalhando em conjuntos de amadores e depois nas companhias de Walter de Sequeira, Hortência Santos, Paulo Ferraz, Cazarré, Alda Garrido, Itala Ferreira e Araci Côrtes. No rádio, começou na Cajuti. Cantou depois na Mayrink Veiga, no "Programa do almoço"; na Rádio Club do Brasil, na Rádio Ipanema, na Rádio Club Fluminense. Integrou o "show" do extinto Cassino Icarai, a convite de Jayme Redondo, e excursionou por vários Estados do Brasil, cantando em diversas estações. Foi estudante de medicina, carreira que abandonou para se dedicar à arte. Sua maior emoção no teatro foi ao fazer um incrível característico em "A mulher do seu Adolfo", uma chanchada encenada pela Companhia Déa-Cazarré. Enquanto que no rádio, foi exibir-se numa estação portenha, quando tocou maracás, em ritmo diverso do argentino. Carmen Gonzalez interpreta músicas mexicanas com a mesma personalidade com que canta o samba. Este ano, fará uma excursão a Buenos Aires, devendo apresentar-se nas principais "boites" e emissoras argentinas. Muito jovem ainda, dotada de plástica atraente, pratica a natação; gosta muito de cinema; acorda cedo, apesar de dormir tarde; ouve rádio e é leitora de Humberto de Campos e Erico Veríssimo. Seu maior desejo é viajar, divulgando a nossa música. Aprecia as cores claras, não tem prato preferido e adora os seus "fans".

**A**OS dez anos de idade, Salomé Cotelli travou conhecimento com o rádio, através do programa "Hora do guri" e na qualidade de integrante do "Côro dos Apiacás", dirigido pela senhora Lucilla Vila-Lobos. Daí formou no "Quarteto Tupã", ao lado de Consuelo Sierra, Edmar Martins e Lourdes Patriota, recebendo os louvores da crítica. Com a dissolução do quarteto, passou a cantar sózinha, preferindo a música de camera. Também tomou parte em espetáculos de rádio-teatro, fazendo a irmã de Schubert na adaptação de Oduvaldo Viana, "A vida de Schubert"; Maria, na radifonização de "As mulheres de bronze", além dos "sketches" do "Teatro do Guri", em que trabalhou ao lado do Capitão Furtado. Salomé Cotelli está radicada há dez anos na Tupi, tendo cantado durante um período de dois meses na Rádio Nacional. É "fan" de Silvio Caldas, Emilinha Borba, Cristina Maristany, Carlos Frias, Paulo Porto, Sonia Barreto, Amélia Simone e Luis Tito. Prefere as cores claras; estuda piano, canto e literatura francesa, além do italiano e inglês, pois pretende viajar muito. Sabe nadar, gosta de jogar peteca e andar de bicicleta; lê os clássicos e atende com prazer os telefonemas de seus "fans". Não tem prato preferido, apreciando todos os que são bem feitos. É ouvinte do "Feiticeiro dó-ré-mi", do "Ovo de Colombo", "Um milhão de melodias" e "Dona Música". Nasceu no Distrito Federal; pesa cinquenta e dois quilos; tem um metro e sessenta e oito de altura; é pontual nos horários de serviço. Salomé Cotelli já cantou na Radio Guarani, de Belo Horizonte, e na Tupi bandeirante.

## GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS



**A**RMANDO LOUZADA nasceu a nove de dezembro de 1908, em plena capital paulista. Dedicando-se a escrever, cedo tornou-se jornalista, correia que lhe proporcionou enseja de travar relações com a ribalta, a ponto de escrever várias peças e traduzir outras tantas. Mais tarde, ingressou na Rádio Mayrink Veiga, tendo escrito trabalhos para o "Teatro pelos Ares", além de várias cortinas, todas reunidas em volume, editado pela Livraria José Olympio. Lançou vários programas, como "Balangandans", "Don Pancho" e outros. Na PRA-9, contraiu núpcias com a artista Simone Moraes. Com Dulcina e Odilon, visitou a República Argentina. Trabalhou em diversas companhias teatrais, inclusive na de Procópio, com quem apareceu em "O homem que fica" e na de Dulcina. No cinema, fez seu "debut" no filme "Favela dos meus amores", da Brasil Vita Filmes, retornando a seguir em "Pega, ladrão", ao lado de Mesquitinha e outros. Além de ator, jornalista e "rádio-writer", Armando Louzada é eletro-técnico, embora não exerça a profissão. Antes de ingressar no "cast" da Rádio Nacional, tinha verdadeiro pavor de viajar em elevador. É torcedor do Flamengo; pesa sessenta e seis quilos; tem um metro e oitenta de altura; gosta das cores vermelha e branca; aprecia quiabos com camarão; pratica a equitação e nunca usou pseudônimo. Em matéria de cinema, gosta de Greer Garson e Paul Muni. No teatro, prefere Dulcina e Procópio Ferreira. Lê Erico Veríssimo, Gilberto Freyre e Genolino Amado. Sua preocupação: — trabalhar.

**N**A Rua D. Maria, no número quarenta e oito, veio ao mundo Nelson Gomes de Araujo, ora integrando o quadro de cantores da Rádio Ministério da Educação, onde anima os diversos programas de Gentil Puget. Sua carreira radiofônica, quanto seja das mais novas, nem por isso deixa de ser brilhante. Inscrito como sério candidato no "Campeonato dos Calouros", cedo afastou-se do concurso, por motivo de doença. Foi quando veio a ingressar na PRA-2, aí permanecendo até hoje. Contando trinta e seis anos, tendo setenta e dois quilos e um metro e setenta e oito de altura, Nelson Simas, a par de sua atividade radiofônica, desempenha as funções de escrivão numa importante empresa. "Fan" de Francisco Alves, Linda Batista e Silvio Caldas, coleciona as gravações dos mesmos, possuindo apreciável discoteca. É "habituê" das corridas de cavalos; torce pelo América F. C.; dá preferência ao azul, embora ande sempre de branco; pratica o remo; exercita-se em natação e joga futebol, sendo sério rival de Leônidas. Aniversaria em trinta de dezembro. No cinema é "fan" de Gary Cooper, Tyrone Powell e Linda Darnell; enquanto que no teatro, gosta de Procópio Ferreira, Jaime Costa e Itala Ferreira, os quais deseja ver outra vez juntos. Não é supersticioso, apesar do receio que tem do número treze. Também desconhece prato predileto, por gostar de todos... É refratário ao fumo; amigo da leitura, preferindo Humberto de Campos, Eça de Queiroz e o Barão de Itararé.





**Ilustração de  
ORLANDO MATTOS**

O dia era escuro, bastante nublado. Aquela hora as ruas estavam cheias e notava-se o andar apressado de todos, como se quizessem chegar depressa em suas casas. Quando ela via dois jovens de braços dados, sentia uma coisa esquisita na alma.

— Então, satisfeita?

— Não, não muito.

Esta sua resposta fez seu companheiro dar mais força ao carro. Corria agora numa marcha perigosa. Qualquer descuido poderia ser fatal. O ronco contínuo e monótono do motor enchia os ouvidos de Irene de outros sons que lhe pareciam estranhos. Começou a pensar. Naquela hora, provavelmente, em sua casa, já estariam dando pela sua falta. Sua mãe, seu pai, seus irmãos já começariam a conjecturar sobre o que haveria acontecido. No entanto ela estava ali, ao lado de um desconhecido quase e ia ao encontro

de coisas que perturbariam por completo a sua vida e a de todos os seus. Tudo começara naquele dia, já faziam seis meses. Quando ia saindo do escritório viu, a poucos passos, um bonito automóvel. Passou perto e um rapaz, que estava dentro, lhe dirigiu um "galanteio" qualquer, espirituoso como o são sempre esses galanteios. Ela passou sem lhe dirigir o olhar. Mas as duas moças que a acompanhavam lhe disseram, quando viraram a esquina, que o rapaz do carro as vinha seguindo. E de fato ele as seguiu durante certo tempo. Vendo que nenhuma delas, muito menos Irene, que mais parecia lhe interessar, lhe dava atenção, desistiu e tomou outro rumo, dando assim um grande alívio às três moças. No dia seguinte lá estava de novo. Nos outros a mesma coisa. Irene, aos poucos, quase sem querer, começou a olhar para o moço. Depois de alguns dias um "flirt" estabeleceu-se entre eles. A seu pesar, começava a achar aquele indivíduo simpático e de maneiras atraentes. Sem saber como, depois de algum tempo, já conversava com ele, que sempre insistia em levá-la até perto de casa.

— O que tem isto, Irene? Você até parece que tem medo de mim. Escuta aqui, filha, eu não sou bicho papão, não.

— Eu sei que você não é. Mas sei também que não fica bem entrar em seu carro quando mal lhe conheço.

— Está bem. Não há de ser nada. A princesa não quer... nada feito. E que tal um cinemasinho hoje à noite? Hein? Boa idéia não? Nós poderemos ver "Farrapo Humano", ou você já viu?

— Não, não vi ainda. Mas não sei se Mamãe me deixará sair hoje.

— Deixa, sim. Você pode ir com sua irmãzinha. Em todo caso espero você faça uma "forcinha" com a "velha". Posso lhe garantir que você não se arrependerá.

— Vamos ver.

E assim a "amizade" entre os dois ia crescendo e se firmando. Ele sempre correto, discreto, nada audacioso. Ela já se arrependia de ter feito mau juízo do rapaz. Também eu sou muito desconfiada. Pensei logo coisas horríveis, que ele era isto, era aquilo. No entanto, quer um namoro sério, sem exageros. E foi tendo cada vez mais confiança. Contava-lhe as suas aspirações, os seus planos, as suas delusões. Entrava em detalhes sobre sua família, sobre seus irmãos que trabalhavam, a vida que levavam. E foi gostando

As coisas passavam depressa ante os olhos espantados de Irene. Sobre as molas macias do carro ela via passar as paisagens, as casas, as pessoas. O seu companheiro não dizia nada, toda sua atenção voltava-se para o ritmo cada vez mais intenso do motor. Os pensamentos de Irene estavam confusos, embaralhados. O seu coração batia muito depressa e um grande medo ia se apoderando dela. Sentia as mãos frias, trêmulas.





dele, criando amor. Quando assustou, estava apaixonada. Fazia-lhe todas as vontades. Não sabia recusar-lhe nada. E assim as coisas foram correndo. O moço era escolado. Conhecia todas as manhas necessárias para conquistar uma pequena sentimental como Irene. Empregava todos os meios. Quando percebeu que ela confiava inteiramente nele, tentou firmar ainda mais esta confiança. E deu o golpe decisivo. Convidou-a para ir ao seu apartamento. Ia dar uma festinha. Só amigos íntimos e algumas moças conhecidas. Gente sem cerimônia. Ela nem precisaria avisar em casa. Garantia que a coisa ia ser boa. Danças, bebidas, enfim uma boa farra. Dessas que deixam a gente uma semana inteira curtindo ressaca. E para ela, que vivia presa naquele escritório, sem a menor diversão aquilo seria ideal, dizia ele. A princípio recusou, ponderou que não ficava bem, que não conhecia nenhuma das moças. Mas afinal cedeu. No dia, estava muito emocionada. Acompanhava, com ansiedade, a marcha lenta dos ponteiros do grande relógio que ficava perto de sua mesa. As 6 horas saiu com o coração aos pulos. Entrou logo no carro. Notou que seu companheiro estava diferente, parecia estar, também, emocionado. Ele lhe disse que talvez alguns amigos não pudessem ir à reunião. Talvez muito poucas pessoas fossem. Afinal confessou que ninguém iria. O coração de Irene parecia querer saltar do peito. O automóvel corria cada vez mais. Sentia uma angústia terrível. Ao mesmo tempo uma expectativa estranha lhe deixava entrever prazeres desconhecidos. Sentia medo e curiosidade. Em sua cabeça cruzavam-se, rápidos, os pensamentos, como relâmpagos cortando o

céu. Olhava para Paulo e o achava infame, covarde, mas, ao mesmo tempo, sedutor, atraente. O plano dele era claro. Não poderia haver dúvidas. O que farei? Não sei, a minha cabeça está estalando de dôr. Tenho vontade... tenho vontade de ir. Afinal gosto dele. Agora, estou vendo, tenho-lhe mesmo muito amor. Não saberia recusar-lhe coisa nenhuma. Mas, a minha família. Mamãe, coitada. E papai? Sempre viveu trabalhando, economizando para nos dar um relativo conforto. Seria estragar para sempre a vida dos dois. Estou vendo ele chegar em casa, à noite, cansado, com um embrulho debaixo do braço. Aquele embrulho é um símbolo de seu carinho por nós. Priva-se, às vezes, de seu cigarro, para trazer aquilo para mamãe. Acho que se ele não existisse...

— Então, Irene, você não diz nada, está com raiva de mim?

— Não, Paulo, nem sei! Estou com a cabeça doendo muito.

— Você quer tomar um compromisso? Lá no apartamento tem.

— Sim, sim, vamos vêr.

Nem sei o que estava pensando. E os cabelos brancos dele. Aquele sentimento de honra que ele tem. Sempre teve. Para ele a honra é tudo na vida. Não, não posso fazer isto. Por causa de alguns minutos de prazer desmoronar, desmanchar um lar, onde circula o meu sangue. Não. Não poderia. Os meus nervos... bem, sinto um apelo terrível em meus nervos. Mas... não... não poderia. Eles não me dominarão. Tenho que vencê-los. Depois, mesmo pensando mais egoisticamente, ainda posso casar, ser feliz, ter um lar. Se vivi até aqui sem Paulo posso viver mais. Graças a Deus tenho forças para vencer esta tentação. Estou satisfeita comi-

go. E não darei a papai, a mamãe, aos manos este grande...

— Estamos quase chegando, Irene, você vai gostar.

— Vou gostar de que?

— Uai! De que? Do apartamento, Irene. Você esteve sonhando? Olhei para o seu rosto e tive a impressão de que você estava muito longe daqui.

— De fato, Paulo, eu estava pensando... e sabe o que?

— Não. Mas estou morrendo de vontade de saber, princesa.

— Estive pensando que você é um inocente, não sabe o que está fazendo.

— O que é isto Irene? Você não bebeu ainda. Espera, primeiro, deixa você virar umas três doses de uísque.

— Estou falando sério, Paulo. As suas gracinhas agora me deixam enojada. E eu que pensei gostar "disto". Sabe de uma coisa? Eu não vou ao seu apartamento e não quero nunca mais ver esta "cara" de... de... nem sei o que.

— Nós vamos ver se você vai ou não. Eu não paro o carro. Se você quiser salte então. Você pensa que eu perdi o meu tempo com você, uma empregadinha desclassificada, somente para ouvir os seus casos de família e vêr os seus belos olhos? Não, minha gatinha esperta, a coisa não pode acabar assim não.

Um ódio selvagem, violento, incontrollável, tomou conta de Irene. Teve um nojo tão grande daquele boneco sem sentimentos que estava a seu lado — muito bem vestido, todo engomado e frisado, mas sem um pingão de dignidade, de honra na alma — que quase o esbofetou. Ele leu tudo isto no rosto dela. E teve medo. Acovardou-se, prometeu voltar, mesmo porque Irene o ameaçava de desgo-

vernar o carro. Quando ela olhou de novo se convenceu de que tinha perdido a cartada. Não adiantava insistir. "Deste mato não sai coelho", pensou canalhamente. E voltou pelo mesmo caminho. No seu bairro, ela desceu sem lhe dirigir uma palavra. Eram oito horas da noite. Pouco movimento. Irene sentia a alma leve, como se tivesse lutado contra grandes forças e as tivesse vencido. Uma sensação de alívio, assim como alguém que está prestes a cair num abismo e é salvo apoderou-se dela. O seu coração ria, ria, como se houvesse uma festa dentro dele. Apenas as feições agora odientas de Paulo a perturbavam ainda. Mas olhando as estrelas — mágicas gotas de luz que lavam todo o mal — aquelas feições foram se diluindo e perdendo todo o seu poder sugestivo. Entrou numa confeitaria e comprou alguns pastéis. Depois saiu cantando baixinho, sem reparar em ninguém, a passos miudos. No mais íntimo de sua alma surgiu, como numa milagrosa visão, inúmeras imagens de moças iguais a ela, que, por causa de suas imprevidências, caíram para sempre na voragem que leva a uma vida onde, para esquecer a falta de uma amir sincero, as imaginações torturadas inventam vícios deprimentes e dissipações consumidoras. Ao pensar nessas suas infelizes irmãs toda a emoção recalcada que oprimia naquela tarde dominou-a inteiramente. E as suas lágrimas saíram quentes, sinceras, consoladoras, pingando em seu vestido, manchando o embrulho. Mas em casa, apesar de seus olhos estarem vermelhos ainda, ela sorriu — um sorriso de perdão e, apesar de tudo, de esperança num amor verdadeiro — quando o Juquinha disse ao provar o que ela trouxera: — Puxa! Mas que pastel salgado!



# A VIDA DE VELÁZQUEZ

(Diego Rodríguez de Silva y Velázquez — 1599 - 1660)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com o Livraria do Globo, de Porto Alegre).



Velázquez, o famoso pintor espanhol.

**V**ELÁZQUEZ foi um fenômeno raro — um artista que nunca esteve em luta com a vida. Seus dias passaram-se tranquilamente. Contentava-se com o que possuía. Alcançou posição na sociedade da época, e apreciava-a. Nada o desgostava em sua posição na corte espanhola, na qual os artistas, os barbeiros e os bobos sentavam-se juntos, a uma das extremidades da mesa. Descendente, como acreditava, tanto pelo lado materno como pelo paterno, da nobreza menor, nunca se ressentiu com o fato do rei se recusar a olhá-lo como um nobre, por direito de nascimento. Seu temperamento tranquilo tornava-o capaz de viver uma vida de plácida calma. Era um dos homens mais felizes, em toda a história da arte. Se quisermos encontrar algum drama em Velázquez, teremos de considerar mais seus quadros do que sua vida. Olhava e registrava os sofrimentos da humanidade como um espectador que observa um naufrágio de um ponto vantajoso e abrigado da praia. Entre os pintores, Velázquez foi um dos mais objetivos.

★

Diego Rodríguez de Silva y Velázquez nasceu nos primeiros dias de junho de 1599 na cidade de Sevilha, centro comercial da Espanha e tesouro dourado da arte espanhola. Criado com "o leite do temor de Deus", adquiriu uma educação de filosofia secular, arte sacra e estóico despreendimento. Desde a mais remota infância, contudo, cresceu com uma profunda fé em sua própria habilidade. Quando menino, enchia os livros de notas com esboços. Sua viva inteligência o fez perceber que tinha olhos para observar as coisas e mãos para reproduzi-las. Pediu ao pai que o deixasse tornar-se um artista e o pai consentiu.

Portanto, com a idade de doze anos, Velázquez entrou para o estúdio de Herrera, que estava então no cume de sua carreira. Esse pintor, erradamente considerado o "Miguel Ângelo de Sevilha", levou seus continuadores mais através de sua pitoresca personalidade do que através do pitoresco de sua arte. Velázquez logo compreendeu que tinha muito pouco a aprender com o mestre. Deixou Herrera e procurou outro professor — Pacheco.

Esse pintor ensinou o jovem aprendiz a observar a natureza agudamente e a reproduzi-la fielmente. Não era um grande artista. Na realidade, muitas pessoas não o olhavam absolutamente como artista. Num epigrama mais cruel do que inteligente, um crítico contemporâneo leva um de seus quadros, a "Crucificação", ao eterno ridículo. "Esse quadro", diz ele, "prova que não foram os soldados romanos mas os pintores espanhóis que crucificaram Jesus". Contudo, como a maioria dos epigramas críticos, essa crítica era uma observação injusta e parcial acerca de sua habilidade. Porque Pacheco era um pintor competente, ainda que sem talento. E, o que importava muito mais a Velázquez, um excelente professor. Possuía a única qualidade necessária ao homem chamado para instruir alunos de um talento superior. Era notavelmente livre de dogmatismo. Ao invés de obrigar os alunos a copiar seus métodos, aconselhava-os a se desenvolverem em suas tendências. Num livro que escreveu sobre "A arte de pintar", fez a seguinte observação séria: "Tudo que aqui foi dito, e ainda pode ser dito e provado, de nenhum modo pretende acorrentar aqueles que estão se esforçando para alcançar o cume da arte... Pode haver outros métodos, possivelmente mais fáceis e melhores. Escrevo somente sobre o que eu mesmo pratiquei sem desejar impor cargas e jugos a cérebros aproveitáveis".

Essa ausência de pedantismo foi uma das principais razões pela qual Velázquez continuou um paciente e laborioso discípulo de Pacheco, durante inúmeros anos. Mas havia outra e talvez mais importante razão. Pacheco tinha uma linda filha, Joana. E na ocasião propícia, seu

discípulo favorito tornou-se seu genro. Velázquez e Joana casaram-se em 1618.

★

Aos vinte e três anos, Velázquez se tornara pai de duas meninas, Francisca e Inácia. Para sustentar sua crescente família de prender-se ao cavalete. Os assuntos que escolheu para seus primeiros quadros foram cenas realistas da vida cotidiana, as chamadas "bodogones", ou cenas de cozinhas e tavernas, pelas quais os espanhóis desse período mostravam uma grande inclinação. Era uma época de realismo, de amores fáceis e de vida alegre, de aventuras picarescas e de uma honesta avaliação do mundo, sem glorificação num lado e condenação no outro. Velázquez sentia-se perfeitamente no espírito de seu tempo. Em seus quadros, "O Carregador de Água", "O Mordomo", "O Vindimador", "O Músico e A Velha Preparando uma Omeleta", não representa um hino à santidade da pobreza nem um sermão contra sua injustiça. Pintava apenas uma cena da vida, em cores sombrias porque o assunto era sombrio, e sem nenhuma mensagem social, porque Velázquez era um artista e não um reformador. Assim, nesse período de sua formação, Velázquez desenvolveu mais um olhar observador do que um cérebro imaginativo. Escolhia somente os assuntos que melhor compreendia. Seus quadros mostram a beleza das coisas comuns. "Preferiria ser o primeiro dos pintores populares", disse ele a um de seus críticos, "do que o segundo dos refinados". No entanto, mais tarde se tornou, como veremos, tanto o primeiro entre os refinados como entre os pintores populares.

★

Quando Filipe IV subiu ao trono espanhol, Velázquez decidiu procurar fortuna em Madrid, a cidade capital. O movimento naturalista em Sevilha consumira suas forças e uma onda de sentimentalismo tomara-lhe o lugar. Velázquez nunca fora um sentimentalista. Tinha uma cabeça bem equilibrada sobre seus ombros andaluzes. Ouvira dizer que o jovem rei era um amante da arte. E' preciso que o rei veja e aprecie um "real" artista, disse Velázquez a si mesmo quando se preparava para apresentar suas credenciais à corte.

Essas credenciais, especialmente a recomendação de seu sogro Pacheco, produziram o desejado efeito. Velázquez conseguiu uma audiência no palácio, causou boa impressão ao rei e assegurou a incumbência de pintar-lhe o retrato.

Filipe IV ficou tão satisfeito com esse seu primeiro verdadeiro retrato, que ordenou fossem todos os seus outros retratos removidos das paredes, prometendo que, a partir dali, apenas Velázquez teria permissão de pintar Sua Real Majestade. Convidou Velázquez para morar no palácio, promoveu-o ao elevado estado de bobo da corte e começou a amontoar encomendas e remunerações sobre sua obediente cabeça.

Uma fase nova começara então no desenvolvimento de sua arte. As cores escuras e pesadas de seus "bodogones" começaram a ser substituídas pelos tons mais delicados da vida afável que o cercava. A linhas grosseiras dos trabalhadores e bebedores da Andaluzia estavam sendo substituídas pelas elegantes figuras dos grandes de Madrid.

A esquerda: "O príncipe Baltazar Carlos, filho de Filipe IV", quadro de Velázquez, existente no Museu do Prado, em Madrid. A direita: "O anão" (D. Antonio, o inglês), quadro de Velázquez, da galeria do Museu do Prado, Madrid.



No entanto, mesmo nesses quadros Velázquez conservou sua simplicidade natural. Pintou as personagens reais e sem nenhum dos ornamentos da realeza. Aparecem à vontade, num fundo modesto — uma parede cinzenta, uma mesa, uma cortina — exatamente como seres humanos comuns, a quem o acidente do nascimento investiu de extraordinários poderes. Os quadros parecem respirar e falar. Os rostos são animados. Velázquez surpreende seus modelos em pleno processo de pensar. Seus retratos são, no mais verdadeiro dos sentidos, quadros vivos.

Não muito antes, Velázquez fora saudado como o principal retratista da Espanha. Outros artistas começaram a insinuar que, na realidade, ele nada mais era senão um retratista. Acusaram-no de aviltar uma arte nobre a meros borrões de pintura. "O retrato", escreveu um deles, Vicente Carducho, "é o ramo mais baixo da arte... Nenhum grande pintor foi apenas retratista... Velázquez só é capaz de pintar cabeças humanas". A esse insulto, respondeu asperamente: "Esse senhor me tributa excessiva honra. Porque deve saber que ninguém pode realmente pintar a cabeça humana".

Mais ou menos por essa época, Velázquez teve oportunidade de provar que poderia pintar algo mais do que retratos. O rei anunciara uma competição para um quadro que representasse a expulsão dos mouros da Espanha. Muitos artistas, incluindo seus críticos e ele próprio, entraram nessa competição. A comissão escolheu unanimemente o quadro de Velázquez, como o melhor. Esse trabalho era suficiente para firmá-lo não só como o principal retratista, mas também como o maior artista da corte espanhola. De agora em diante estava imune contra os ataques de seus rivais.

★

O quadro "A expulsão dos mouros" infelizmente se perdeu. Outras de suas pinturas comemorativas, contudo, foi preservada, e é considerada por muitos peritos como o "maior quadro histórico do mundo". Esse famoso quadro, "As lanças", apresenta a entrega das chaves de Breda, a cidade capturada, a seu conquistador espanhol, o Marquês de Spinola. Este coloca a mão direita no ombro de seu inimigo vencido. O fundo é uma ampla extensão de planície, limitada pelo oceano. Com menos de doze figuras e uma parelha de cavalos, Velázquez criou a ilusão de dois grandes exércitos. A luz do sol que ilumina o quadro está centralizada entre o comandante espanhol e o holandês. O pleno brilho do sol cai sobre o rosto triunfante, se bem que bondoso, do conquistador enquanto os traços melancólicos do general conquistado estão quase escondidos na sombra — um golpe de gênio artístico e de misericordiosa generosidade. O mais notável detalhe do quadro, entretanto, é a fileira de lanças à extrema direita — altas, finas, retas, como uma floresta de delgados ramos, num dia sem vento.

★

E então começou o mais frutífero período da vida de Velázquez. Recebeu várias incumbências de pintar o rei, a rainha, o infante, a infanta, os nobres da corte e os poderosos de Madrid. Em seu aspecto físico, parecia mais cortesão do que artista. Vejamos como se revela no autorretrato atualmente no Museu de Valência. Um rosto bo-



nito e pálido, olhos que olham diretamente para fora da tela e parecem penetrar até o fundo de nossa alma, nariz reto, pequeno e grosso, cabelos escuros e penteados para trás da alta testa, bigode preto retorcido, lábios expressivos e um queixo forte. Está vestido de preto, com uma gola branca engomada. Um homem pronto a aceitar ordens e executá-las, um artista que fez disso um meio de vida, rebaixando-se a fim de poder conquistar posição. Ainda é obrigado a sentar-se à mesa com os palhaços e os anões. Todos eles são olhados com igual desprezo e indulgência. Servem apenas para distrair o rei. Os palhaços o divertem com suas piadas, e o artista o diverte com seus quadros. Muito bem, é esse o caminho do mundo. O mundo que dava pão e manteiga, um monte de injúrias, uma palmadinha ocasional nas costas — e sossêgo para pintar. Não é um mundo mau quando se diz, tudo se faz. Não é talvez o melhor dos mundos desejáveis, porém muito provavelmente o melhor dos mundos possíveis. Um mundo em que o sucesso está baseado em quatro pedras angulares: a lisonja, a obediência, o trabalho árduo e contentamento com seu quinhão.

Velázquez foi um dos homens mais satisfeitos de sua época. Aceitou com naturalidade sua posição no palácio. Pintava silenciosamente, diligentemente, brilhantemente. Suas cores ainda eram escuras, com ocasionais resplendores de luz, que transformavam suas telas em milagres de magia. Pintou os cortesãos de Madrid; viajou para a Itália e pintou o papa Inocêncio X, um triunfo de magnífica feitura, que Sir Joshua Reynolds considerava "o mais fino retrato pintado em Roma"; e expôs seus quadros no claustro do Panteon, recebendo o unânime veredicto dos críticos para quem "todos os outros trabalhos pareciam pintados, e apenas esses verdadeiros".

Velázquez aprendera agora a pintar a verdade, a transmutar suas cores em carne e sangue da vida. Voltou a Madrid e entrou no período da maturidade de seu gênio. Era agora um mestre dos detalhes simples. Não usava nenhuma das astúcias que outros artistas empregavam na fabricação de suas pinturas. Ao invés disso, alcançava seus efeitos com economia de pigmentação e algumas rápidas pinceladas. Seu propósito era conseguir não uma idealização mas uma representação honesta da natureza e da alma humana.

Foi nesse período que produziu aqueles quadros tão pateticamente estranhos da alma humana em sua forma anormal. Para conservar-se de acordo com os costumes da época, a corte espanhola tinha em sua comitiva grande número de bufões, monstros, loucos, idiotas e anões. Serviam de bobos ao rei... Mas não a Velázquez. Sentiu a lástima de seus corpos desfigurados e a beleza de sua feitura. E o que sentiu transmitiu mais inspiradas obras-primas de Velázquez. Pintou-os em seus raros momentos — pedaços quebrados de argila abandonados descuidosamente pelas grosseiras mãos do destino, corpos deformados e rostos cheios de tristeza, esperanças sufocadas, ambições não cumpridas, sonhos não realizados, comentários vivos da crueldade cínica da vida. Um dos mais característicos desses quadros é o *El Primo*, o erudito. Esse pigmeu, vestindo uma roupa de veludo, está sentado ao chão. Sua cabeça pequena se destaca num fundo de imenso chapéu preto, inclinado para baixo, à maneira cortesã, do lado esquerdo da alta e inteligente testa. Os olhos são olhos de um homem que observa agudamente e sente profundamente, de um pensador que alcançou a serenidade através de sofrimentos. Sua diminuta perna direita está estendida, contrastando pateticamente com um enorme livro aberto, que assegura nos joelhos, e que esconde completamente a outra pequena perna. Apresenta-se na ação das páginas do livro. No chão, ao seu lado, há dois livros, junto a um livro de notas aberto e a um tinteiro. O fundo do quadro é uma fileira de montanhas denteadas. A força das montanhas e a fraqueza do anão. Um

cérebro vigoroso e um corpo aleijado. Um irônico estudo de contrastes. O estudo de um artista filósofo que possui o dom da piedade tanto quanto a magia do pintor, um homem que sabe avaliar o sardônico riso dos deuses.

Os outros retratos de anões, pintados por Velázquez, são estudos semelhantes de distorções — tristes e risinhos comentários à curiosa inconsistência da vida. Sua própria vida era também de uma curiosa inconsciência. Aqui estava o maior pintor da Espanha numa categoria equivalente à desses seres humanos desamparados, que imortalizava com seus retratos. Ele também, como os anões, era apenas um brinquedo animado, pago para divertir o rei. Talvez, pintando-os, procurasse simbolizar seu próprio protesto à desigualdade do destino e à impropriedade dos padrões pelos quais o homem está acostumado a medir seus companheiros. Qualquer que fosse a convicção íntima de sua situação inferior na corte, estava, contudo, exteriormente satisfeito. Aceitava os insultos e as recompensas como os anões aceitavam o próprio destino, com uma resignação filosófica que o habilitava a trabalhar em paz.

★

Na verdade, em uma ocasião fez um esforço para elevar-se de sua baixa posição na corte. Em 1658, tentou reivindicar legalmente sua nobreza de sangue. O conselho do rei, depois de uma investigação de vários meses desaprovou a pretensão, "Velázquez é um pintor", dizia o veredito do conselho, "mas infelizmente é um homem feito de argila comum".

E assim Velázquez precisou contentar-se em permanecer um bom pintor. Continuou sua interpretação realista da vida, seus quadros de pigmeus e príncipes e seu "aperfeiçoamento das coisas humanas até que subissem para encontrar estrelas". No último período de sua vida reuniu as duas melhores fases de seu gênio. Tornou-se o primeiro pintor das mais baixas tanto quanto das elevadas condições da humanidade. Esses dois aspectos de seu gênio encontram sua mais perfeita expressão em dois quadros, "As Flandieiras" e "As Damas de Honor".

"As Flandieiras" (*Las Hirlanderas*) representa uma loja de tapeçaria em que cinco mulheres estão ocupadas em trabalhos manuais. Essas mulheres dividem-se em três grupos. Na extrema esquerda acha-se uma velha, sentada a uma roda, fiando e uma menina, atrás dela, afasta a pesada cortina vermelha que protege a janela. Os resplandecentes raios de sol, vindos de uma sala atrás da loja, caem sobre a manga branca da menina, o pano da cabeça da velha, o fuso, o tamborete e vários objetos espalhados pelo chão. No centro do quadro, uma menina olha para a frente, enquanto penteia a lã, destacando-se no brilho da luz do sol que jorra da outra sala. Na extrema direita duas meninas trabalham. Uma delas está precisamente entrando por uma porta escura e colocando uma cesta no chão. A outra, com as costas voltadas para o espectador, ocupa-se em desembalar uma meada de lã. E' nessa figura que todo o quadro se focaliza. A menina está descalça. Seu corpo, desenhado por baixo da blusa branca e sala verde, é forte, flexível, soberbo. A manga de seu braço esquerdo está enrolada até o ombro; e o braço, estendido em toda sua magnífica extensão, enquanto os dedos desembaraçam a lã, dirige os olhos do observador diretamente para a sala ao fundo. Nessa sala, a dois degraus acima do solo da loja, um rico tapete está pendurado. Três senhoras elegantemente vestidas, talvez prováveis freguesas, o examinam. As três figuras estão banhadas pela luz que inunda a sala, vindo de uma janela invisível, à esquerda. Animação, movimento, ritmo, realismo, força. Todo o quadro dança e pulsa com vida.

Igualmente cheio de luz e de vida é o quadro "As Damas de Honor" (*Las Meninas*). Em "As Flandieiras" Ve-

lázquez leva-nos numa visita à loja do pobre. Em "As Damas de Honor" ele nos introduz no palácio do rei. Não é um quadro, mas uma cena em movimento. A pequena princesa Margarida ocupa o centro. Usa um vestido de um branco meio cinza, que desce, armado como a borda de um arco, da cintura até o chão. Acaba de entrar na sala com suas duas "meninas", ou damas de honor. Uma delas, a de sua direita, está ajoelhada, oferecendo-lhe um frasco. A outra, à esquerda, faz graciosa reverência. Exatamente atrás dessa menina acham-se dois anões, e diante deles, deitado, quase dormindo, um enorme mastim. Há várias outras figuras na sala — uma dama da corte, à espera, um guarda, outro oficial parado na resplandecente luz de uma porta aberta, à extrema esquerda, o próprio Velázquez, de pincel na mão e uma imensa tela diante dele, pintando um retrato do rei e da rainha. Essas duas personagens reais são vistas somente pelo reflexo de um espelho, pendurado na parede do fundo, em frente ao espectador. O conjunto é um rápido momento da vida do palácio colhido e entregue às gerações futuras pelo inspirado pincel de Velázquez. O quadro é tão grande porque o assunto é tão simples — um pai e uma mãe apreciando seus filhos e seus criados. E' uma obra-prima de espontaneidade. "Aqui estão eles", podemos ouvir o artista dizer, "apanhei-os inesperadamente. Pinte-os de modo menos régio e mais humano. Acredito que conseguirei colocar na tela o eterno drama infantil de todos os tempos".

O centro de interesse é a criança. Mas partindo dela, o interesse se irradia por toda a sala. A luz brinca em ondas rítmicas, de plano em plano, na alta e sombria sala, no rosto da princesa, na porta aberta ao fundo, no canto do cavalete em que Velázquez está pintando, no espelho que reflete o rosto do rei e da rainha, e nos longos e estreitos painéis das paredes, até que finalmente se amontoa numa brilhante mancha de esplendor no teto. Como observou muito bem um dos biógrafos de Velázquez, C. Gasquolne Hartley, "E' a luz a principal personagem no quadro".

★

Afinal, quando Velázquez contava já sessenta anos, o rei concedeu-lhe a patente de "hidalgua" espanhola. E assim, o maior artista da Espanha foi transportado, por decreto real, ao estado de nobreza. Infelizmente, esse decreto real seria incapaz de elevar os nobres ao estado de um Velázquez. Nesse nosso engraçado pequeno mundo os reis podem dar títulos aos gênios, mas não podem dar gênios aos títulos.

E assim Velázquez, na sua velhice, tornou-se um sangue azul em lugar de um sangue vermelho. Mas a cor de seu gênio permaneceu imutável e seus quadros continuavam no mesmo supremo nível de universal compreensão humana. Continuou pintando a alma dos homens, estivesse envolvida pela carne de um príncipe ou pela de um plebeu. As figuras de seus últimos quadros, tanto quanto as dos primeiros, quaisquer que fossem suas condições sociais ou econômicas, possuem todas a mesma grandeza de sua humanidade comum. Velázquez pode ser chamado o Walt Whitman dos pintores do século dezessete.

Como Walt Whitman, Velázquez era tão universalmente simpático porque era sinceramente religioso. Dos primeiros aos últimos anos, sempre que podia conseguir tempo, pintava cenas sagradas em ambientes seculares, divindades em lugares inesperados, almas imortais em humildes pastores, pescadores e eremitas.

Era um desses quadros de eremitas que estava pintando, antes de morrer. Santo Antonio visita São Paulo em sua caverna solitária. Estão esfomeados. São Paulo levanta as mãos em prece, e um corvo aparece voando es-

(Continua na pág. 56)

Da esquerda para a direita: "A crucificação" — quadro de Velázquez, existente no Museu do Prado, em Madrid. "A coroação da Virgem" — quadro de Velázquez existente no Museu do Prado em Madrid. "A Rainha Mariana da Austria" — retrato de Velázquez — Da Galeria Imperial, de Viena.





# Livros

# NOVOS

Por JOÃO LUSO

NO REMOINHO DA VIDA, romance de Isabel Inah da Frota Pessoa — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio de Janeiro, 1946.

Vamos lá; com Deus. O remoinho que passa na vida da protagonista deste romance não é dos mais funestos nem dos mais turbulentos. Um momento chegámos a recear — tal a simpatia inspirada pela personagem — que lhe acontecesse coisa bem pior. Dos fenômenos da natureza, determinados pelo "cruzamento de correntes contrárias de água e de vento", alguns se precipitam, trágicos, arrasadores, pela face da terra. Ao iniciar a leitura do romance, acudiu-nos a singela e magnífica poesia de João de Deus, *Remoinho*, que começa:

Foi um dilúvio de água.  
E o furacão, que fez,  
Emília? Até dá mágoa.  
Tantos estragos: vês?

No Remoinho  
da Vida

Casas sem tecto, árvores arrancadas; sementeiras de que não ficou um só pé de trigo; cerros pelos quais andou uma pá de ferro, tudo cercando e rapando... Assim certos remoinhos atravessam a existência das criaturas. E Maura, a heroína aqui presente, parece bem sujeita às catástrofes do gênero. Já um tanto distante da primeira mocidade; casada com um cavalheiro entregue às suas causas de advogado e, fóra delas, meio distraído meio irónico; leitora de poetas; devota de Chopin, embora também admiradora de *Madame Butterfly*; com a saúde em geral e os nervos especialmente em estado de exigir drogas e injeções... Nisto, surge um pintor estrangeiro e *poseur*, retratista disputado, que escolhe espiritualmente os seus modelos, porque sem o fator "inspiração" se sente incapaz de interpretar e, sobretudo, de criar. Surge, com a sua fama de artista e de amoroso — e elegera Maura. E' como vulgarmente se diz, o fogo ao pé da estopa. Mas o incêndio propriamente dito não se chega a produzir. Existe em Maura um fundo uma essência de honestidade, que intervém; quando necessário, com o seu efeito sedativo e o prestígio de chamar à boa razão. Depois, o marido que sentimentalmente andava por longe, quase alheio ou quase esquecido, aproxima-se a tempo. Refaz-se o lar que chegou a ameaçar ruína. O remoinho foi adiante, sem ter causado maiores danos. E assim Maura pode repetir, com perfeita propriedade, as últimas palavras da narradora rústica de João de Deus:

Eu olho, eis se não quando,  
Vejo... mas vejo... quê?!

A história desenvolve-se em forma de diário. A heroína vai expondo, como para si própria, para reler e recordar mais tarde, as suas observações, as suas emoções. Fina nota psicológica. Obra em tudo interessante.

AMAR ES VIVIR, páginas de crônica social e de comentário filosófico, de Constancio C. Vigil — Editorial Atlántida S. A. — Buenos Aires, 1946.

O Sr. Constancio C. Vigil, autor de cerca de cinquenta volumes de história, ensinamento religioso, contos, literatura infantil, discorre, por estas páginas além, sobre os assuntos mais variados, submetendo-os, todas, à mesma concepção ideal de humanidade.

Os temas de liberdade, justiça, bondade, amor se revezam nos capítulos de *Amar es vivir*, quando, realmente, não aparecem combinados e em ditosa harmonia. A propósito de uma descoberta científica; um fenômeno de política nacional ou mundial, a passagem de mais um Natal; uma festa de crianças; o nonagésimo aniversário de Rockefeller; a morte de Clemenceau; comemorações de Sarmiento, Artigas, José Batlle Ordóñez, outros grandes vultos de projecção antiga, recente ou atual — o espontâneo e seguro comentário do escritor se desenvolve, mais grave agora, logo mais ligeiro, atingindo por vezes o paradoso, em outros momentos resvalando à ironia e ao sarcasmo, inspiado sempre e imbuido de um essencial doutrinação que elevando, o espírito, faz bem ao sentimento. E as últimas linhas do livro constituem como que a recapitulação e a síntese de tudo o mais:

"A todos los que trabajan pudíerose preguntarles si aman su labor, porque si no la aman es como si nada hicieran.  
A cuantos le hablan al pueblo, sea cual fuere su medio de expresión, si lo hacen sin amor, mejor sería que callaran.  
Aquellos que están juntos, si no los une el amor, que se separen.  
Cuantos andan sin amor, que se desengan.  
¡Alto!... ¿Quién vive?... — dicen los centinelas invisibles desde los lindes de este mundo con el otro.  
Vive sólo quien ama!  
Todos los demás son muertos que caminan!"

EXPANSÃO PARA O NORTE, reconstituição histórica pelo major Salm de Miranda — Edição da Biblioteca Militar. — Rio de Janeiro, 1946.

Foi a doação feita ao Serviço do Patrimônio Histórico, pelo general Eurico Gaspar Dutra, quando ministro da Guerra, da chave do velho forte de São Joaquim, no alto rio Branco; foi o registro desse facto, meio perdido nos noticiários das páginas obscuras, que deu ao Sr. Salm de Miranda, a idéia, a inspiração do presente livro.

De algum modo protestando contra a indiferença ou pouco caso daquele registro de imprensa, diz o autor numa nota inicial: "Entretanto, o forte de São Joaquim não é apenas uma relíquia do mais alto valor histórico; é um dos marcos dessa página gloriosa história da colonização que é a expansão das fronteiras do Brasil para o Norte, no conhecimento e na conquista da bacia amazônica. É uma das balizas definitivas do lance



atirado pelo celenizador, ao lado do índio, na marcha para o Norte e para o Oeste, marcha que começou à quatro séculos e que está escrita com perseverança e com sangue. Longo itinerário semeado de lutas contra a selva bruta, que oculta na sua sombra espessa a trama misteriosa da rede fluvial mais densa do globo, contra nações ameríndias numerosas e valentes que defendiam com bravura a sua terra, resistindo às várias nações européas que também a ambicionavam e nela se tentavam fixar." Dêse espírito de compreensão é que veio ao Sr. Salm de Miranda a lembrança de um empreendimento, como trabalho de vulgarização, que consistiria em examinar os sucessos da conquista do Norte brasileiro, para os recontar e comentar perante elementos seguros e pouco conhecidos, por isto mesmo tanto mais mercedores de serem ensinados.

O trabalho foi, com toda a gente imaginara, bem longo e bem complexo. O empenho veemente de dizer alguma coisa de novo em obra de livraria levou o autor da *Expansão para o Norte*, às fontes de mais confiança, já visitadas algumas por outros pesquisadores, mas suscetíveis ainda de fornecer algum contingente para ser de novo analisado e interpretado. E dos autores mais variados, desde o padre Antônio Vieira ao Sr. Aurélio Pinheiro, ele se serviu para confrontos, contrastes, dados indirectos ou dedutivos, indicações ou sugestões de que tirar algum material novo ou renovado, alguma noção ou variante digna de ser ainda oferecida aos que estudam.

Assim o Sr. Salm de Miranda compoz estas cento e cinquenta páginas que toda a gente leitora percorrerá com interesse e proveito.

LAMPADÁRIO, páginas de filosofia e de religião, de C. G. Urrutigaray — Rio de Janeiro, 1946.

O Sr. C. G. Urrutigaray imaginara provavelmente uma espécie de candelabro ou lustre, que o desenhista da capa reduziu a uma chama única. Os artistas tomam frequentemente dessas liberdades em relação à obra alheia. E, se o interessado aprova ou se conforma, não somos nós, de certo, que devemos protestar.

Lampadário ou lâmpada sózinha, a sua claridade inspira, no caso presente, altas e suaves meditações. Em forma, ora de conselho, ora de invocação, de lamento piedoso, de sagrada esperança, exprime este poeta, em prosa geralmente, mas em alguns lugares como se fosse em verso, os seus pensamentos e as suas emoções. Quer ensinar a bondade, o amor, a fé em Deus e a confiança entre todos homens, para que o mundo se encaminhe no sentido da perfeição. Recorre às citações e exemplos evangélicos; comêa a parábola; e por vezes a página assume o caráter puro de oração:

"Ajuda, Senhor! Tua é a vitória, é o ideal servir-te le todo o coração e com todas as possibilidades que há em meu ser.

Não é a ambição que me move nem a vaidade: só o lesejo de dar-te a cada um, pois Tu és o maior tesouro, aquele que não se esgota nunca e chega fartamente para cada um.

E' tão grande o ideal, tão pequeno o homem! A's vezes assusta o conhecimento, a certeza da verdade.

Angustiado, clama o sementeiro:

Como anunciar-te, se não tenho méritos? Dá-me o que me falta e teus em abundância.

Conduze-me, Senhor!"

PAIVA COUCEIRO, biografia e comentários de Francisco Manso Preto Cruz — Edição do autor — Lisboa, 1946.

Continua a ser intensamente falada, em Portugal, a figura militar e política de Henrique de Paiva Couceiro. Não que estejam propriamente por averiguar os seus intuitos ou as suas atividades, já como governador geral da província ultramarina de Angola, já como paladino, na fronteira com a Espanha, da causa da monarquia derrubada por aquilo e que este livro chama "a felonía de 5 de outubro". Tudo, com efeito, se sabe do patriotismo desse português, patriotismo que, semelhante ao de Mouzinho de Albuquerque e de Azevedo Coutinho, determinou ou não pode evitar complicações os representantes militares ou administrativos doutros países. E igualmente se não ignora pormenor algum do movimento contra-revolucionário. Que francamente bafejado pela monarquia espanhola, chegou a avançar até ao Porto, dando aos a tantos feitos briosos e tantas lendas pitorescas, entre estas a da criação de uma espécie de Gestapo dos invasores, denominada "os trauliteiros". Como se sabe, no estrangeiro mesmo a tentativa gorou chochamente, não por falta de competência estratégica ou de fibra heroica, mas por escassez de providências por ignorância das exatas condições, das verdadeiras convicções do exército português. Em muitos outros países se tem dado equívocos dessa natureza — sem as quais é claro, as forças iniciadoras da campanha não chegariam a sair dos quartéis. Contavam encontrar a sua frente apenas ou principalmente adesões, colaborações; falhando estas, tudo falhou. Nem por isso, Paiva Couceiro sofreu a sorte que, em outras nações, fatalmente lhe estaria reservada nesta cruel alternativa: o exílio perpétuo ou o fuzilamento. E o que, com o tempo, se lhe fez, foi justiça.

Se não a justiça legal, a do sentimento, tantas vezes contrária e bem superior como equidade perante Deus e os homens. Assim o herói assomado e revoltoso veio a passar os últimos anos de vida num retiro campestre, entre descendentes e amigos que, tanto quanto possível, o cercaram de conforto e alegria. Teve tudo o que poderia desejar menos, no trono, o pretendente Duarte Nuno ou qualquer outro da família... E a sua lembrança ficou, se não de todos amada, pelo menos geralmente respeitada.

A que vem, então, o livro do Sr. Francisco Manso Preto Cruz? Não, de certo, para esclarecer dúvidas ou revelar novas verdades. Traz, porém, consigo, em estilo sentido, veemente, mais uma homenagem à memória do "homem político — militar — colonial" falecido há três anos ou, exatamente, a 11 de Fevereiro de 1944. E, nesse caráter de preito, sincero, ninguém o lerá sem emoção.





# A REABILITAÇÃO DE LEW AYRES

O ATOR QUE ERA CONTRA A GUERRA, NÃO POR SIMPLES COVARDIA, MAS POR HUMANIDADE, FEZ SEU "COME BACK" CINEMATOGRAFICO EM "ESPELHO DA ALMA" E, AGORA, FILMA NA "WARNER BROTHERS", AO LADO DE ANN SHERIDAN E ZACHARY SCOTT.

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

**D**EPOIS de haver servido durante três anos no Serviço Médico do Exército

Americano, nos campos de batalha, Lew Ayres volta a assumir o seu posto de honra em

Ao alto: Uma pose de Lew Ayres já em seus trajes civis e... com o seu cachimbo. Devido a popularidade de seu papel do "Dr. Kildare", nos filmes dessa série, os nativos das Filipinas chamavam-no por esse nome quando o "astro", na qualidade de médico do Exército, tratava de seus ferimentos. Em baixo: Lew Ayres ao lado de Olivia de Havilland numa comovente cena de "Espelho da alma" (The dark mirror), filme que está sendo produzido por Nunnally Johnson e dirigido por Robert Siodmak.







A esquerda: Depois de ter Olivia de Havilland como companheira, em "Espelho da alma", como se vê no clichê, Lew Ayres filma agora outra película ao lado da formosa Ann Sheridan. A direita: Outra cena de "Espelho da Alma", filme dramático que Robert Siodmak dirigiu para a Universal.



Hollywood. E o fez no estúdio da Universal, começando com muito entusiasmo essa nova fase de suas atividades profissionais na tela. Na verdade, ele venceu a "onda" do contra. Está reabilitado. Tanto é assim que está disposto a não limitar-se apenas à arte de representar e pretende tornar-se também diretor. E o seu desejo de dirigir filmes, devemos acrescentar aqui, não é um sonho novo na mente do artista. Há cerca de dez anos alguns artistas de Hollywood se reuniram e fizeram um filme para seu próprio divertimento. Eles mesmos foram os produtores, os diretores, os atores e os técnicos. Lew Ayres, já naquele tempo, escolhera o posto de diretor. Isso é uma prova de que sempre o "astro" simpatizou com esse "métier". E o seu trabalho foi uma verdadeira revelação. Foi tão animador que em 1936 ele foi designado em seguida para dirigir a filmagem da película que se chamou em inglês "Hearts in bondage", e não sei o que em português, mas da qual James Dunn e Mae Clarke foram os protagonistas. Este filme foi distribuído pelo estúdio produtor através de todo o mundo e confirmou a habilida-

"Dr." Lew Ayres, com o seu avental médico, tal como atuou nos campos de batalha e como aparece em "Espelho da alma" (The dark mirror), filme com que o artista reinicia a sua carreira artística. Na guerra ele pertenceu ao Corpo Médico do Exército Americano.



de de Lew Ayres, demonstrada no "filme de brincadeira" dos seus colegas de arte da capital do cinema.

Lew Ayres fez a sua estréia no cinema em 1929, aparecendo no filme musical que se chamou "The Sophomore" e do qual Eddie Quilan era o herói. Foi em seguida escolhido (pela própria artista) para ser o galã de Greta Garbo em seu último filme silencioso, que foi "O beijo". A este seu sucesso se seguiram muitos outros, entre os quais citaremos aqui "Nada de novo na frente ocidental". Mais tarde passou a ser "O jovem Dr. Kildare". Tornou-se tão conhecido como protagonista deste último filme (no papel do personagem cujo nome deu título à película), a ponto de ser chamado por esse nome pelos nativos das Filipinas, na campanha de Leyte, quando Lew Ayres, na qualidade de ajudante do Serviço Médico do Exército Americano, tratava de seus ferimentos, chamavam-no de "Dr. Kildare"...

O artista, em conversa conosco, disse que nasceu dia 28 de dezembro de 1908, na West 44th Street, nº 2721, em Minneapolis, no Estado de Minnesota, e antes mesmo de começar o estudo das primeiras letras demonstrava muito interesse pelo cinema. Sua avó gostava de lhe contar as histórias das películas a que havia assistido e ele tentava representar em casa com a avó, os referidos filmes. Frequentou a Lake Harriet School e, mais tarde, a Universidade de Arizona, onde iniciou o curso médico.

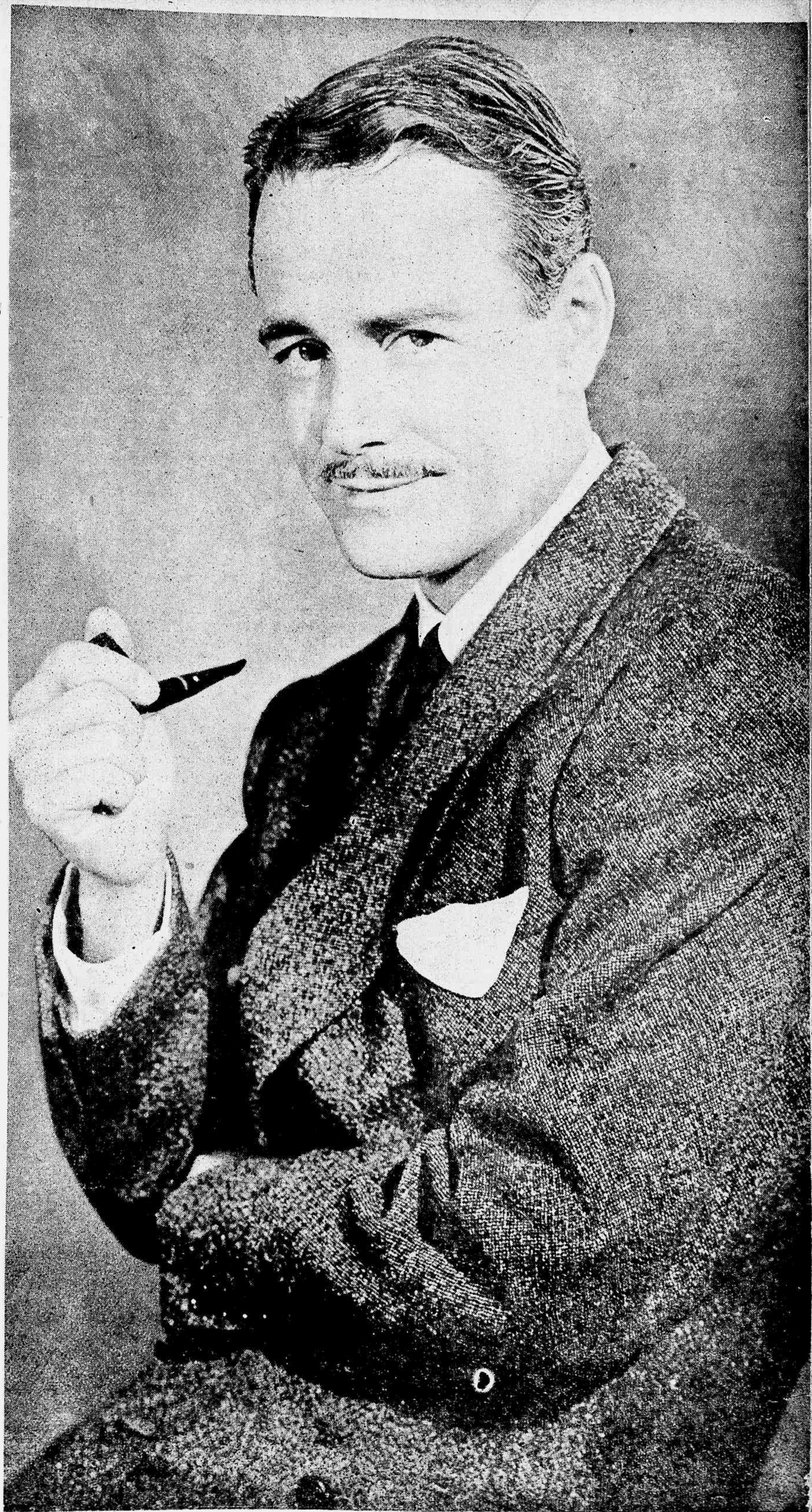
O novo filme que traz Lew Ayres de volta ao convívio dos "fans" é "Espelho da alma" (The dark mirror), no qual ele faz o papel do Dr. Scott Elliott, um hábil psicólogo a quem pediram que desvendasse através de sua ciência um terrível e misterioso crime. Duas irmãs gêmeas, — duplo papel admiravelmente interpretado por Olivia de Havilland, — são acusadas de terem perpetrado o referido crime. Thomas Mitchell tem também um simpático e importante papel no filme. A história dessa película é um moderno melodrama de mistério, que Nunnally Johnson escreveu e produziu e que Robert Siodmak dirigiu muito acertadamente para a Universal.

Falando a respeito de seu papel em "Espelho da alma" e sobre a sua atuação na guerra, eis como se expressou Lew Ayres:

— Aceitei este papel porque nele tinha oportunidade para repetir a minha atuação nos campos de batalha, fazendo o papel de um médico, coisa que fiz no Exército, antes da minha desmobilização — aliás sinto-me feliz por ter cooperado no grande conflito mundial. Modéstia à parte, mas salvei muitas vidas para que elas pudessem levar avante a luta contra o nazismo.

(Continua na pág. 57)

Lew Ayres em seus trajes civis volta a atuar na tela. E está com vontade de ser diretor também... Presentemente filma "The Unfaithful", na Warner Brothers.







# Uma Orquídea

HÁ, em comprar orquídeas, o mesmo interesse que em jogar na bolsa: pura especulação. Não se tem diante de si mais que um pedaço de veludo, completamente enroscado, de cor parda; quanto ao mais, cada um deve consultar, segundo as suas disposições, o vendedor, o seu próprio gosto, ou a sua índole. Pode ser que a planta esteja moribunda ou morta. Também é possível que, pelo preço que ela nos custe, tenhamos feito uma bela aquisição, um bom negócio. E' até possível — caso que se tem dado muitas vezes, — que se desenvolva lentamente, dia a dia, aos olhos do feliz adquirente, alguma nova variedade, algum tesouro incognito, um estranho enrolamento do "labeillum", ou uma nuance particularmente delicada, ou uma careta inesperada. Sobre uma tenra haste verde desabrochará um objeto de orgulho e de lucro, o qual até mesmo nos poderá erguer à imortalidade: por quanto afinal é possível que seja preciso então designar por um novo nome um novo milagre da natureza; e que nome, façam o obséquio de dizer-me, poderia convir tão bem quanto o próprio nome daquele que o descobriu?

Era sem dúvida a esperança de algum feliz achado o que fazia de Winter-Wedderburn um cliente tão assíduo das vendas desse gênero, — sem contar que ele nada melhor tinha a fazer no mundo. Ele era tímido, completamente inútil, vivia isolado, gozando de um ordenado apenas suficiente para lhe permitir esquivar-se ao aguilhão da necessidade, e demasiado desprovido de energia para procurar com empenho um trabalho regular. Podia ter-se dedicado a colecionar selos ou moedas, traduzir Horácio, encadernar livros, etc., mas aconteceu que, em vez disso, cultivava orquídeas e possuía uma pequena e pretenciosa estufa.

— Tenho a presciência, disse uma vez, quando tomava o seu café, tenho a presciência de que me vai suceder hoje alguma coisa.

Falava lentamente, como eram lentos os seus movimentos e o seu pensamento.

— Oh! não diga isso, exclamou a sua governante, que era ao mesmo tempo sua prima afastada.

"Estar para acontecer alguma coisa", isto significava para ela uma catástrofe iminente.

— Você não está compreen-

dendo. O que prevejo não é uma cousa desagradável, — posto que eu mesmo não saiba bem o que esteja para acontecer.

— Peters deve vender hoje, continuou ele, um estoque de plantas das ilhas Andamans e das Índias. Vou ver o que ele tem. Afinal, é provável que eu compre por acaso qualquer cousa boa.

E estendeu a xícara para que lhe repetissem a dose de café.

— Trata-se dos exemplares reunidos por aquele pobre rapaz de quem falamos há dias? perguntou a prima, ao mesmo tempo que enchia a xícara.

— Sim, disse ele. Depois olhou para a fatia de pão como que a meditar.

— A mim, nunca me aconteceu nada, continuou ele, daí a pouco tempo, como falando consigo mesmo. Desejava saber a causa disto. No entanto aos outros acontecem tantas cousas! Olhe o que se dá com Harvey, por exemplo. Pois bem, ainda a semana passada, na segunda-feira, ele achou dez soldos; na quarta-feira todos os seus frangos ficaram doentes; na sexta-feira, voltou da Austrália um dos seus primos; no sábado, ele apanhou um torcicole. Que série de emoções! Ao passo que eu...

— No seu lugar eu preferia não passar por tanta cousa. Isto não lhe valeria de nada.

— Sim, convenho em que deve ser enfadonho. E, no entanto, bem vê, a mim nunca me acontece nada. Quando eu era criança, nunca me sucederam acidentes. Depois que fiquei grande, nunca tive uma paixão louca. Nunca me casei. Na verdade, fico a pensar no que se pode sentir quando acontece a uma pessoa qualquer cousa, qualquer cousa que lhe seja muito particular...

Aquele colecionador de orquídeas não tinha mais de trinta e seis anos — vinte anos menos do que eu — quando morreu. E tinha sido casado duas vezes, divorciou-se uma vez, tinha tido malária quatro vezes e havia quebrado a perna uma vez. Um dia matou um Malaio, e de outra vez foi ferido por uma flecha envenenada. Enfim foi comido pelas sanguessugas da capoeira. Tudo isto deve ser bem desagradável, mas também assás interessante; não acha? exceto talvez o caso das sanguessugas...

Wedderburne meditou ainda um pouco, depois puxou pelo relógio.

— Oito horas e vinte e três minutos. Vou tomar o trem de onze horas e quarenta e cinco minutos: tenho pois tempo de sobra. Estou com vontade de envolver a minha jaqueta de alpaca, que é bastante quente, com o chapéu de feltro cinzento e os sapatos amarelos. Parece-me que...

Deitou um olhar, pela janela, para o céu sereno, depois para o jardim inundado de sol, pareceu hesitar, e consultou o semblante da prima.

... Se vai a Londres, creio que seria melhor levar o guarda-chuva, disse ela com uma voz que não admitia réplica. O tempo pode mudar desde agora até a volta.

Quando ele voltou, achava-se em um estado de terna agitação. Tinha feito uma aquisição. O seu espírito raramente tomava uma deliberação bastante rápida para que ele pudesse cobrir um lance no leilão; mas, desta vez, conseguira isso.

— São uma Vandas, disse ele, mais um *Dendrobium* e algumas *Palaeonophis*.

Ao mesmo tempo que engulia uma sopa, olhava com carinho para as compras que tinha feito, e que se ostentavam diante dele sobre a toalha alvíssima; e ele contava à prima toda a sua história, deixando passar o tempo e esquecendo o jantar. Ao cair da noite, costumava passar em revista todos os seus passeios de Londres, para ela ouvir e também para sua própria diversão.

— Eu bem sabia que me ia acontecer qualquer cousa hoje. E aí está: comprei tudo isto. Algumas destas flores, entende-me? algumas destas flores, estou bem certo, hão de ser notáveis. Ignoro a causa disto, mas, sinto-me tão seguro como se alguém m'o houvesse dito, sei que algumas destas flores hão de ser notáveis.

Esta, — e ele mostrava com o dedo um rizoma completamente enrugado, — não está classificada. Pode ser uma *palaeonophis*, ou qualquer outra cousa. E' possível que seja uma espécie nova, ou mesmo um gênero novo. Era o último exemplar que o pobre Batten havia colhido.

— Não gosto do seu aspecto, disse a governante. Que forma hedionda!

— Cá por mim, mal lhe posso notar uma forma.

— Olhe estas espécies de cor-dões, de patas recurvadas que saem dela.

— Hei de pô-la em um vaso amanhã.

— Ela parece uma aranha fingendo-se de morta.

Wedderburn sorriu e, inclinando-se, examinou a raiz.

— Não é, de certo, uma bela amostra; mas não se devem julgar essas cousas pelo aspecto que apresentam, quando estão secas. Pode vir a ser uma bela orquídea. Quanta cousa tenho que fazer amanhã! Vou refletir esta noite no que é preciso fazer de tudo isto, e amanhã principiarei a tarefa.

— Imagine, continuou ele, que encontraram o pobre Batten caído, morto, ou moribundo, em um pantano de mangues, esqueceu-me qual, e justamente com uma dessas orquídeas esmagada embaixo do corpo. Havia alguns dias, fora atacado de uma espécie de febre do país, e supunho que desmaiou. Esses pantanos são muito insalubres. Todo o seu sangue, até à última gota, foi sugado pelas sanguessugas. E' muito provável que as pesquisas feitas em busca desta planta fossem a causa da sua morte. Eu não auguro nada de melhor para ela por esse fato.

Enfim "os homens devem trabalhar, ainda mesmo que as mulheres chorem", pronunciou Wedderburn com profunda gravidade. E' bem esquisito ir morrer longe de todo o conforto, em um tremendo pestilento; bem esquisito adoecer de febre sem nada para comer, a não ser clorodina e quinina — sem ninguém ao redor de si, senão abomináveis indígenas. Dizem que os naturais das ilhas Andamans são uns entes repulsivos; e, seja como fôr, não possuindo a educação necessária, dificilmente poderão dar bons enfermeiros. E tudo isto, para que haja na Inglaterra pessoas possuidoras de orquídeas!

O ofício não deve ser fácil; mas há homens que parecem achar prazer no perigo. Seja como for, os naturais que o acompanhavam mostraram-se bastante civilizados para tomarem sob os seus cuidados as coleções dele, até voltar do interior um colega do morto, ornitologista. Todavia, não puderam dizer a que espécie pertencia a orquídea, e, além disso, tinham-na deixado murchar. Isto dá um



# especial

singular interesse a essas plantas.

— Quero dizer, isto a torna repugnante. Da minha parte, receio que esteja contaminada por aquela malária. Imagine-se: esteve um cadáver sobre esta mísera planta! Eu ainda não tinha pensado nisto. E aí está: não me é mais possível comer coisa alguma.

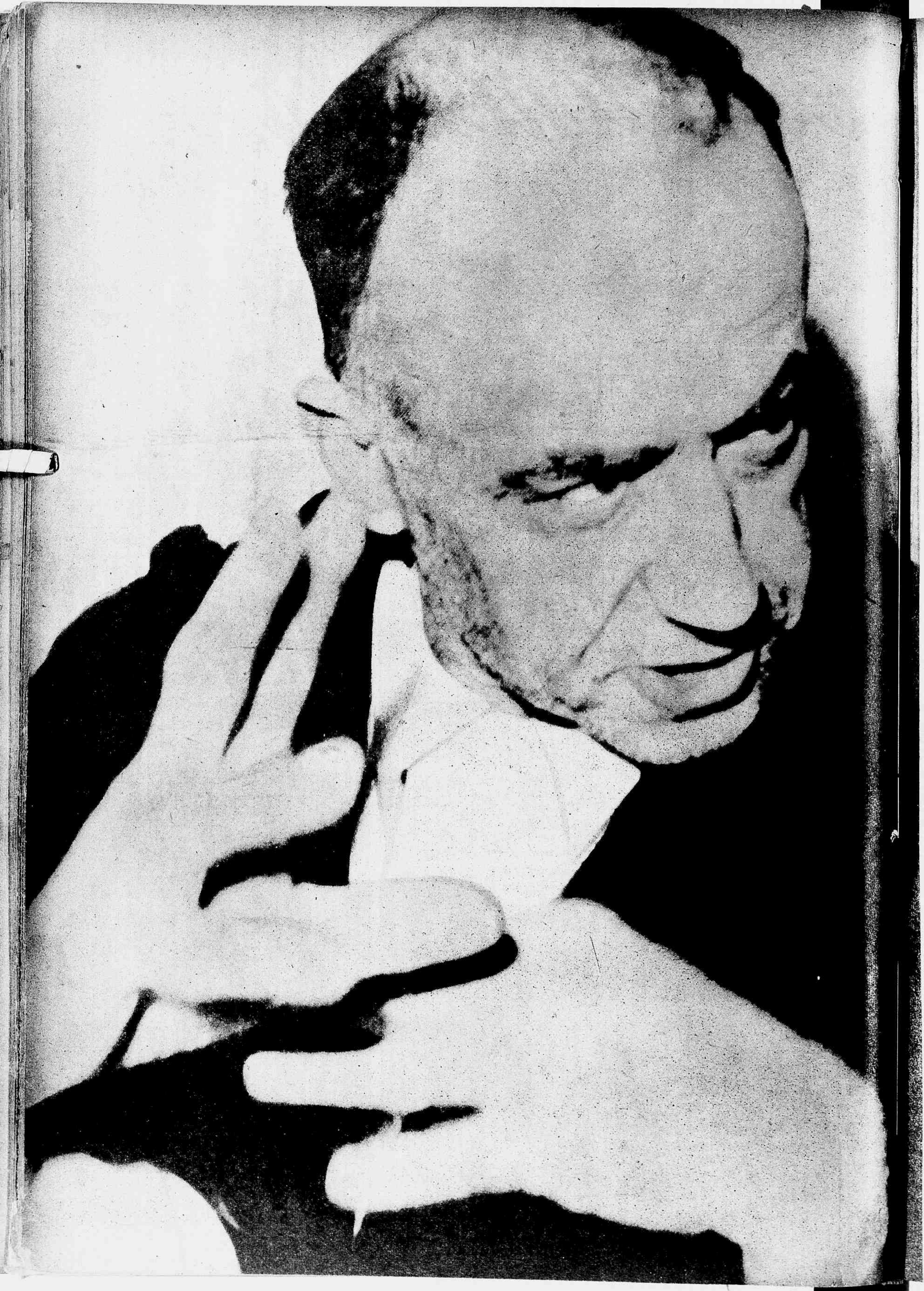
— Se quer, vou tirá-las de cima da mesa e colocá-las no vão da janela. Vê-las-ei ali da mesma maneira que aqui.

Os dias que se seguiram ele se conservou extremamente ocupado na sua pequena estufa cheia de água de lixívia, prestando toda a sua atenção ao carvão, ao musgo, a todos os cuidados misteriosos de um tratador

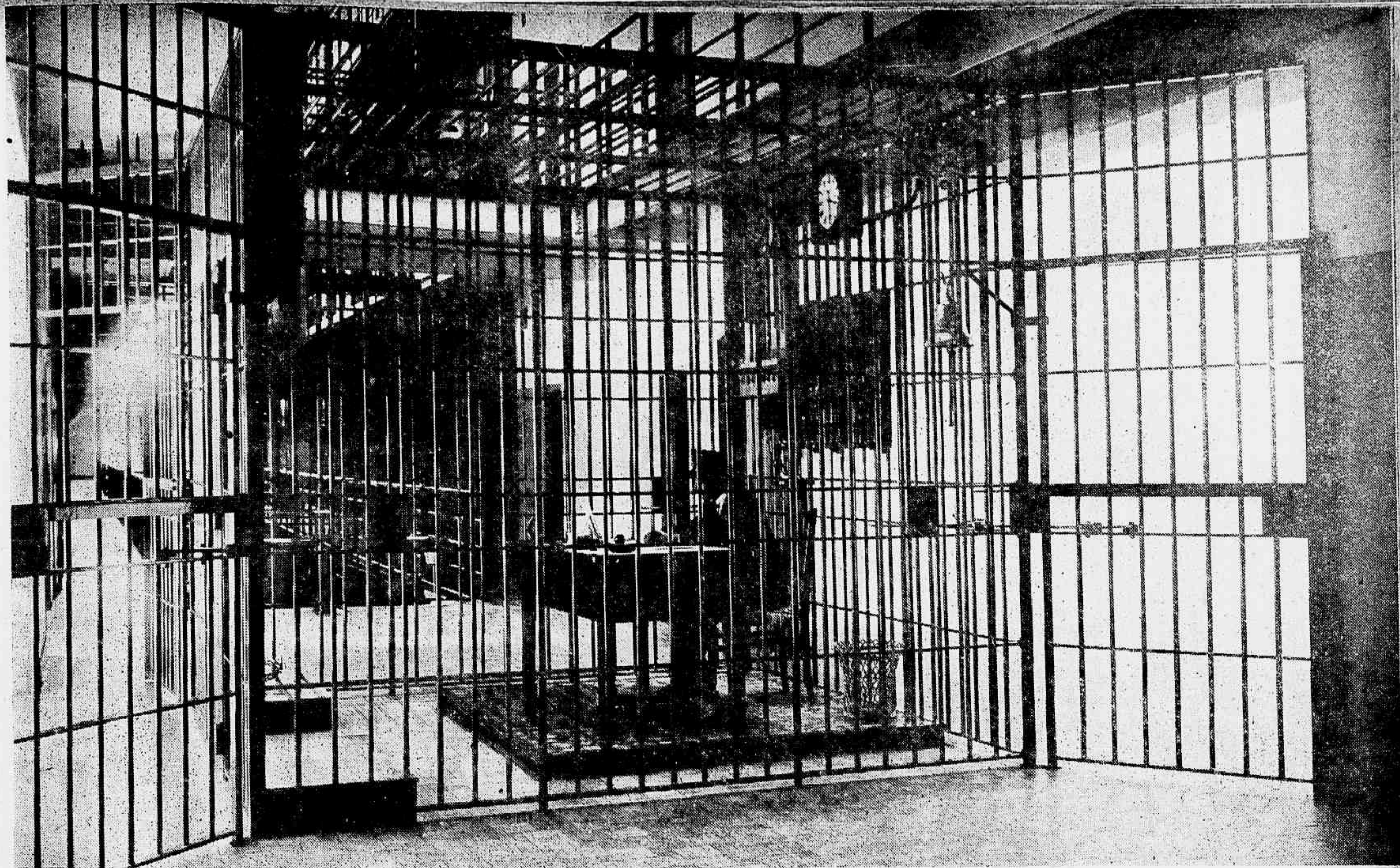
(Continua na pág. 56)











Ao alto : Centro de observação. Na página à esquerda : O ex-sentenciado Nº 1.630, a quem foi concedido livramento condicional no dia 11 de janeiro de 1947. Envelhecido no cárcere, onde passou 22 anos, o famoso Gino Amleto Meneghetti chorou como uma criança ao deixar o edifício da Penitenciária.

# 6.000 ANOS E 3 HORAS NA PENITENCIÁRIA DE S. PAULO

**Meneghetti chorou ao deixar o famoso presídio do Carandirú — 1.028 homens e 33 mulheres internados — Como vivem os reclusos, da internação ao livramento condicional — "Paradigma de todas las perfecciones" — Conversações com vários sentenciados — Faria Junior um eterno rebelde — José Pistone e Gino Amleto Meneghetti, postos em liberdade condicional — Outras notas**

Reportagem de NELSON VAINER



Fotos de CESAR LACERDA

UM enorme portão de cimento armado, que mais se assemelha a um arco de triunfo, com guarda de baloneta calada à vista — é por onde se ingressa na Penitenciária do Estado de que tanto se orgulha São Paulo.

Mal passamos o portão, vem ao nosso encontro o porteiro e indaga :

— O que o senhor deseja ?...

— Falar com o diretor geral, que está me esperando.

Temos entrevista marcada para as 9 horas.

— Quem deseja falar ?

— REVISTA DA SEMANA.

— Vou ligar para a sala do diretor.

O porteiro se retira, entra na portaria, onde se demora alguns instantes e volta dizendo, indicando com a mão :

— Pode entrar, por aquele grande portão, onde já está à sua espera o secretário.

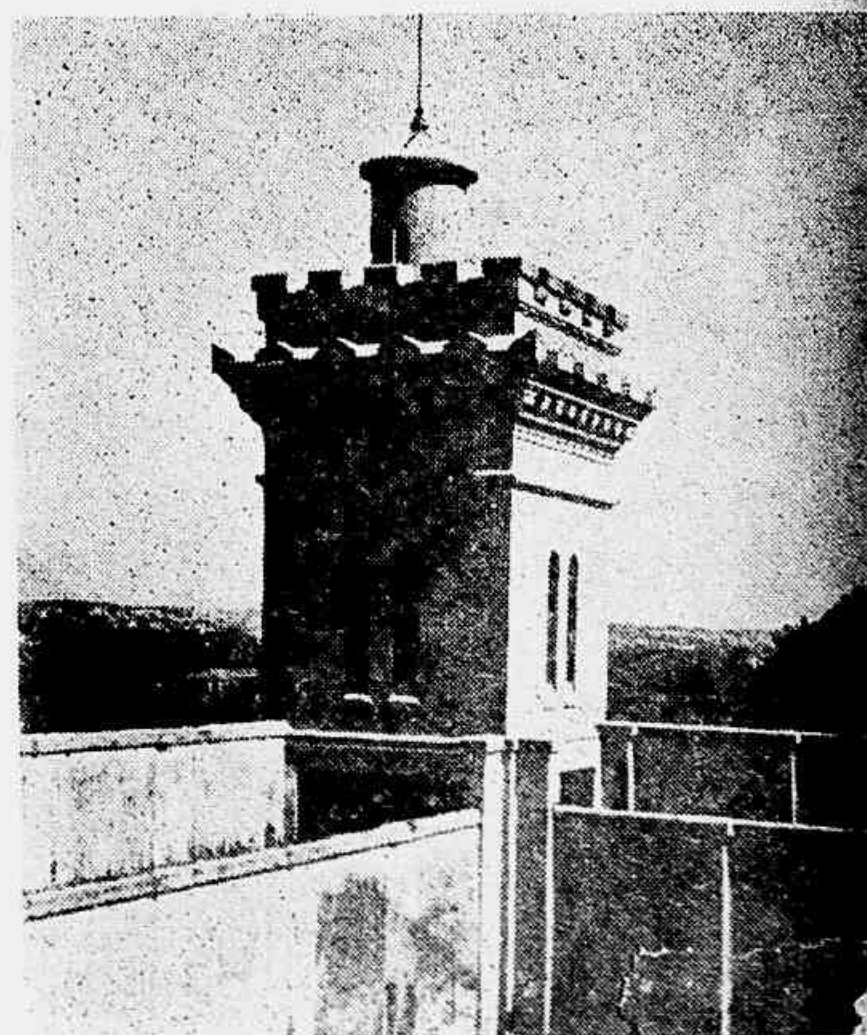
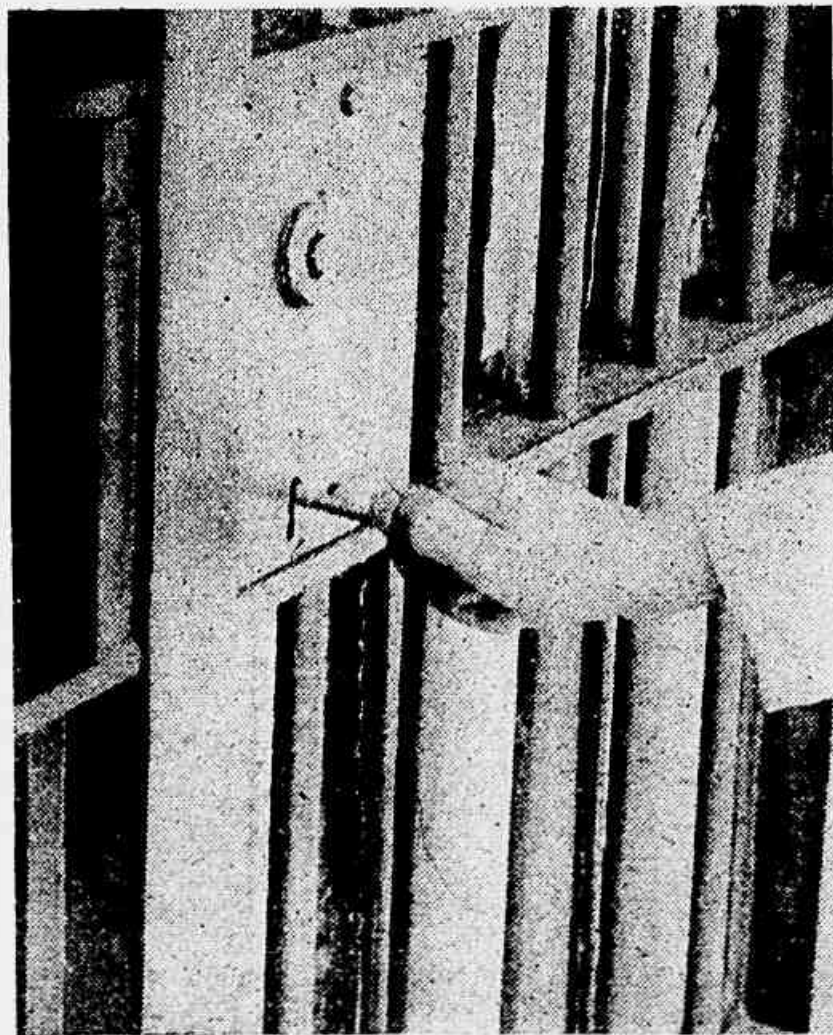
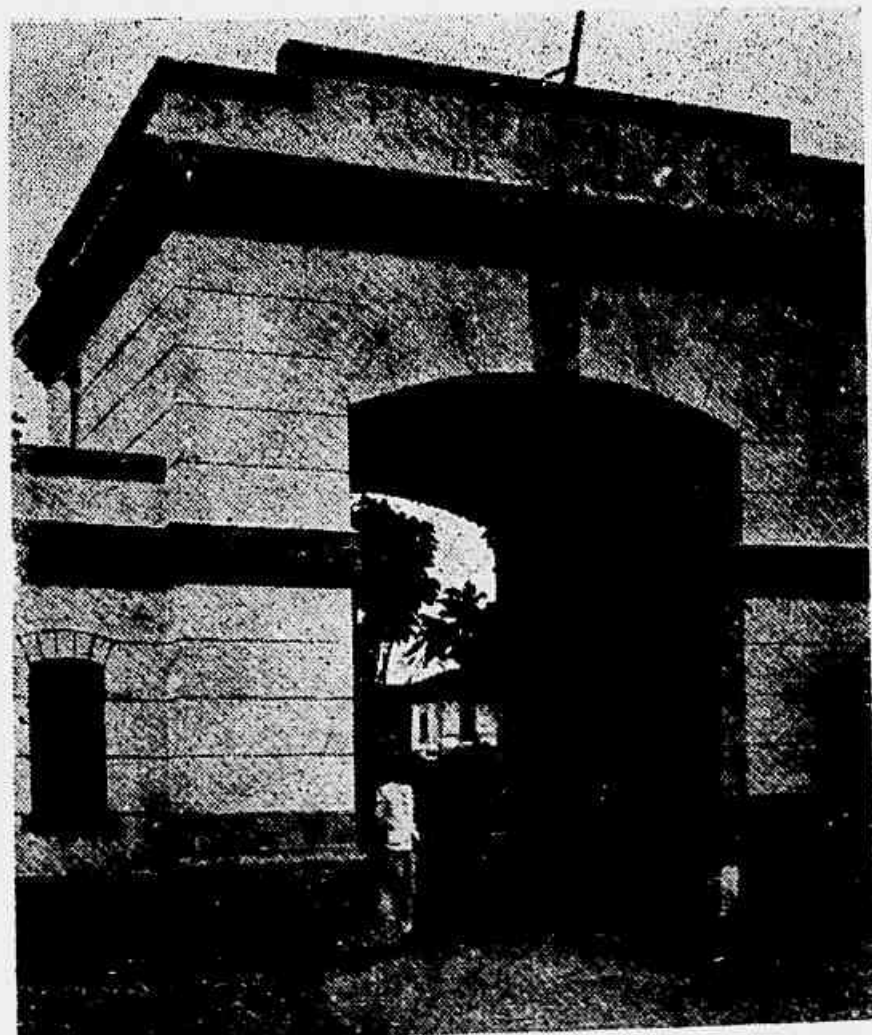
Caminhamos sem olhar em derredor, até chegar diante da fachada do famoso presídio. Sobre o frontespício, avistamos as seguintes palavras, que também podem ser vistas de longe :

"AQUI O TRABALHO, A DISCIPLINA E A BONDADE RESGATAM A FALTA COMETIDA E RECONDUZEM O HOMEM À COMUNHÃO SOCIAL".

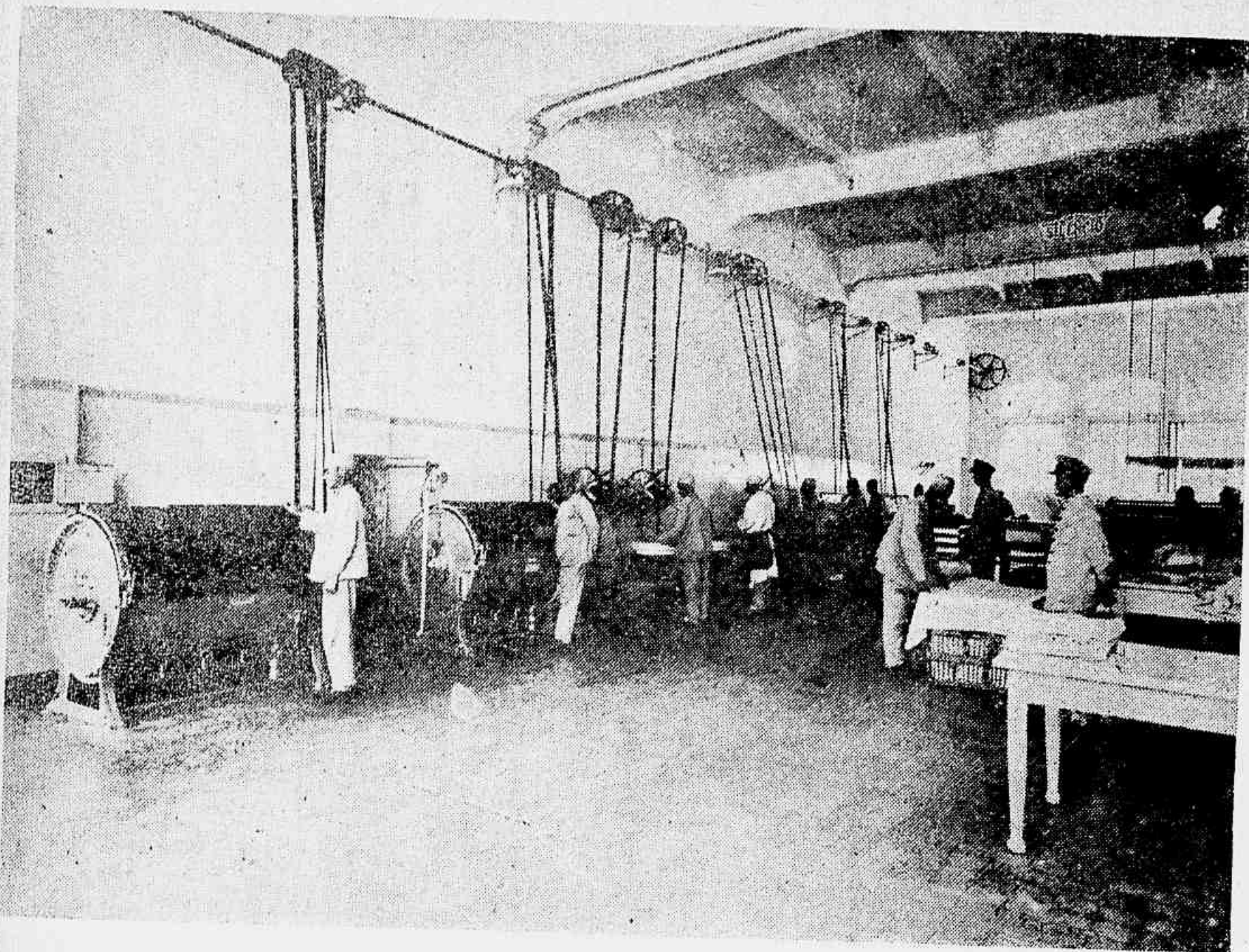
Mais uma sentinela de baloneta calada e mais um porteiro que se aproxima. — "Pode entrar", diz ele, indicando no portão, que se abre lentamente. Entramos. A guarda enfia uma gigantesca chave de ferro na fechadura e tranca o portão.

Depois de uma curta entrevista com o diretor, é designado o Sr. Domingos Araujo Arnelas para nos ser-

Da esquerda para a direita : Portaria. Entrada principal. De um corredor para outro, de uma sala para outra, a porta é fechada à chave à medida que a gente vai entrando. Uma das quatro torres de vigia que circundam a Penitenciária.







Lavanderia.

vigilância interna é mantida por um corpo de guardas, todos funcionários da Penitenciária. E até hoje, durante os vinte e tantos anos de sua existência, nenhum sentenciado conseguiu evadir-se da famosa casa do Carandirú.

★

— E agora, — pergunta o nosso guia — que posso fazer pelo senhor?

— Falar-nos da Penitenciária e mostrar tudo que há por aqui.

— Vamos começar pelo Salão Nobre?

O senhor é quem sabe.

Entramos no Salão Nobre. O nosso cicerone explica que ali se reúne, uma vez por mês, o Conselho Penitenciário, para julgar das comutações, indultos, liberdades condicionais. As paredes são ornamentadas com quadros dos antigos governadores de São Paulo, os presidentes da República, outros homens notáveis, inclusive um de Ramos de Azevedo, construtor da Penitenciária.

#### O QUE SE LÊ NA PRISÃO

Visitamos, em seguida, a Biblioteca. O bibliotecário informa-nos que o número de livros passa de 10.000. Durante o ano de 1946, foram lidos 30.000 volumes.

— Qual é o gênero de livros que os sentenciados preferem? — desejamos saber.

— Literatura.

— E em segundo lugar?

— Direito... Depois, teosofia.

— Pode dizer-nos qual o escritor mais lido?

— Perez Escrich! É lamentável, mas é verdade. Está no nível mental dos sentenciados...

— E dos nacionais?

— José de Alencar.

— Os livros são todos comprados?

— Compramos muito pouco. O grosso dos volumes devemos às pessoas de boa vontade que se lembram de enviar-nos livros (Recado às editoras: o endereço é — Penitenciária do Estado — Rua Carandirú, São Paulo).

Assistência religiosa.

de guia. Saímos de um corredor para entrar noutro ou de uma sala para outra, cujas portas são abertas pelos guardas que logo depois de passarmos tornam a fechá-las com as enormes chaves de ferro. Um mal estar tremendo se apodera de nós. Sentimo-nos um preso, como todos aqueles que ali se encontram. Um preso para quem as portas se abrem pelos guardas e tornam a fechar-se, incontinentemente.

Grades, grades, grades... Toda a extensão do primeiro andar parece uma gaiola de gigantescas proporções, vendo-se no fundo, através das grades, as inúmeras portas das celas individuais dos reclusos.

#### O PRESIDIO

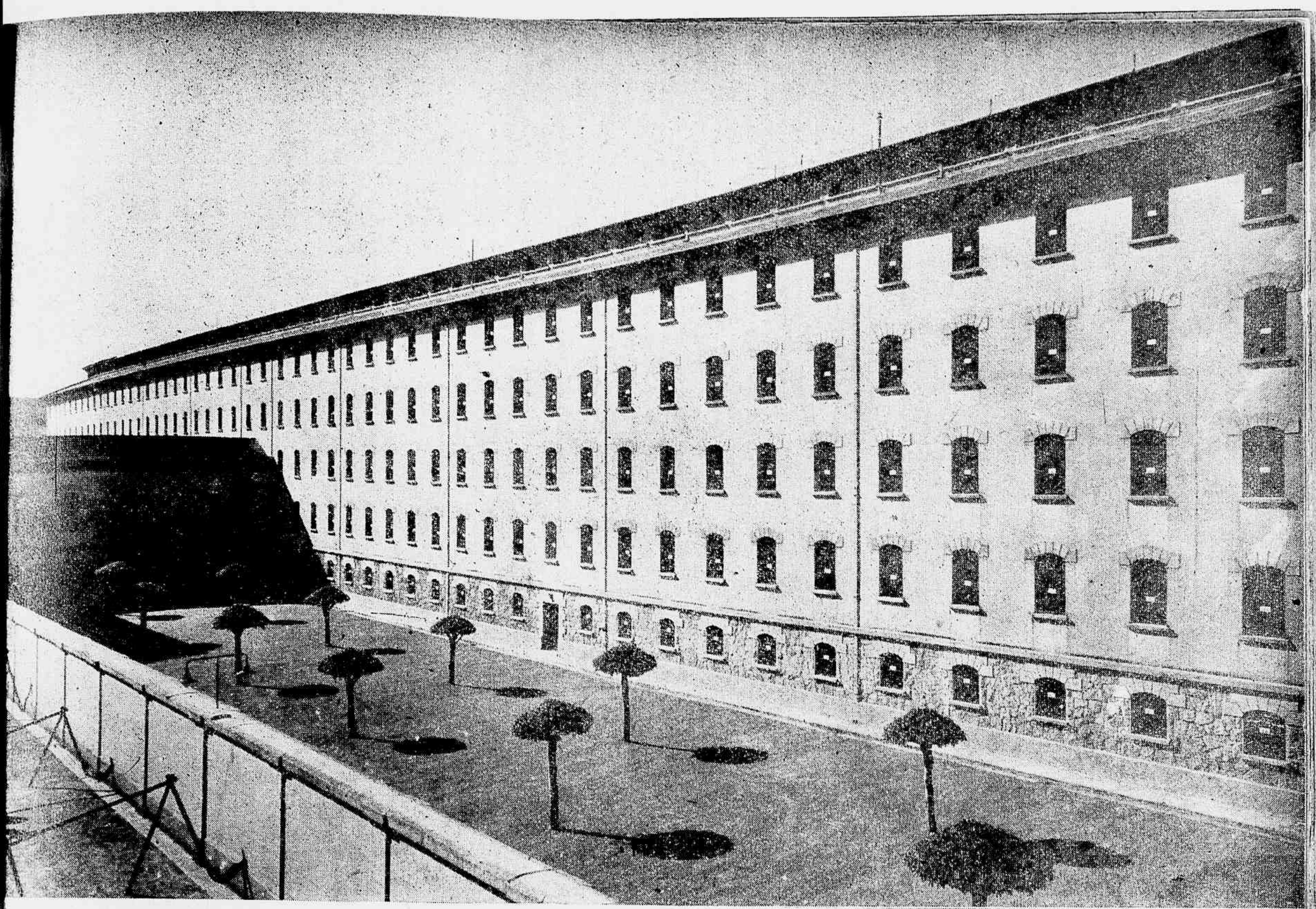
A pedra fundamental da Penitenciária de São Paulo foi lançada em 1911, mas a sua inauguração se realizou

nove anos depois, a 21 de abril de 1920, justamente na data histórica que simboliza a liberdade...

Situada no bairro do Carandirú, a poucos quilômetros do centro da Paulicéia, ocupa uma área de cerca de um milhão de metros quadrados. Dividida em três pavilhões de cinco andares e 430 células cada um, pode abrigar 1.300 homens. Atualmente, o número dos reclusos se eleva a 1.028. Em um pavilhão completamente isolado se acham internadas 33 mulheres, sob a direção de irmãs de caridade da Irmandade do Bom Pastor. Existem, ainda, construções especiais para a administração, oficinas, cozinha a vapor, lavanderias mecânicas, enfermaria, etc., todas dotadas dos mais modernos requisitos de higiene. O enorme edifício é rodeado por um muro de alguns metros de altura, quatro altas torres de vigia e uma guarda militar exclusivamente destinada a rondar o presídio. A







Vista externa de um dos três pavilhões.

#### BELAS-ARTES

Notável é o salão onde estão expostos os quadros pintados pelos sentenciados.

Ao envez de assinaturas, levam apenas o número do recluso. São dezenas e dezenas de cópias de quadros históricos, paisagens, natureza morta, cidades, vilas, tipos, trechos do Brasil antigo e do velho São Paulo. Tudo isso produzido por elementos que na liberdade nem sequer sonharam em chegar a ser um dia pintores. Contou-me o senhor Arnelas que um ex-sentenciado, ao entrar na Penitenciária, era analfabeto. Depois de aprender a ler e escrever, descobriu a vocação para pintura. Aprendeu a desenhar e pintar e, atualmente em liberdade, ganha mais de cinco mil cruzeiros mensalmente, graças aos conhecimentos de arte que adquiriu no presídio...

#### ONDE SE FALA EM DINHEIRO

As escolas — curso primário e belas artes — e as oficinas são dirigidas por professores contratados, funcionários da Penitenciária. Os presos que têm ofício, são encaminhados para as devidas oficinas; os sem profissão definida podem livremente escolher uma. Há grande oficinas mecânicas, marcenarias, funilarias, encadernação, sapataria, alfaiataria, tipografia, colchoaria, serralha, vasouraria, fábrica de escevas, lavanderia, padaria, cozinha. Toda a produção pertence ao Estado, sendo os sentenciados devidamente remunerados; metade da remuneração é depositada na Caixa Econômica, em nome de recluso e outra metade é destinada à despesa diária, isto é, para a compra de cigarros, pasta de dentes, papel, selos e outras coisas mais.

O hospital é construído por 80 células, além do Laboratório de Análises, Radiografia, Gabinete Dentário, — sendo dirigido por 25 médicos e 18 enfermeiros — todos funcionários do presídio. Ali se realizam grandes operações cirúrgicas e os doentes são muito bem tratados. Durante 8 anos, um dos cirurgiões, dr. Marcelo Nogueira, fez mais de mil operações, obtendo, assim, um recorde cirúrgico...

Sapataria.

#### RELIGIÃO

O culto religioso, na Penitenciária, não é obrigatório. Respeitam-se todas as crenças e a ninguém se pergunta que religião segue. Há um capelão e um pastor.

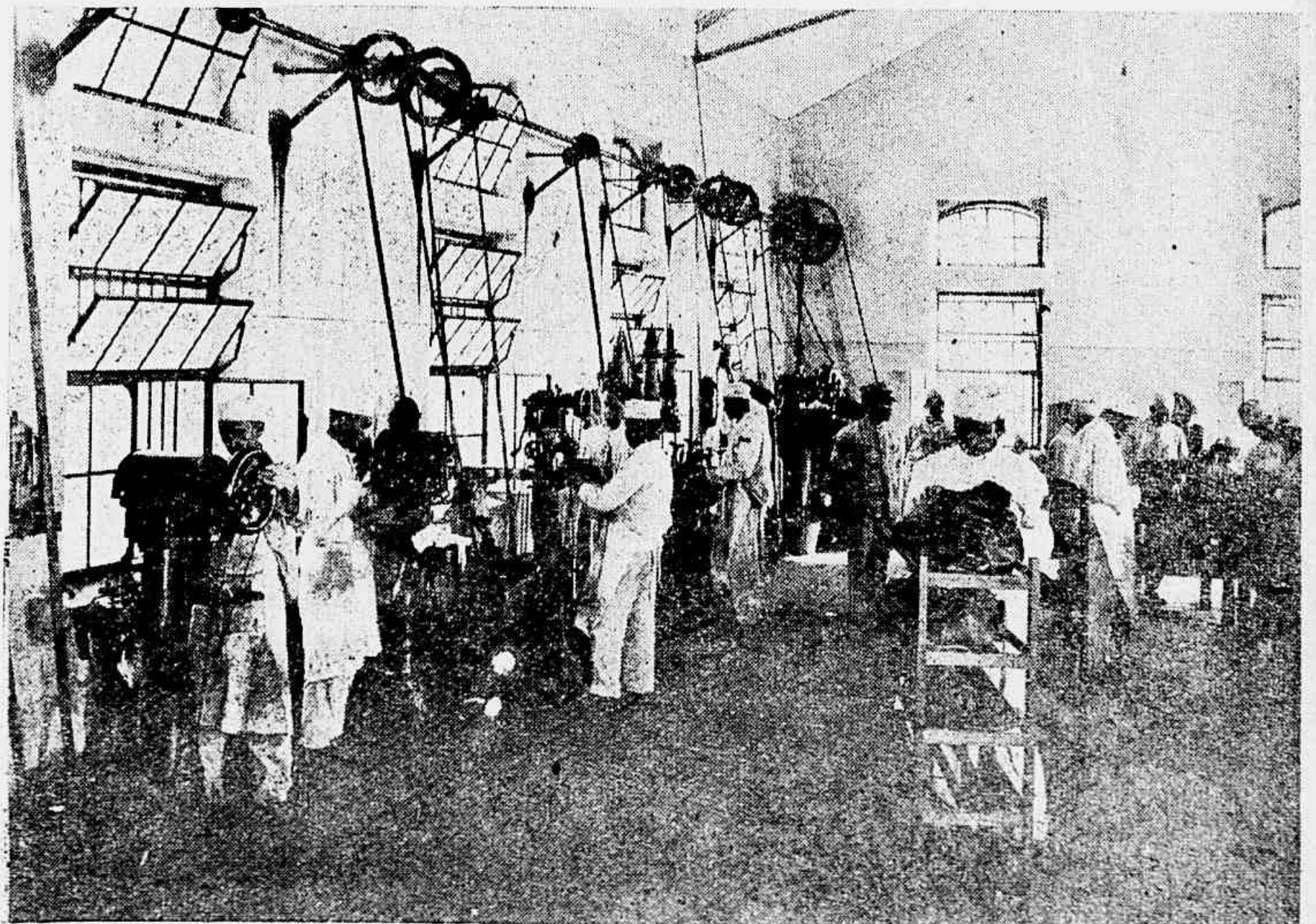
Há, também, uma banda de música e um orfeão. Também é permitido ouvir as transmissões das rádio-emissoras, aos domingos, o que é feito por meio de poderosos alto falantes. Depois do recreio, também aos domingos, há cinema.

#### O JORNAL DO PRESIDIO

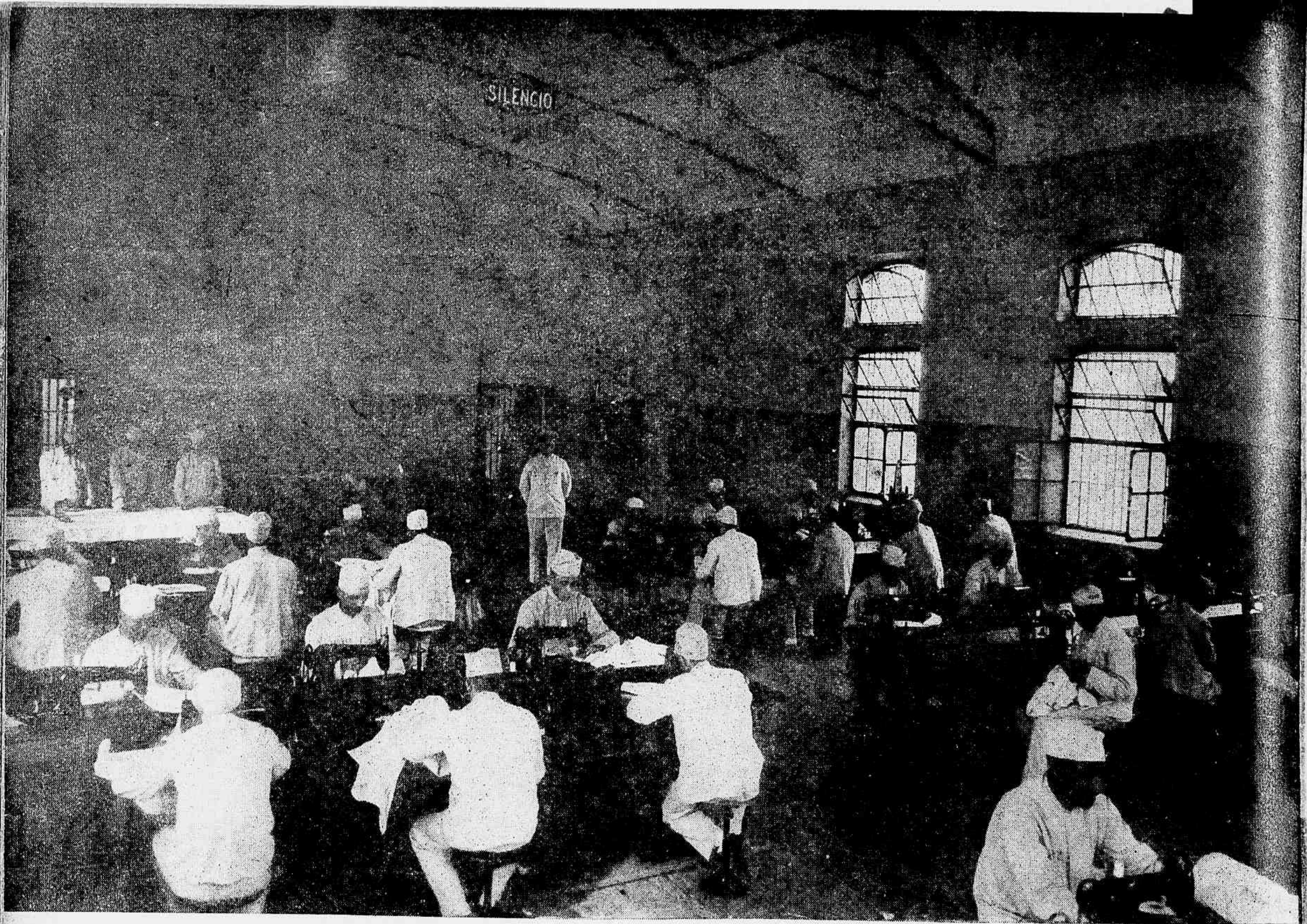
Os reclusos têm uma publicação própria — "O Nosso Jornal" (Órgão dos sentenciados da Penitenciária de São Paulo) — que aparece uma vez por mês. Os seus colaboradores são os funcionários do reformatório e os reclusos que sabem escrever.

A título de curiosidade, vamos transcrever esta colaboração de um dos internados:

"SAUDADES. — Entre todos os sentimentos que nossa alma experimenta, o mais terno, mais doce, mais dedicado e ao mesmo tempo mais dilacerante é a saudade. Que há de mais doloroso e tocante que um pensamento entregue a uma santa recordação, e, um coração sensível, abraçado nas dores deste sofrimento constante, que se chama saudade. Ó sentimento majestoso e terrível! A saudade é um sentimento que nos enche o coração de tristezas, mas, não havendo saudade, não há amizade. Saudade!... doce palavra, imã poderoso que aproxima os corações ausentes. Saudade é sonho que nos inebria a alma durante o sono da ausência. Saudade, flôr que serve de ornamento ao túmulo e ao coração ausente. A saudade é a flôr da amizade, nascida no coração, regada em pranto d'alma e







colhida pela afeição. Eis o que é a Saudade. — Sent. 5868”.

#### INTERNAÇÃO E ESTAGIOS

Como já dissemos acima, acham-se atualmente, na Penitenciária do Estado, 1.028 reclusos — homens de todas as cores e todas as idades, brasileiros, alemães, russos, ja-

poneses, italianos, portugueses, lituanos, sírios, espanhóis, cumprindo a pena de 1 a 3 anos de prisão.

Depois de condenado, o réu é encaminhado à Penitenciária onde é incontinenti identificado, fotografado, recebendo um uniforme com o número da matrícula. Depois da visita médica, estando em boas condições de saúde, passa a cumprir o primeiro estágio. Este consiste em

Alfaiataria.

adaptação ao regime do presídio. Completamente isolado dos demais reclusos, só tem duas horas de recreio diariamente e uma hora de aula, durante a qual é adaptado ao regime da casa por professores especialmente instruídos para esse fim. Esse estágio dura vinte dias. Se o novato vence todas as provas e se comporta bem, passa ao segundo estágio. Pode receber visitas, frequentar o cinema, passear no pátio junto com os outros, ir à capela, escolher um ofício e, sendo instruído, trabalhar na administração.

Comportando-se bem durante o segundo estágio e tendo já cumprido um terço da pena, pode solicitar promoção para o terceiro estágio. Se o consegue, é-lhe permitido deixar crescer o cabelo, pode trabalhar nos jardins que circundam o presídio. Pode trabalhar na lavoura, sendo para esse fim removido para a Colônia Agrícola de Taubaté — dependência da Penitenciária no interior do Estado.

Cumprindo a metade da sentença, que deve ser superior a 3 anos, e demonstrando uma conduta exemplar, está em condições de requerer liberdade condicional.

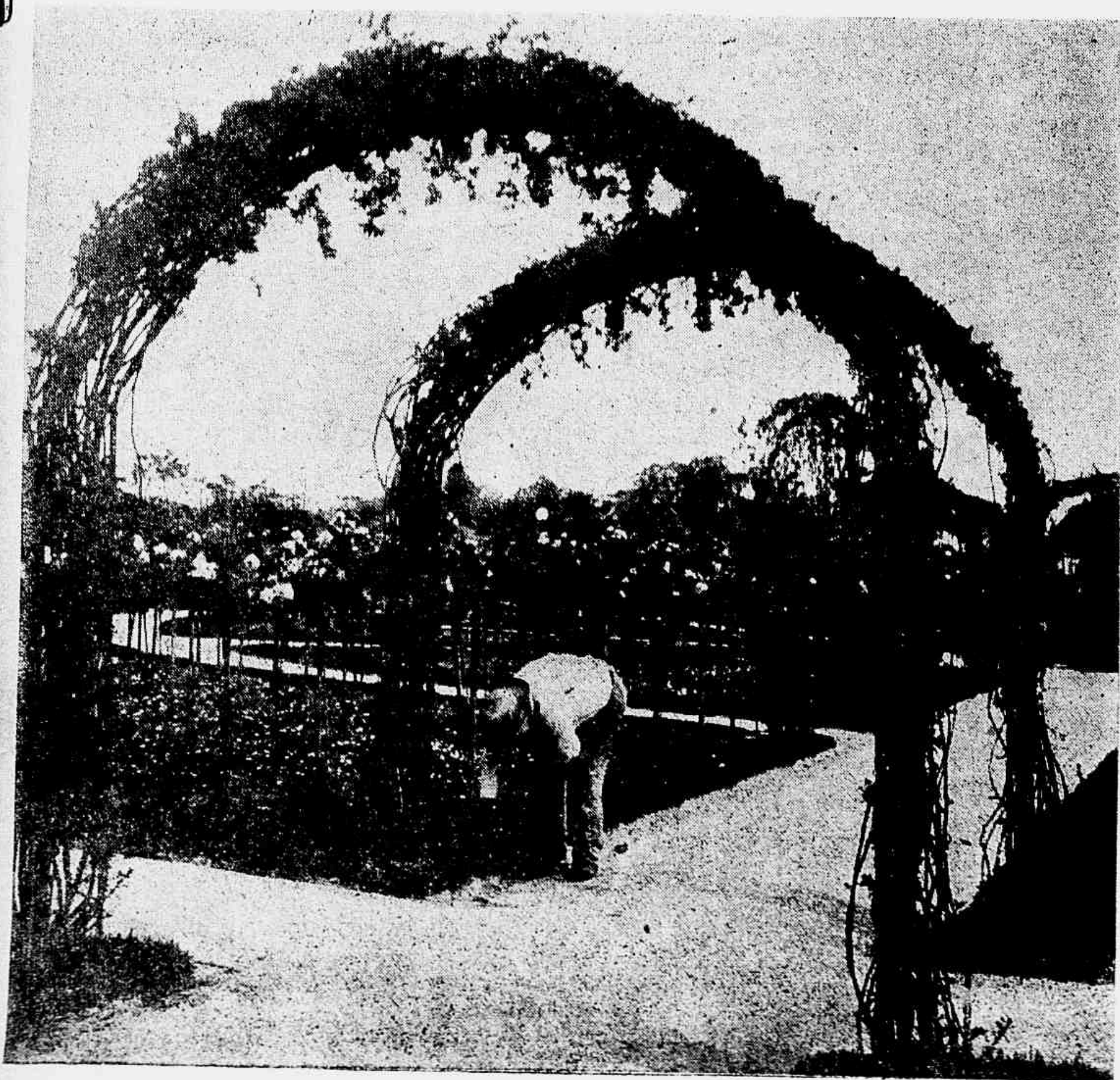
#### 24 HORAS NA VIDA DE UM SENTENCIADO

Os reclusos se levantam às 5,30 horas. As 6 horas recebem café, leite, pão e manteiga. As 6,30 se dirigem para as oficinas, onde permanecem até às 10 horas, recolhendo-se, em seguida, aos cubículos. As 11 horas é-lhes servido o almoço que consiste de: sopa, bife, feijão, arroz, carne, pirão de batata, verduras. Sobremesa: bananas, mamão ou laranja. As 11,30 saem para o recreio, no pátio, onde permanecem uma hora. As 12,30 voltam ao trabalho, recolhendo-se quatro horas depois. Jantam às 17 horas, comida que difere pouco da do almoço. Das 17,30 às 18,30 ouvem música, os programas das estações de São Paulo e outras cidades, através dos alto-falantes instalados nos corredores. Das 18,30 às 21 horas, frequentam as escolas de curso primário, desenho e pintura. As 21,30 horas — silêncio.

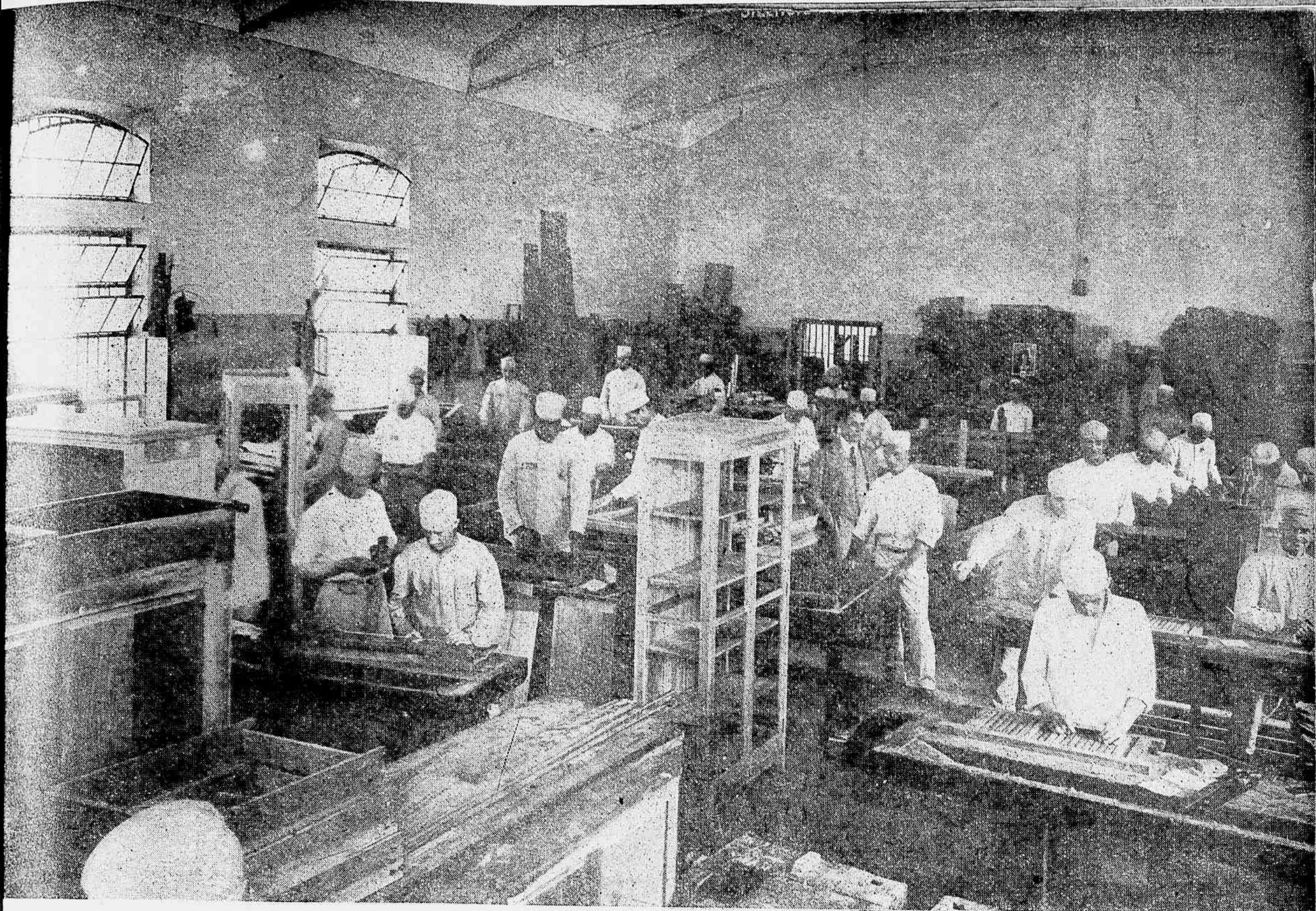
#### CONVERSÇÕES COM INTERNADOS

Em todas as secções visitadas, procuramos entrar em contacto íntimo com os sentenciados, para ver o que eles fizeram da vida ou o que a vida fez deles. — “Está vendo

Jardim externo.







Marcenaria

aquele moço alto, no fim do corredor?" — pergunta o meu guia. Respondo afirmativamente. — "É um assassino. Quer falar com ele?" — Quero sim, respondo. — "Então vamos até lá".

Ao chegarmos perto dele sorriu, e levando a mão ao gorro, cumprimentou-nos.

Era um homem de seus trinta e poucos anos, alto, magro.

— Então, como vai o senhor? — perguntamos fixando nossos olhos nos seus. O recluso baixou a cabeça. Aliás, quase todos os internados têm o costume de baixar a cabeça quando falam.

— Vai se vivendo, — respondeu sem olhar para nós.

— Está há muito tempo aqui?

— Se eu não aprendesse aqui a ler e escrever não saberia responder-lhe ao certo. Diria ao senhor que estou nesta casa toda uma eternidade... Mas como sei ler e escrevo, posso dizer-lhe que estou aqui seis anos e dois meses, ou melhor — 2.251 dias e algumas horas...

— Por que foi condenado?

— Há alguns anos, a minha resposta seria simples e curta: porque matei um "cara". Hoje, porém, as coisas mudaram. Foi um homicídio que causou a minha ruína...

#### DO REMORSO A ADAPTAÇÃO

Percebendo que se tratava de um homem inteligente, procuramos prolongar a conversa.

— Lembra-se do que sentiu nos primeiros dias, quando veio para cá?

— Se me lembro? Nunca hei de esquecer. A primeira noite não consegui conciliar o sono. Mal fechava os olhos, via diante de mim todos os demônios do arrependimento e do remorso em uma dança infernal. Nas noites seguintes essas cenas se repetiram. Foi um horror! Deixei lá fora uma namorada, uma loira. Queria casar com ela. Nos primeiros meses ela vinha visitar-me, aos domingos. Queria esperar por mim, mas pedi que ela se casasse com outro. Obedeceu. E eu continuo aqui, condenado a mais de vinte anos... Quase enlouqueci...

— Mas depois se habituou?

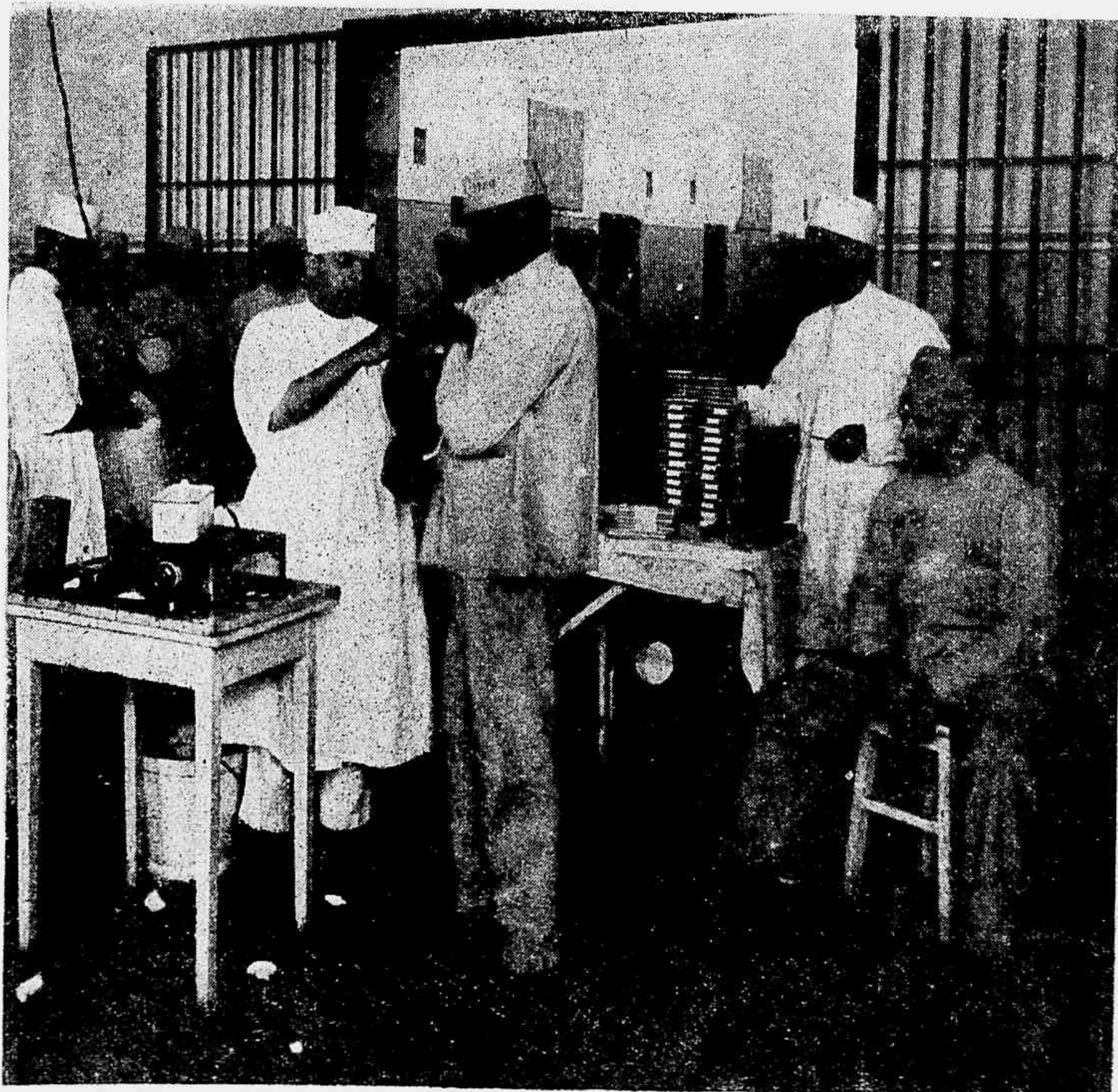
— Os homens, meu amigo, são como as minhocas — eles se habitam em qualquer parte. E vão vivendo. Da esperança de alcançar algo melhor, tira-se a força para viver. Aprendi a ler e escrever. Aprendi um ofício. Leio muito à noite. "Estudo" Direito... Se a Penitenciária tivesse autoridade para outorgar diplomas, não teria receio de prestar exame para receber um — de advogado.

#### UM "ARTISTA" QUE VAI SER ESCRITOR

Despedimo-nos e entramos no laboratório de análises. Um moço de vinte e poucos anos nos cumprimenta. Entabulamos uma palestra.

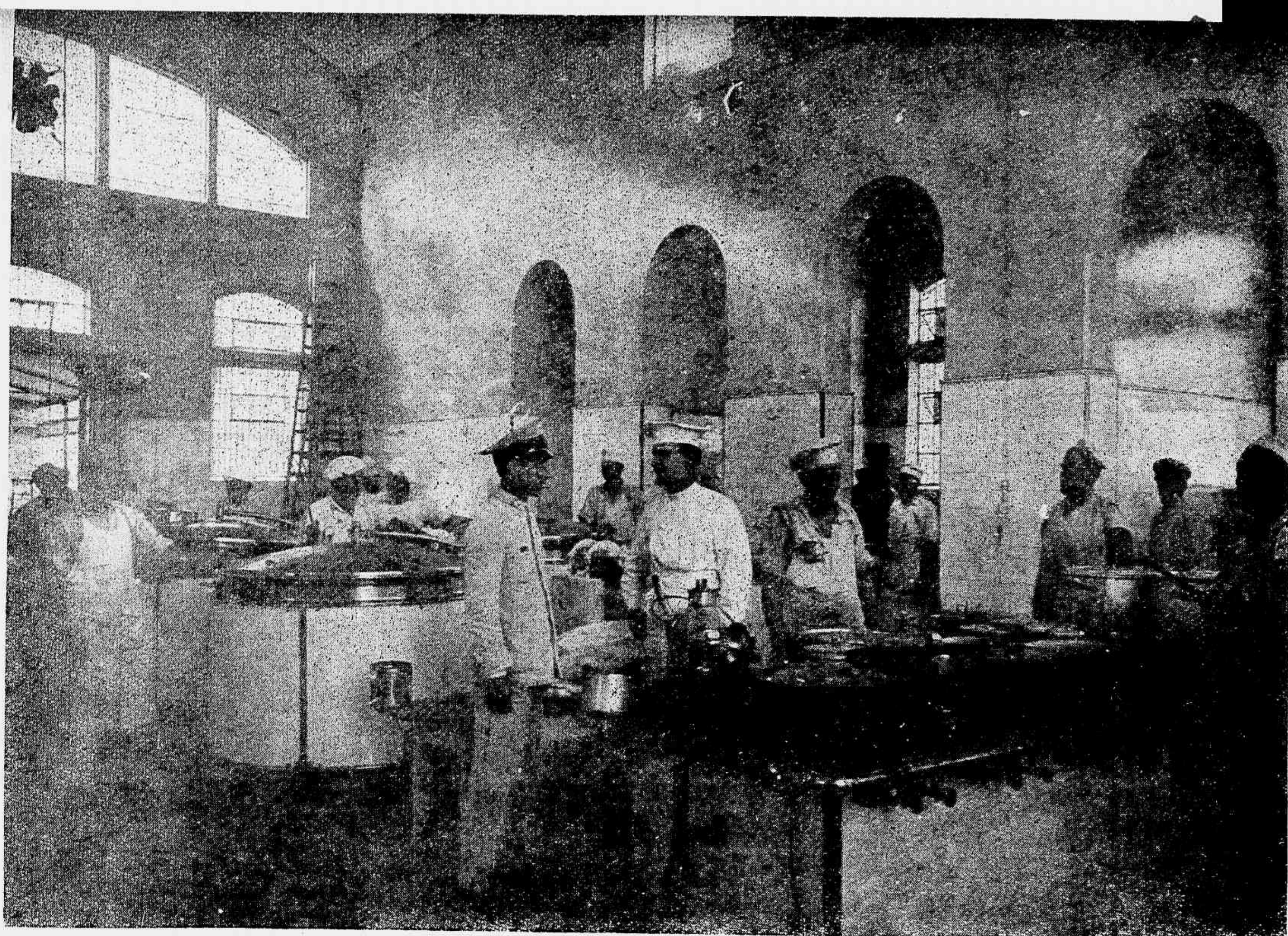
— Que fez antes de vir parar aqui?

— Era artista. Porque só mesmo um artista pode bater



Hospital.





Cozinha

uma carteira sem que o roubado, nem os que se acham perto, o percebam...

— De fato...

— Mais difícil ainda é entrar num palacete, dar uma "voltinha" pelos aposentos e surrupiar as jóias — dessas que a gente gosta de guardar num bolsinho e depois vendê-las por uma quantia considerável...

— Foi o que fez?

— E com que "talento"... até ser preso, processado e condenado. Mas eu vou sair dentro de muito breve.

— E já pensou no que vai fazer quando livre?

— Já. Vou escrever contos policiais. Tenho uma porção de originais, que precisam ser melhorados. Serão contos úteis para todos aqueles que tiverem "vocação" para a "arte" que roubou alguns anos da minha vida.

— E pretende viver disso lá fora?

— Não sei, mas com o ofício que aprendi aqui estou apto a ganhar a vida onde quer que seja.

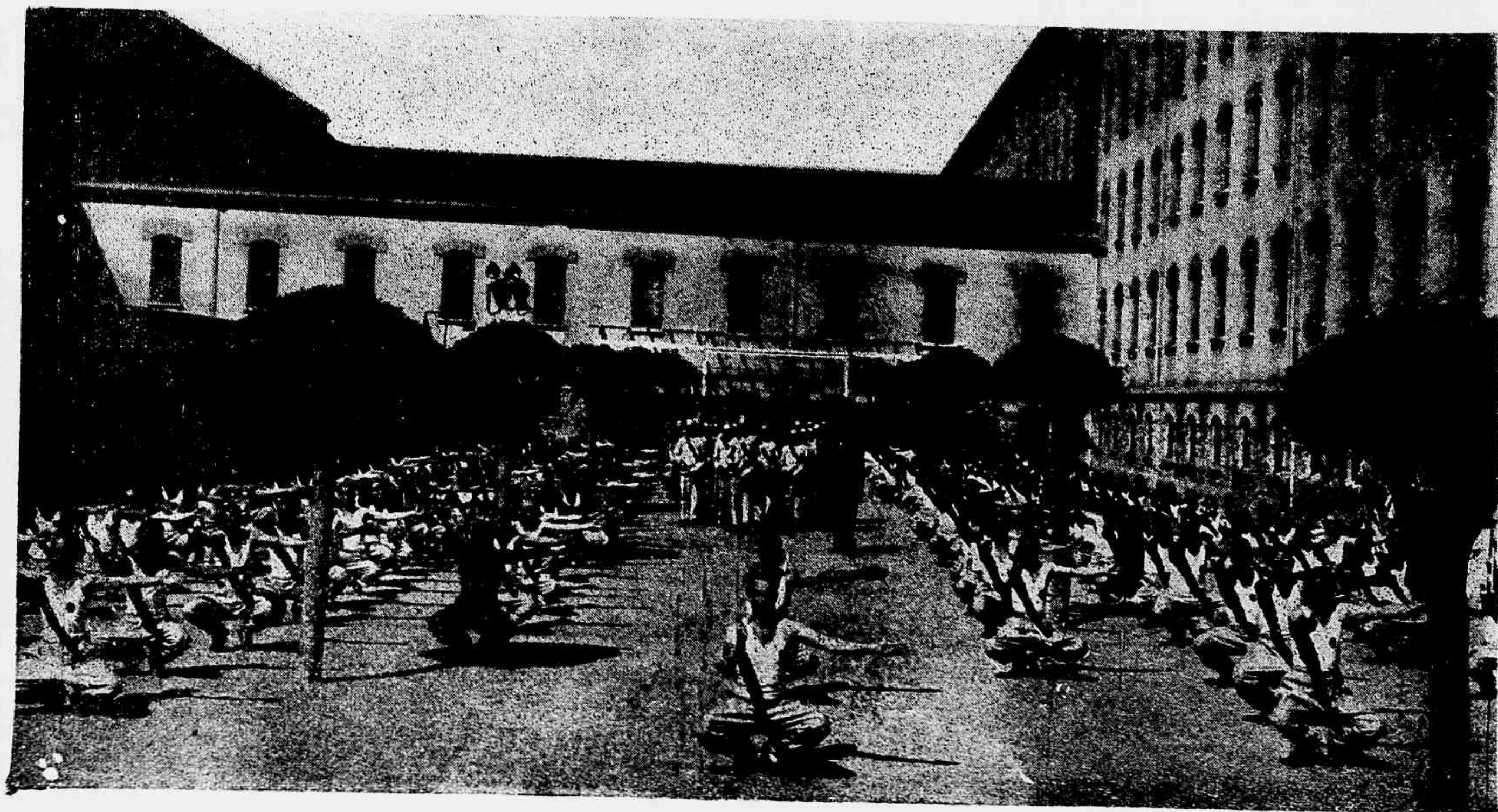
Mantivemos, durante algumas horas, palestras com muitos internados e o que nos foi dado observar é que a Penitenciária do Estado tem sido, durante os vinte e seis anos da sua existência, não apenas um presidio para ladrões e assassinos, mas um modelar centro de educação que faz jus às palavras de Herculano de Freitas que se vêem no frontispício da famosa casa do Carandirú. Jimez de Asúa, uma das maiores autoridades em as-

Exercícios de ginástica, no pátio do presidio

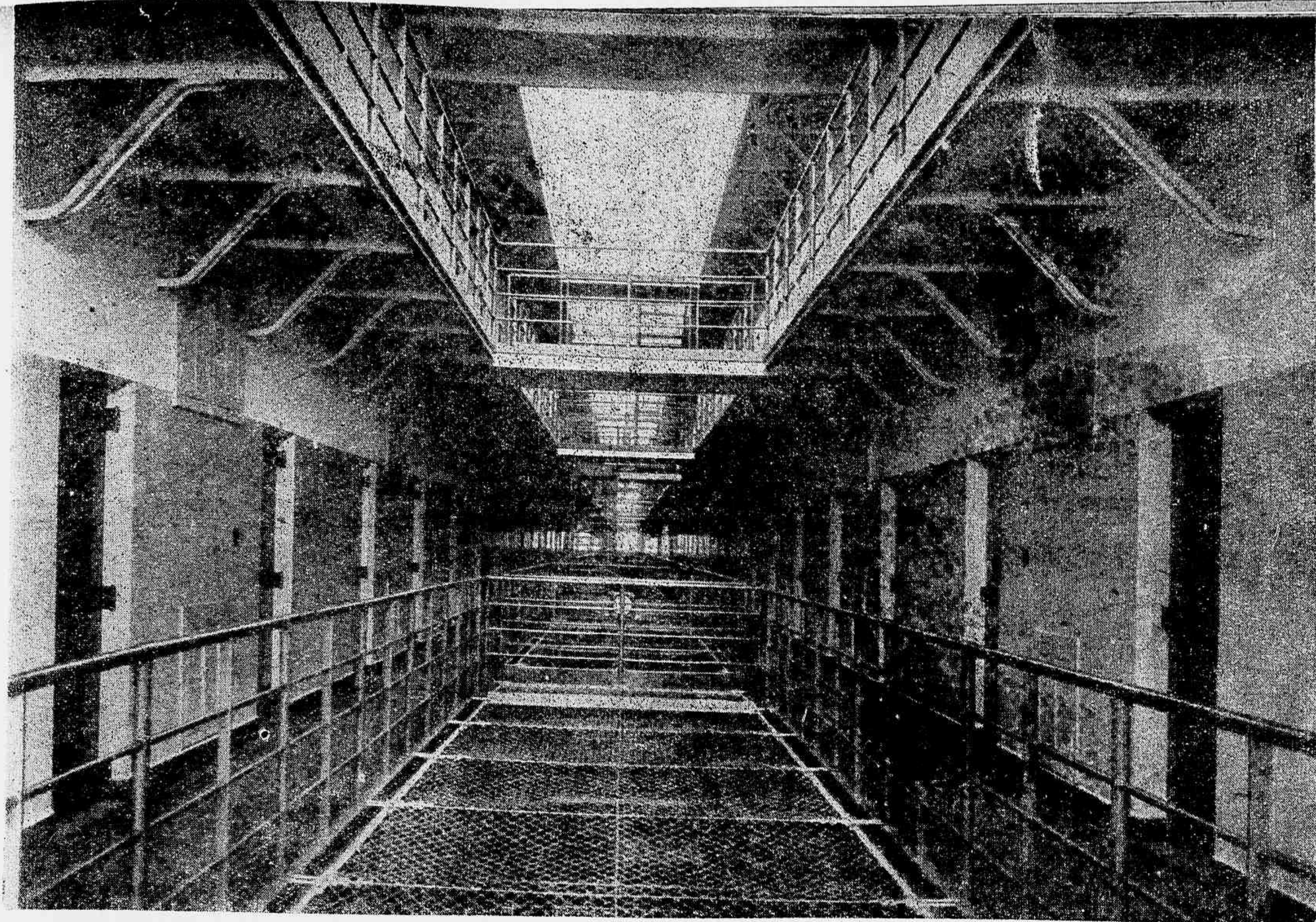
suntos criminais e penitenciários da atualidade afirmou entre outras coisas que a Penitenciária de São Paulo é um "paradigma de todas las perfecciones" e Bento de Faria, ministro do Supremo Tribunal e autor do Código Penal Brasileiro disse, referindo-se ao grande presidio que "este sanatório penal não só honra a cultura de São Paulo, como também há de orgulhar o Brasil".

FARIA JUNIOR — PISTONE — MENEGHETTI

Um caso a lamentar, um "caso perdido" nos anais da Penitenciária, é o de Faria Junior, homem de trinta e poucos anos, que assassinou uma mulher no Alto da Serra, numa "limousine". Condenado a 30 anos de prisão, foi internado na Penitenciária. Não se conformando com o







Interior de um pavilhão.

seu triste destino, comportou-se tão mal que todas as tentativas dos encarregados do reformatório para endireitá-lo, falharam. Finalmente, foi removido para a "Ilha Anchieta" — antiga e difamada "Ilha dos Porcos".

José Pistone, o famoso autor do "Crime da Mala" está em liberdade condicional há quase dois anos. Mora no interior do Estado e trabalha no comércio. Durante todos os anos nos quais se achava internado comportava-se de modo exemplar. Agora, em liberdade, leva vida honesta e pacata.

Vem, por fim, o caso do celeberrimo Gino Amleto Meneghetti — o nome número um da crônica policial da nossa imprensa.

Preso há 22 anos, foi, durante 17 anos, um enigma, pois ninguém conseguia compreendê-lo. Foi, então, a perso-

nificação da revolta e da indisciplina". Esse estado de coisas plorou bastante a sua situação, pois novas penas lhe foram impostas, num total superior a 40 anos de reclusão. Com o decorrer dos anos, porém, Meneghetti mudou de atitude, procurando por todos os meios reabilitar-se, afim de obter o livramento condicional. Foi uma luta tremenda entre as duas personalidades do famoso sentenciado — a de ontem e a de hoje — saindo vencedora a última. Várias vezes requereu o livramento condicional e em todas elas lhe foi negado o pedido. Finalmente, conseguiu o que tanto desejava, sendo-lhe restituída a liberdade no dia 13 de janeiro deste ano.

Envelhecido no cárcere, saiu da Penitenciária num dia cheio de sol e vida. Ao deixar o presídio chorou copiosamente, como se fosse uma criança. Seus filhos Luis e Spartaco esperavam-no, e o receberam de braços abertos. Foi para a residência dos filhos, onde é tratado com carinho e bondade. Cumprindo uma das condições exigidas pelo livramento condicional, Meneghetti vai trabalhar como encanador, junto com um dos seus filhos. E' só o que se sabe a respeito do famoso ex-sentenciado nº 1.630. Nenhum repórter conseguiu entrevistá-lo até o momento. Gino Amleto Meneghetti não quer falar. Quer passar uma esponja sobre o passado e viver os últimos anos da sua existência no lar dos seus filhos que substituirá a Penitenciária do Estado onde perdeu 22 anos — os melhores da sua vida.

Gabinete dentário







# As Moscas



Conto de GALVÃO DE QUEIROZ \* Ilustr. de A. MOURA  
Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA

**M**EU encontro com o Abelardo àquela hora, em plena praça, quando o tédio começava justamente a se infiltrar nos meus nervos, foi a coisa mais agradável que me teria podido acontecer. Havia tanto que não nos avistávamos, que não pude conter uma exclamação. E atiramo-nos — é esse o termo exato — atiramo-nos um nos braços do outro, cheios de real contentamento.

Nos meus tempos de estudante, fora Abelardo o meu mais íntimo amigo. Ao findar o curso, porém, a vida nos separara, indo ele para o interior do Estado do Rio, esperando fazer clientela e enriquecer.

Enquanto esteve sem clínica, ainda achava tempo para me escrever. Depois, viera o silêncio, silêncio longo de anos, que eu compreendi ser nada mais que a prova de que as coisas, para ele, começavam a correr bem. Essa suposição, aliás, foi inteiramente confirmada em nosso encontro inesperado de ontem, quando nos abancamos à mesa de um Café e ele me contou, em poucas palavras, sua grande aventura, os obstáculos vencidos, as vitórias conquistadas, a realização, enfim, dos seus planos e projetos tantas vezes discutidos em nosso enorme quarto de Santa Tereza, na pensão da belicosa dona Lili.

Após ouvi-lo em silêncio — com uma pontinha de inveja do seu ar vitorioso e superior — iniciei uma série de pergun-

tas, não só pelo interesse de conhecê-lo a vida em detalhes como por desejo de prolongar o mais possível os momentos, ali renovados, da nossa boa intimidade.

— Deves estar feliz — exclamei a certa altura — Imagino como será boa essa tua vida, pode-se bem dizer construída traço a traço de acordo com um plano deliberadamente estabelecido... Afinal, conseguiste ser precisamente o que querias. Vives justamente a vida que deseavas viver, nesse interior onde tudo é calmo, pacato e simples, livres das tragédias e do nervosismo que aqui nos sacodem a existência, pondo-nos doentes a todos, envolvendo-nos numa espécie de névoa de loucura, ou de delírio coletivo...

— Imaginas, então, que lá onde eston a vida é tão amena que não se conhecem tragédias? Que engano, o teu!

— Admito que existam... Mas são tragédias em miniatura, que não chegam a agitar os nervos da coletividade. Tudo é relativo. Aquilo que, no meio aca-nhado do interior, é visto como trágico, aqui não passaria de fato banal e corriqueiro, que mal mereceria dez centímetros de uma coluna de jornal...

Abelardo sorriu, apanhou a carteira de cigarros e tirou um, que acendeu devagar, com o meu isqueiro que lhe estava ao alcance da mão.

— Vais ver que não — disse a seguir,

soprando ao mesmo tempo a fumaça pela boca e pelo nariz. — Vou contar-te um fato, ocorrido não há muitos dias, e em consequência do qual devo o prazer de estar aqui, sentado à tua frente, como nos nossos velhos bons tempos.

— Tragédia? — Inquiri, irônico.

— Não tanto, talvez. Mas, de qualquer modo, um caso triste. O personagem central é o irmão de minha mulher. Quando me casei já ele o tinha feito há dois anos, apesar do que, vivia ainda em verdadeira lua de mel. Chama-se Gilberto e é engenheiro agrimensor...

— Nesse caso, vive ainda?

— Vive, é claro. Mas, ouça. Há cerca de seis meses a mulher dele adoeceu. E, depois de algum tempo, em que se alternaram recaídas e melhoras, veio, afinal, a morrer. Pobre criatura! Minha medicina pouco valeu, ou, antes, valeu para nada, pois seu mal era sem cura.

Tendo enfiado, Gilberto caiu numa prostração incrível, tornou-se indiferente, apático, arredio, ensismado, e todos chegamos a recear que pudesse mesmo praticar qualquer tolice.

Passei, então, a vigiá-lo, e para tê-lo o mais possível perto dos olhos, tudo fiz para atraí-lo à minha companhia, prendendo-o sempre comigo, emprestando-lhe meus livros, interessando-o cada dia em novos assuntos, e ele lá dócilmente se deixando levar. Dia sim, dia não, ao sair do consultório, eu costumava almoçar no centro, num pequeno restaurante de que me fizera cliente habitual. Dali tomava qualquer rumo que as circunstâncias indicassem: um cinema, uma visita

às livrarias ou à casa de um colega... E, para arrancar o meu cunhado do ambiente caseiro, onde as recordações teriam, por força, que atuar sobre seu espírito, passei a marcar encontro com ele à mesa do restaurante, onde já o encontrava sempre, invariavelmente, à minha espera.

Um dia — e aqui começa o caso a que me referi — um dia, ao chegar, encontrei o restaurante em reboliço. A porta aglomerada, havia grande multidão, e só à custa de empurrões e cotoveladas consegui entrar na sala, onde a confusão era maior do que lá fora. Não foi preciso, ao entrar, que me explicassem coisa alguma. A um canto da sala, caído de costas, morto, havia um homem...

— Teu cunhado? — Interrompi.

— Já não te disse que meu cunhado está vivo? Esqueceste?

— E' verdade... — murmurei.

— Meu cunhado é que o matara, e a coisa se passara de maneira tão rápida, que conseguira fugir sem que o pudessem deter. Ninguém sabia a razão daquele gesto tresloucado. Não houvera discussão. Gilberto agira como um doido, furiosamente, inesperadamente. Matara o homem brutalmente, com uma faca apanhada à mesa em que estava sentado...

Imediatamente saí, à procura dele; tomei um carro e mandei tocar para casa.

Ao chegar, tudo estava calmo; não havia o menor sinal de que até ali tivesse chegado qualquer notícia do ocorrido. Entrei, simulando também a maior tranqüilidade, e perguntei por ele à criada que me abriu a porta.

Cont. na pág. 57





Mr. e Mrs. Paul Brinckman, um dos jovens e felizes casais de Hollywood. Mrs. Brinckman é a encantadora estrelinha Jeanne Crain, que breve veremos em dois notáveis "Technicolors", "Margie" e "Centennial Summer", ambos da R. K. O.

**N**ÃO há nada que beneficie tanto a beleza feminina como a ginástica. Mas a ginástica bem orientada; não a que desenvolve musculaturas (essa é para homens...) mas a que suaviza o contorno do corpo aperfeiçoando as suas linhas. Mesmo que você seja uma dona de casa que se vê às voltas com os serviços domésticos, ou que seja uma funcionária forçada a lutar para tomar condução e que no escritório se movimente constantemente de uma sala para outra, mesmo assim, você não está livre da ginástica. Porque esses exercícios que você acha serem suficientes, não lhe dão, de maneira alguma, a graça, a beleza e a agilidade que lhe dá a ginástica.

O meu conselho, portanto, seja qual for a sua atividade, é que pratique, diariamente, ao levantar-se, uma série de exercícios os quais deverão ser escolhidos de acordo com as suas condições físicas. Há exercícios para redução de quadris, abdômen, busto, etc., como também os há para o desenvolvimento desses mesmos pontos.

Um, porém, será sempre necessário; é o respiratório. Entre um e outro exercício para o seu corpo, faça um respiratório. Respirando profundamente diante de uma janela aberta, você encherá mais ainda, os seus pulmões de oxigênio.

Sendo possível, aproveite os seus dias de folga para praticar pelo menos um esporte.

Mas lembre-se de que isto não elimina a obrigação de ginástica diária. Um dos esportes mais indicados para a mulher é o tênis, pois requer extrema agilidade não só física como mental. Também os jogos de praia o "volley" e a peteca, são do excelente resultado. E, para completar, caminhe toda a vez que possa, de preferência pela manhã e à noite, mas caminhe com conforto, isto é, com roupas leves e sapatos de saltos baixos.

Não permita, pois, que a "preguiça" impeça a realização de tudo isto, pois é realmente compensador tudo o que possa dar a você uma figura esguila e elegante e um porte ereto e distinto.

KITTY

# NOS BASTIDORES FEMININOS







# NOITE

OS modelos de noite fornecem aos costureiros mil motivos para variações. Também os tecidos escolhidos muito influem na realização de um grande modelo. E' preciso escolher justamente aquilo que se adapte a cada tipo. Mas o importante mesmo, é tornar a mulher mais bonita, e isto eles conseguem, sem dúvida alguma...

Oferecemos hoje às nossas leitoras algumas sugestões para modelos de noite: Na página à esquerda: Jean Louis, figurinista da Columbia Pict., criou, inspirando-se nos trajes do século



dezoito, este magnífico modelo apresentado por Bárbara Britton. A blusa é de finíssimo "chiffon", muito decotada, com babados de renda. O corpete e a saia, amplíssima, são feitos em tafetá azul rei. Ainda de Jean Louis é este riquíssimo modelo em brocado, bordado a ouro e pedrarias. Plumas ao redor do decote dão um "ar" ainda mais romantico à "toilette". Nesta página, este modelo de Lynn Robert, "estrela" da Republic, é executado em "tulle" branco bordado a prata. Vêu também de "tulle". Vera Hrubá Ralston, do elenco da Republic, exhibe aqui um maravilhoso vestido branco. O corpete é de tafetá e a saia, muito ampla, de organza. Babados de organza "salpicados" de lantejoulas ao redor do grande decote. Borboletas prateadas aplicadas sobre o busto. No corpete há também bordado prateado.





# JANIS PAIGE

JANIS PAIGE é uma estupenda garota da Warner Bros., que aqui aparece com um vestido para jantar de seda branca com folhagens verdes. Decote em "V", faixa drapeada na cintura, e "basque" franzida. Saia "godel". Modelo estampado de JANE HARKER, talhe alto, saia em pregas soltas.



Apresentamos, hoje, dois modelos para as futuras mães. Estes dois modelos se prestam magnificamente para conservar a sua elegância mesmo nesse estado. O primeiro é de seda azul marinho. Compõem-se de saia lisa e uma jaqueta toda fechada que cai ao longo do corpo com pregas soltas. Enfeite na gola e nas mangas. O segundo é de seda estampada, a blusa é drapeada e a saia lisa bastante franzida tem também em cada lado uma "basque" dupla.

## FUTURAS MAMÃES







## CHAPÉUS DE OUTONO

**J**A se aproxima o fim do verão e já é tempo de irmos pensando na próxima estação. O veludo será muito usado não só nos vestidos como também nos chapéus. Nestas páginas, as já famosas Goldwyn Girls, que estão para chegar ao Brasil, em visita de cordialidade, apresentam algumas criações de muito gosto e originalidade: A esquerda, Alma Carroll num modelo muito "chic" de veludo mairon com fita ciré da mesma cor formando "turbant". A direita: Karen X. Gaylord, chama a atenção das nossas leitoras para o seu chapéu de veludo púrpura, todo drapeado, terminando em grande laço na frente. Na página ao lado: E' de veludo verde este modelo de Georgia Lange. Capa drapeada, grande laço na frente. A simpática Martha Montgomery, inspirando-se nos modelos do século dezoito, usa esta boina muito "chic" e original, executada em veludo azul claro.







# O NOVO PENTEADO DE JANIS CARTER

A graciosa estrelinha da Colúmbia apresenta às nossas leitoras o encantador penteado que para ela criou Helen Hunt. Vejamo-lo em seus detalhes: Esta foto mostra como fica o cabelo no lado direito. A parte superior forma um "boucle" acompanhando a onda, enquanto a inferior à esticada para trás. O cabelo é repartido do lado esquerdo. Desse lado há dois grandes "boucles" e o cabelo é esticado para o outro lado, terminando numa onda bem marcada que cai sobre a testa. Uma "vista" posterior do penteado. E aqui finalmente vocês podem ver como ficam os "boucles" do lado esquerdo.

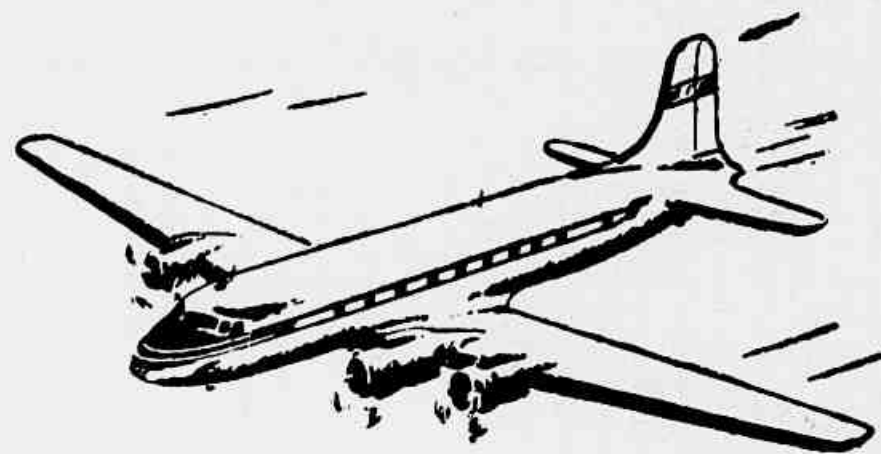








# Voe por Clipper ...é mais fácil!



★ "Sim, Senhor! Teremos a maior satisfação em lhe reservar um lugar..." É a coisa mais simples do mundo! Decidida para onde deseja voar, telefone ou se dirija ao escritório da Pan American mais próximo, e tudo o que terá que fazer é apanhar a sua passagem antes do dia da partida.



★ Mesmo que nunca tenha voado, V. S. achará incrivelmente simples viajar num Clipper Voador. Desde o momento em que V. S. apresenta a sua passagem no aeroporto, as maiores atenções lhe são dispensadas por um corpo de funcionários eficientes, que, entre outras coisas, tomará conta de sua bagagem e de seus documentos de viagem.



★ A função dos aero-moços é lhe cercar do maior conforto e atender a todas as suas conveniências. Está sentindo muito calor, ou muito frio? Gostaria de ler as últimas revistas? Basta mencionar o seu desejo! A solicitude da PAA lhe deixará realmente maravilhado... E nada de gorjetas, por favor. V. S. é convidado da Pan American.



★ "O seu lanche, madame." — o seu pequeno almoço, o seu jantar, ou talvez um simples sanduiche. A senhora saberá apreciar as deliciosas refeições quentes da PAA, servidas gratuitamente e preparadas em diversas escalas das rotas da PAA pelos nossos exímios mestres-cucas.

## Voe pela PAA... experiência sem PAR!

Em mais de dezenove anos de operações ininterruptas, a Pan American tem se mantido à frente do sistema mundial de comunicações aéreas. Não medindo despesas nem distâncias, a PAA instalou os seus aeroportos — espalhados por todos os recantos do globo — segundo os mais modernos preceitos da técnica e do conforto. Atualmente, inúmeras linhas aéreas dependem do sistema de comunicações estabelecido pela PAA. Os milhares de passageiros, cartas e encomendas transportados pelos Clippers Voadores desde 1927, são o testemunho mais eloquente da proficiência com que a Pan American serve aos povos de todos os quadrantes.

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE — CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



# PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS



PAA

*A Rede dos Clippers Voadores*

Alasca — Antígua (Índia Ocidental Britânica) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica — Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao — Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havai — Honduras — Ilha do Cantão — Ilha Fiji — Ilha Midway — Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia — Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana — República do Salvador — Sta. Lúcia (Índia Ocidental Britânica) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam — Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucon (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal.





## SARAPALHA

(Continuação da pág. 15)

— Lembro! Doutor apessoado, engracado... Vivía atrás dos mosquitos, conhecia as raças lá deles, de olhos fechados, só pela toada da cantiga... Disse que não era das frutas nem da água... Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente... Ninguém não acreditou... nem no arraial. Eu estive lá, com ele...

— Primo Argemiro, o que adianta...  
— ...Então ele ficou bravo, pois não foi? Comeu golaba, comeu melancia da beira do rio, bebeu água do Pará, e não teve nada...

— Primo Argemiro...  
— ...Depois dormiu sem cortinado, com janela aberta... Apanhou a intermitente; mas o povo ficou acreditando...

— Escuta! Primo Argemiro... Você está falando decarreira, só para não me deixar falar!

— Mas, então, não fala em morte, Primo Ribeiro!... Eu, por nada que não queria ver o senhor se ir primeiro do que eu...

— P'ra ver!... Esta carcassa bem que está aguentando... Mas, agora, já estou vendo o meu descanso, que está chegando—chega, na horinha de chegar...

— Não fala isso, Primo!... Olha aqui: não foi pena ele ter ido embora? Eu tinha fé em que acabava com a doença...

— Melhor ter ido mesmo... Tudo tem de chegar e de ir s'embora outra vez... Agora é a minha cova que está me chamando... Ai é que eu quero ver! Nenhuma ruindades deste mundo não têm poder de segurar a gente p'ra sempre. Primo Argemiro...

— Escuta, Primo Ribeiro: se alembra de quando o doutor deu a despedida p'ra o povo do povoado? Foi de manhã cedo, assim como agora... O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo queixo. Ele ajuntou a gente... Estava muito triste... Falou: — "Não adianta tomar remédio, porque o mosquito torna a picar... Todos têm de se mudar daqui... Mas andem depressa, pelo amor de Deus!"... — Foi no tempo da eleição de seu Major Vilhena... Tiroteio com três mortes...

— Foi seis meses em antes de ela ir s'embora...

De branco a mais branco, olhando espantado para o outro, Primo Argemiro se perturbou. Agora está vermelho, muito.

Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido. E, agora...

— E' isso, Primo Argemiro... Não adianta mais sojgar a idéia... Esta noite sonhei com ela, bonita como no dia do casamento... E de madrugada, ainda bem as garrixas ainda não tinham pegado a cochichar na beirada das telhas, tive notícia de que eu ia morrer... Agora mesmo, 'garrei a 'maginar: não é que a gente pelejou p'ra esquecer e não teve nenhum jeito?... Então resolvi achar melhor deixar a cabeça solta... E a cabeça solta pensa nela, Primo Argemiro...

— Tanto tempo, Primo Ribeiro!...

— Muito tempo...

— O senhor sofreu muito! E ainda a maldita da sezão...

— A maleita não é nada. Até ajudou a gente a não pensar...

Primo Argemiro cata pulgas invisíveis nas pernas das calças. Acerta a correia da cintura. Coça a roupa. Não quer olhar para o outro. Não pode. Afinal por perguntar, pergunta:

— Por que é que foi, que só hoje é que o senhor sonhou com ela, Primo Ribeiro?...

— Não sei não... Só sei é que se ela por falar, desse de chegar aqui de repente, até a febre sumia...

— E'... Se ela chegasse, até a febre sumia...

— Também, não sei: eu hoje cansei de sofrer calado... Vem um dia em que a gente fica frouxo e arrela... Também, eu só estou falando é com você, que é p'ra mim que nem um irmão. Se duvidar, nem meu filho não era capaz de ser tão companheiro, tão meu amigo, nesses anos todos... E não quis me deixar sózinho, mesmo tendo, como tem, aquelas suas terras tão boas, lá no Rio do Peixe. Não precisava de ter ficado... O sofrimento era só meu.

— Eu também senti muito, Primo Ribeiro.

Primo Argemiro falou olhando para o coqueiro cintado, erguido lá adiante do cruzeiro, com as palmas recurvas remando o vento.

— Eu sei, Primo. Você tem bom coração...

O perdigueiro despertou e veio fazer festas, dando de rabo, esfregando-lhes nas pernas os calombos das costas, chelas de bernes, que ninguém tem ânimo para catar. Bate a língua, bate orelhas, e anda curta distância, moleando as patas, com donaire de dama.

— Eu acho até que é bom falar. Quem sabe... Assim, ao menos, não fica roendo, doendo dentro da gente...

— E' mesmo. P'ra desacochar. Eu nem sei como o senhor não morreu, quando...

— Chorei no escondido. Agora não me importo de contar.

— Ela foi uma ingrata, não foi, Primo Ribeiro?... A gente tem amor até à criação, até aos cachorros. E ela...

— Só três anos de casados!... Lembra, Primo Argemiro?... Você veio morar comigo dois meses depois, p'ra plantar a meia o arroz... Eu não tenho raiva dela... Não tenho não. Ainda ficava triste, se soubesse que ela andava penando por aí atôa. Agora, o tal, esse... Mesmo doente e assim acabado, eu ainda havia de...

— Sossega, Primo Ribeiro. Levanta os braços: o senhor está botando sangue pelo nariz...

— E' de ficar com a cabeça abaixada. Já, já, passa.

— E' não. E' da doença...

— Já, já, passa.

— Ai, Primo Ribeiro porque foi que o senhor não me deixou ir atrás deles, quando eles fugiram? Eu matava o homem e trazia minha prima de volta p'ra trás...

— E'ra que, Primo Argemiro? Que é que adiantava?... Eu não podia ficar com ela mais... Na hora, quando a Maria Preta me deu o recado dela se des-



AO MENOS POR PATRIOTISMO

**D**URANTE os dois últimos meses, a música popular brasileira está sendo executada em nossos estabelecimentos diversionais (inclusive o rádio), numa proporção de 90%. Excluímos desses estabelecimentos, é claro, os cinemas onde existe o predomínio absoluto da música "yankee". Entretanto, como se costuma dizer que o sucesso dessa música se deve integralmente aos filmes em que ela está incluída queremos salientar que o fenômeno se justifica, apenas, nos Estados Unidos porque, nesses dois meses, tivemos o lançamento de algumas películas com números de sucesso e eles foram sobrepujados pelas nossas melodias. Ora, se o que é nosso consegue dar uma prova tão exuberante de vitalidade, é evidente que esse predomínio poderia estender-se facilmente durante todo o ano. E como isso será possível? Muito fácil... Basta somente que as nossas fábricas de discos mantenham o mesmo ritmo de produção do repertório nacional; que as nossas emissoras e conjuntos orquestrais dêem preferências à irradiação e execução desse mesmo repertório. Com isso, lucrariam os nossos compositores, que andam por aí a morrer de inanição e, acima de tudo, a nossa economia, que seria menos sangrada com o desvio de enormes somas para os bolsos dos felizes e bem nutridos compositores estrangeiros. Que todos se apercebam de que é preciso proceder com patriotismo nessa palpitante questão, antes que o governo intervenha com a legislação adequada...

F. CORRÊA DA SILVA

### THE THRILL OF BRASIL

(Do filme da Columbia "Romance no Rio")

Fox de Allan Roberts e Doris Fisher.

Bahiana women shouting: "Cocoanut cookies, cinco centavos!"  
Peddlers with big fat barrels sell abacate ice cream.

Sorvetiça, that's the thrill of Brazil, Not forgetting the Bay of Guanabara Or the sidewalks so bright with mosaic,

And a sky that was brushed with a miracle touch,

Oh, you can't get too much of Brazil. Vendeiros come from Bonga with yellow chickens galina,

The lorangeiros selling bahia golden orange.

Olha a laranja suletra, that's the thrill of Brazil

Not forgetting the shos on Rio Branco

Or the fabulous fields brown with coffee.

Add an amorous kiss to all this for the ultimo thrill of Brazil.

### COPACABANA

(Do filme da Columbia "Romance no Rio")

Fox de Allan Roberts e Doris Fisher.

I heard her voice beside me say, "A daiquiri"

I looked at her, said, "If I may, the same for me"

Copacabana, Copacabana, you and you carnival air so devil-may-care encouraged me.

I offered her a wedding band right there and then.

She said, "I've worn one on my hand. Never again!"

Copacabana, Copacabana, thnaks for the fond memory.

I find with every daiquiri I hear her voice beside me.

### HACE UN AÑO

Canción Ranchera de Valdes Leal

Hace un año que yo tuve una ilusión  
Hace un año que hoy se cumple en este día.

Te recuerdas que en tus brazos me dormia

Que yo inocente y muy confiado te entregue mi corazón.

Ese tiempo tan feliz no volverá  
Mi carino lo pagaste con traiciones  
Me has dejado solo crueles decepciones

Pero anda ingrata, como pagas  
Otro así te pagará.

El recuerdo de tu amor quiero olvidar  
Me quisiera emborrachar de sentimiento  
Te quisiera yo borrar del pensamiento  
Pero es inutil, que borracho  
Más y más me he de acordar.

Pero el tiempo es justiciero y vengador

Y a pesar de tu hermosura plancentera

Si hoy te sobran muchos hombres que te quieran.

Verás más tarde: no habrá nadie que se acuerde de tu amor.

### E' VENENO

Samba de Pedro Caelano e Claudionor Cruz

Gravação das "Seis Pequenas do Barulho."

Arlindo

Você é meu,

Você se queimou

Com o veneno

do Jorge e do Romeu.

Na verdade,

Eu fui ao samba.

O Laurindo estava lá

mas nada se deu

entre nós dois, pode acreditar.

E' veneno, é veneno,

Pra você se queimar

E a escola de samba

Este ano fracassar.

E' preciso haver.

Mais confiança entre nós dois.

Vamos ensaiar

e deixar a briga pra depois;

Ciúme, meu amor,

Já não se usa mais.

Vamos para o samba,

E tudo vai ficar em paz.

### "PERDOAR, NUNCA MAIS"

Samba de Romeu Gentil, Alvaro Xavier e W. Goular

Creação de Victor Bacellar

Se na primeira

Não se corrigiu,

Se tem juízo

E sabe o que faz,

Se continua errando, jamais

Será possível

vivermos em paz.

Ai, ai, meu Deus,

Aquela mulher,

PERDOAR, NUNCA MAIS.

Se na primeira

E na segunda perdoei.

Ela devia não errar

Pela terceira vez.

O abandono de um lar

E' muito sério,

Não ha critério

De quem o faz.

Ai, ai, meu Deus,

Aquela mulher,

PERDOAR, NUNCA MAIS.



pedindo, mandando dizer que ia acompanhar o outro porque gostava era dele e não gostava mais de mim, eu fiquei meio doido... Mas não quis ir atrás, não... Tive vergonha dos outros... Todo o mundo já sabia... E, ela, eu tinha obrigação de matar também, e sabia que a coragem p'ra isso havia de faltar... Também, nesse tempo, a gente já estava amaleitados, pois não estava?... Foi bom a seção ter vindo, Primo Argemiro, p'ra isto aqui virar um ermo e a gente poder ficar mais sózinhos... Al, Primo, mas eu não sei o que é que eu tenho hoje, que não acerto um jeito de poder tirar a idéia dela... Ô mundo!

A sombra do cedro vem se encostar no coche. Primo Ribeiro levantou os ombros; começa a tremer. Com muito atraso. Mas ele tem no baco duas colméias de bichinhos maldosos, que não se misturam, soltando enxames no sangue em dias alternados. E assim nunca precisa de passar um dia sem tremer.

— Olha o frio aí, Primo Argemiro. Me ajuda...

Enrola-se mais no cobertor. Os dentes se golpeiam. Desencostados, dançam-lhe todos os músculos do corpo.

— Quer o remédio, Primo?  
— Não vou tomar mais... Não adianta. Está custando muito a chegar a morte... F eu quero é morrer.  
— Isso até é ofender a Deus... Celção! O' Celção!

A negra não escuta. Deve estar lá na porta da cozinha, batendo roupa ou tirando decoada da barreira, para fazer sabão.

Primo Argemiro se agarrou com as mãos nos joelhos. Os maxilares estrondam; só param de bater quando ele faz vômitos. E está côm de cera-do-reino quando péga a derreter.

— Al, Primo, eu, numa hora dessas... só queria era me deitar por riba de um foguetão!... Que frio... Que frio!... E o diabo do sol que não quenta coisa nenhuma...

O perdigueiro morrinheiro pula em volta do coche.

— Não deixa esse cachorro vir lambendo minha cara, Primo... Vou me deitar aqui...

— Sal, Jiló!

Primo Ribeiro se deixa cair no lajedo, todo encolhido e sacudido de tremor. Primo Argemiro fica bem quieto. Não

adianta fazer nada. E ele tem muita coisa sua para imaginar. Depressa, enquanto Primo Ribeiro entrega o corpo ao acesso e parece ter partido para muito longe dali, não podendo adivinhar o que a gente está pensando.

E Primo Argemiro sabe aproveitar, sabe correr ligeiro pelos bons caminhos da lembrança.

Como era mesmo que ela era?!... Morena, os olhos muito pretos... Tão bonita!... Os cabelos muito pretos... Mas não paga a pena querer pensar onde é que ela pode estar a uma hora destas... Quando fugiu, que baque! Que tristeza... Não esperava aquilo, não esperava... Parecia combinar bem com o marido... Primo Ribeiro naquele tempo era alegre... E ele sentira até ciúmes de Primo Ribeiro, ciúme bobo, porque Primo Ribeiro era quem tinha direito a ela e ao seu amor...

Esquisita, sim, que ela era... De riso alegrinho mas de olhar duro... Que bonita!... O boladeiro tinha ficado três dias na fazenda, com desculpa de esperar outra ponta de gado... Não era a primeira vez que ele se arranchava ali. Mas nunca ninguém tinha visto os dois

conversando sózinhos... Ele, Primo Argemiro, não tinha feito nenhuma malícia...

— Sal Jiló!... Bota abaixo, diabo!... Assim! Assim, cachorrinho bom...

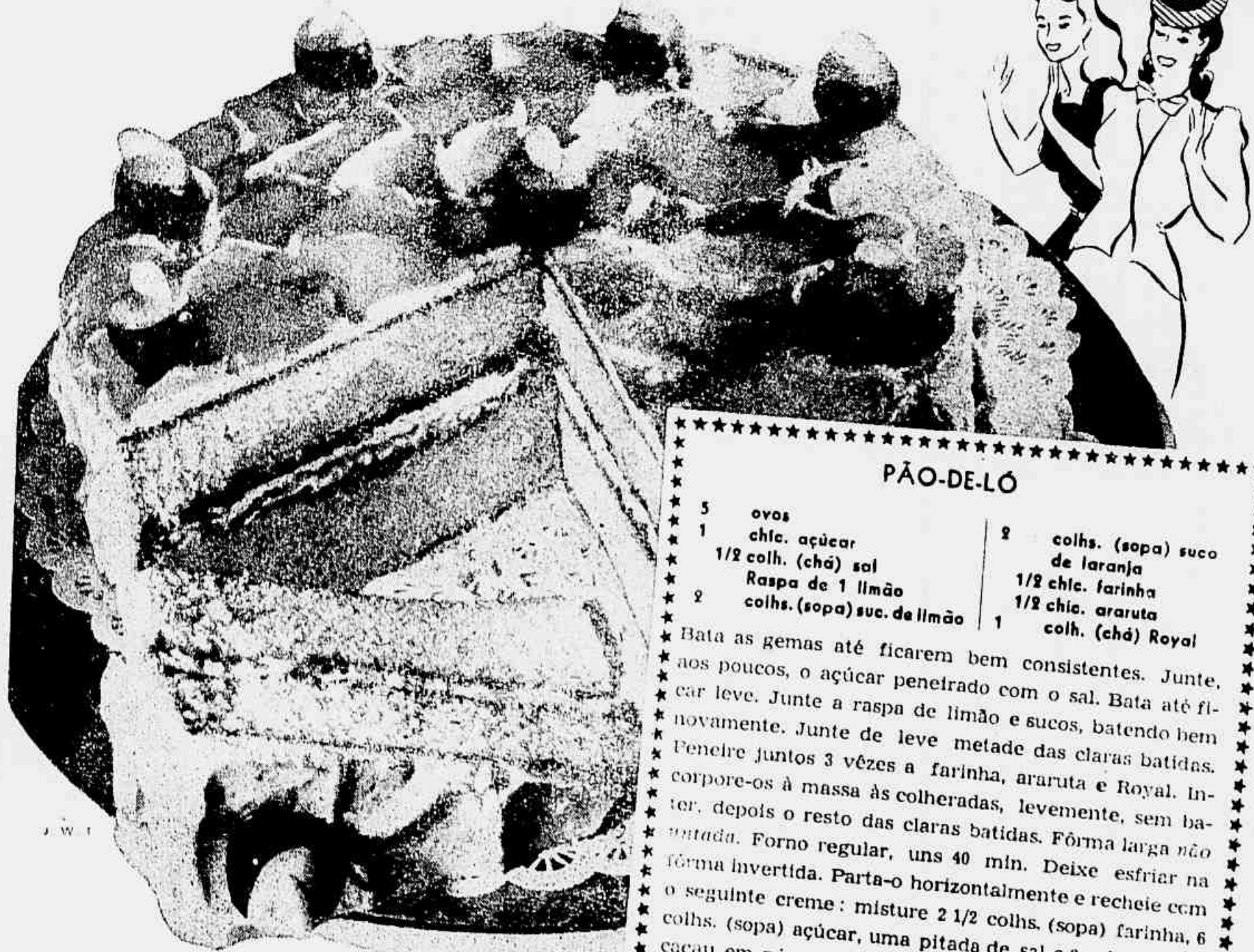
Bem que havia de ser bom ter podido ao menos dizer à prima que ela era o seu amor... Porque, assim, tinha fugido seu saber, sem desconfiar de nada... Mas ele nunca pensara em fazer um malfeito daqueles, ainda mais morando na casa do marido, que era seu parente... Isso não! Queria só viver perto dela... Poder vê-la a todo instante...

E Primo Ribeiro nunca tinha posto maldade... Também, que é que havia para ele poder maldar?... Nada... Só uma vez, debaixo das jaboticabeiras... Nesse dia, quase que perdera a força de ser correto. Viu-a de vestido azul-do-mar... os braços côm de jenipapo... As mãos deviam de ser macias... Mas Deus ajudou, tirando-lhe a coragem... Também se tivesse faltado com o respeito à mulher do Primo Ribeiro, teria sumido no mundo, na mesma hora, com remorso...

Aquilo tinha sido três meses antes-de ela fugir. Mas, ante, bem em-antes disso.

# Faça Bolos!!!

...e conquiste a admiração dos seus convidados!



Um bonito bolo é irresistível... Cativa até mesmo o mais "difícil" dos convidados... E faz com que, unanimemente, suas visitas elogiem as suas aptidões... É evidente! Vale a pena fazer bolos! Só resta saber quando a senhora gostaria de começar. Para isso, lembre-se de que não é preciso somente escolher as grandes datas. Todo o momento é propício para despertar a admiração de suas visitas... E, naturalmente, para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

## FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PROD. DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.  
RIO DE JANEIRO



Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva imediatamente para: Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

## FEMININAS

Esses modelinhos de alças são muito graciosos para serem usados na praia. Quando vir à cidade, use sobre eles um boléro.

\* \* \*

Se você é gorda, por favor não use essas saias rodadas que estão em moda. É um atentado contra a sua elegância... Procure estar na moda quando não for prejudicial à sua figura.

\* \* \*

Esses penteados à Verônica Lake ficam muito bem em mocinhas de 15 a vinte anos. Mas você que já passou dos trinta, arranje um penteado mais discreto e distinto...

\* \* \*

Cada careta que você faz ao falar é um traço de velhice que surge na sua fisionomia. Procure manter sempre os músculos do rosto numa atitude serena e calma.

\* \* \*

Não vá à praia com um "maquillage" de atriz de palco. Bastará passar sobre a pele um creme protetor e nos lábios uma leve camada de "baton".

★

## MENUS

### SOPA DELICIOSA

Tire a casca de um pão dormido, corte-o em quadrinhos, frite-os em manteiga e deite-os em forte caldo de carne ou galinha até ficarem completamente embebidos. Com um litro de leite, 3 colheres de manteiga e 3 colheres de farinha de trigo, faça um molho branco muito ralo, que despejará sobre o pão. Misture ainda a esse caldo uma xícara de repolho picadinho e passado por água fervendo. Sirva bem quente.

### CEBOLA RECHEIADA

Coloque 8 cebolas a cozinarem em água e sal. Tire-lhes pequenas partes superiores. Com uma colherzinha retire cuidadosamente o miolo. Refogue levemente 1 colher de cebola picada em 1 colher de gordura. Adicione meia xícara de palmito picado fino e também meia xícara de galinha cosida. Mexa bem juntando um pouco de caldo de galinha ou de carne. Com essa mistura, recheie as cebolas e cubra-as com as pequenas partes cortadas. Esquente-as ligeiramente no forno antes de servir.



teve uma vez em que ela desconfiou. Foi logo que ele chegara à fazenda, uns dias depois. Estava olhando, assim esquecido, para os olhos... olhos grandes, escuros e meio de-quina, como os de uma suassú-apara... para a boquinha vermelha, como lór de suinã...

— "Você parece que nunca viu a gente, Primo!... Você precisa mas é de campear noiva e caçar jeito de se casar..." — dissera ela, rindo.

Ela tinha ficado meio palerma, sem ter nada para responder... Teria ela adivinhado o seu bem-querer?... Não falara aquilo por brincadeira, de certo. Mas, quem sabe?... Mulher é mulher... E que bom que seria, se ela tivesse ficado sabendo! Ao menos, agora, de vez em quando se lembraria dele, dizendo: "Primo Argemiro também gostou de mim..."

As palmas do coqueiro estão agora paradas de todo. As galinhas foram pastar as folhas baixas do melão-de-são-caetano. Nem resto de brumas na baixada. O sol caminhou muito.

Primo Argemiro já se acostumou com o trincar de dentes e com os gemidos do Primo Ribeiro. Não pode dar-lhe ajuda nenhuma. O que pode é pensar. E pensa mais, quase cochilando, gemendo também, com as ferroadas no baço. Pensa atoa, como os tico-ticos, que debicam na terra ciscada pelas galinhas, e dão carreirinhas tão engraçadas, que a gente nem sabe se eles estão cruzando aos pulinhos ou se é vôo rasteiro só.

...Não adiantou ter sido direito... Se ele, Primo Argemiro, tivesse tido coragem... Se tivesse sido mais esperto... Talvez ela gostasse... Podia ter querido fugir com ele; o boladeiro ainda não tinha aparecido... Agora, ela havia de se lembrar, achando que era um pamonha, um homem sem decisão... E, no entanto, viera para a fazenda só por causa dele... Primo Ribeiro não punha malícia em coisa nenhuma... Sim, os dois tinham sido bem tolos, só o homem de fora era quem sabia lidar com mulher!...

Não! Fez bem. Era a mesma coisa que crime!... Nem é bom pensar nisso... Amanhã ele vai ao capoeirão, tirar mel de irussú para o Primo Ribeiro... Deus que livre a gente desses maus pensamentos!... Primo Ribeiro vai ficar satisfeito: ele gosta de mel do mato, com farinha... Primo Ribeiro vai ter sua elegriazinha... — P'ra que é que há-de haver mulher no mundo, meu Deus?!... — Itin?!...

Primo Argemiro estremece. Tinha pensado alto. E agora Primo Ribeiro está espantado para ele, meio espantado, com o branco dos olhos riscadinho de vermelho, no lugar das manchas amarelas de sempre. Há muito que jogou para um lado o cobertor e voltou a sentar-se no cocho. Passado o frio, passada a tremura, vem a hora de Primo Ribeiro variar. Primo Argemiro não gosta. Não se habitua aquilo. Ele, nos seus acessos, não varia nunca: não tem licença: se delirar, pode revelar o seu segredo. Tem de ter tento na cabeça e de subjugar a doideira, e sofre, o demônio, por via disso. Mas mesmo assim, ainda é melhor do que ter de ouvir as coisas que Primo Ribeiro desanda a falar entre o tremor e o suor. Até a cara de Primo Ribeiro faz medo, de tão vermelha que está. Parece que ele engordou, de repente. Inchaço. E está pegando fogo...

— Ó calorão, Primo!... E que dór de cabeça excomungada!

— E' um instantinho e passa... E' só ter paciência...

— E'... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é quem não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi e não volta mais... Foi, rio abaixo, com outro... Foram p'ros infernos!...

— Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...

— Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na história... Como é mesmo a história, Primo? Como é?...

— O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência; que não é bom variar...

— Mas, a história, Primo!... Como é?... Conta outra vez...

— O senhor já sabe as palavras todas de cabeça... "Foi o moço bonito que apareceu, vestido com roupa de dia de domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça p'ra ir se fugir com ele"...

— Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luisa...

— Prima Luisa...

— Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...

— Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!

— Não é mesmo não...

— Pois então?!

— Conta o resto da história!...

— ... "Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, juntou

suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canôa, descendo o rio..."

— A moça que eu estou vendo agora é uma só Primo... Olha! E' bonita, muito bonita. E' a sezão. Mas não quero... Bem que o doutor, quando pegou a febre e estava variando, disse... você lembra?... disse que a maleita era uma mulher de muita lindeza, que morava de noite nesses brejos e na hora da gente tremar era quem vinha... e ninguém não via que era ela que estava mesmo beijando a gente... Mas, acaba de contar a história, Primo...

— E' tão triste...

— Não faz mal, conta!

— ... "Então, quando os dois estavam fugindo na canôa, o moço bonito, que era o capeta, pegou na viola, tirou uma toada, e começou a cantar:

"Eu vou rodando

rio-abaiço, Sinhá...

Eu vou rodando

rio-abaiço, Sinhá..."

— E aí?...

— O senhor está cansado de saber... "Aí a canoinha sumiu na volta do rio... E ninguém não pôde saber p'ra onde foi que eles foram, nem se a moça, quando viu que o moço bonito era o diabo, se ela pegou a chorar... ou se morreu de medo... ou fez o sinal da cruz... ou se abraçou com ele assim mesmo, porque já tinha criado amor... E, cá de riba, o povo ainda escutou a voz dele, lá longe, muito lá longe..."

— Canta como foi, Primo...

— E' a mesma cantiga...

— Mas, canta!

— "Eu vou rodando  
rio-abaiço, Sinhá...  
Eu vou rodando  
rio-abaiço, Sinhá..."

— Ai, Primo Argemiro, está passando... Já estou meio melhor... Será que eu variei?... Falei muita bobagem?... — Falou não, Primo... Daqui a pouco

SOL PARA

*Sua Beleza...*

SEM SARDAS PARA

*Sua Pele*



No banho de mar ou nos esportes ao sol  
proteja sua pele com LEITE DE COLONIA!

Agora, no verão, goze intensamente a alegria das manhãs na praia ou dos esportes ao sol!... Mas... cuidado com sua beleza! Se não for convenientemente protegida com Leite de Colonia, sua pele pode ser ofendida pelo sol. E surgirão queimaduras que provocam sardas... manchas... e outras imperfeições. Assim, antes de se ex-

por ao sol—e quando voltar para casa—aplique sobre sua epiderme o Leite de Colonia. Formando uma finíssima película sobre a cutis, Leite de Colonia filtra os raios solares... aumenta a suavidade da pele... dourando-a encantadoramente. Leite de Colonia limpa... amacia... protege... e refresca a cutis

*Leite de Colonia*  
O EMBELEZADOR DA MULHER



é a minha vez... Não dilata p'ra chegar...

Sim, daqui a pouco vai ser a sua hora. Aquí a febre serve de relógio. Ele já está ficando mais amolecido. Também deve ser de ter pensado muito. Antes o outro não tivesse querido falar em nome guardado... Foi dar outra força à saúde... E ele, que nem tem com quem desabafar, não tem a quem contar o seu sofrimento!... Lá, onde está o cruzelro, morreu um trabalhador de roça, um velho. Foi de repente, do coração... Será que a gente ainda tem de viver muito?...

— Primo Argemiro!...

— Que é, Primo Ribeiro?

— Estou com uma sede... Estou me quelmando por dentro... Me faz a caridade de dar um eco na preta...

— A negra não escuta... Eu vou buscar a água, Primo Ribeiro.

— Deus lhe pague, Primo.

Primo Ribeiro respira a custo. Está remexendo com os dedos e falando sózinho outra vez.

Lá vem o outro, com a caneca. Desce a escadinha, muito devagar. E' magro, magríssimo. Chega trôpego, meio cambaleante.

— Ai, Primo Argemiro, nem sei o que seria de mim, se não fosse o seu adjutorio! Nem um irmão, nem um filho não podia ser tão bom... Não podia ser tão carinhoso p'ra mim!...

— Bobagem, Primo. Aproveita e toma o remédio também, tudo junto, de uma vez.

— Não quero, já falei! Quero mas é ajudar este corpo a se acabar...

... (— "Nem um irmão, nem um filho!"...) ele está mas é enganado o companheiro!... Há quantos anos que esconde aquilo... Não! E' hoje!... Não está direito... Tem de confessar...

— Primo Ribeiro... eu nunca tive coragem p'ra lhe contar uma coisa... Vou lhe contar uma coisa... O senhor me perdôa?!

— Chega aqui mais p'ra perto e fala mais alto, Primo, que essa zoeira nos ouvidos quase que não deixa a gente escutar...

— Não foi culpa minha... Foi um castigo de Deus, por causa de meus pecados... O senhor me perdôa, não perdôa?!

— Que é isso, Primo? Fala de uma vez!

— Eu... eu também gostei dela, Primo... Mas respeitei sempre... respeitei o senhor... sua casa... Nós somos parentes... Espera, Primo! Não foi minha culpa, foi má sorte minha...

Primo Ribeiro arregalou os olhos. Calçou a mão na madeira do cocho. Faz força para se levantar.

— Não houve nada, Primo!... Juro!... Por esta luz!... Nem ela nunca não ficou sabendo... Por alma de minha mãe!

As pernas de Primo Ribeiro se recusaram a aguentar-lhe o corpo. Primo Argemiro se levantou também. Quer ajudar o outro a se sustentar.

— Me larga! Me larga e fala como homem!

— Já falei, Primo. Me perdôa...

— Você veio morar aqui com a gente, foi por causa dela, foi?...

— Foi, Primo. Mas nunca...

— E foi por isso que você não quis ir-s'embora... depois?... Esperando para ver se algum dia ela voltava, foi?!

— Não, Primo... isso não!... Não foi nada por causa disso... Eu também sofri muito... Não queria mais nada no mundo... E foi por causa do senhor, tam-

bém... Quando ela deixou de estar aqui, eu fiquei querendo um bem enorme ao senhor... a esta casa de fazenda... aos trechos todos daqui... Até à maleita!...

— Fui picado de cobra... Fui picado de cobra... Ô mundo!

— Mas, sossêga, Primo Ribeiro... Já lhe jurei que não falei nunca ao respeito a ela... Nem eu não era capaz de cair num pecado desses...

— Fui picado de cobra...

— O senhor está variando... Escuta! Me escuta, pelo amor de Deus...

— Não estou variando, não, mas emantes estivesse!... Some daqui, homem! Vai p'ras suas terras... Vai p'ra bem longe de mim!... Mas vai logo de uma vez!

— Quero morrer nesta hora, se algum dia eu pensei em fazer sua deshonra, Primo!

— Anda, Primo, por caridade!... Vai embora!...

— Pensa até mais logo, Primo... Pensa até hoje de tarde...

— Este caco de fazenda ainda bem que é meu... E' meu!... Anda! Anda!... Não quero ver você mais...

— Me dá um prazo, Primo... Até o senhor melhorar...

— Vai!

— Estou pagando o que não fiz...

— Vai!

— O senhor ainda pode precisar de mim, Primo, que sou o único amigo que o senhor tem...

— Então, vai, Primo!... Você não tem pena de mim, que não tenho arma nenhuma aqui comigo, e nem que tivesse, não tenho mais força nenhuma p'ra lhe matar?!

E Primo Ribeiro, branco, encaveirado, soprando, e levantando o queixo a cada ofego, caiu sentado no casco de cocho outra vez.

— Então, adeus, Primo! Até nunca mais. Me perdôa e não guarda ódio de mim, que eu lhe quero muito bem...

— Ajunta suas coisas e vai...

— Não tenho nada... Não preciso de nada... O que é meu vai aqui comigo... Adeus!

E Primo Argemiro reúne as suas forças. E anda. Transpõe o curral, por entre os pés de milho. Os passopretos, ao verem um espantalho caminhando, debandam, bulhentos. O perdigueiro de focinho grosso vem correndo também. Vem, mas diz que não vem: vira a cabeça, olha para Primo Ribeiro, que lá está sentado ainda, curvado para o chão. O cachorro está desatinado. Pára. Vai, volta, olha, desolha... Não entende. Mas sabe que está acontecendo alguma coisa. Latindo, choramingando, chorando, quase uivando. Porque tem ordem de ser sempre fiel, e não sabe mais, não se recorda mais qual dos dois homens será o seu dono verdadeiro.

Quando o outro passou a tranqueira, Primo Ribeiro levantou a cabeça, e espiou. Súa, sua: a roupa molhadinha; a testa está escorrendo. Fecha os olhos, parecendo que vai morrer.

Mas Primo Argemiro anda sem se voltar. Agora atravessa o matinho.

— I-v-v-v!... O primeiro calafrio... A maleita já chegou.

O cachorro ainda pulou-lhe adiante, ganindo, pedindo... Depois, parou. Não quer ir mais longe.

— Adeu, Jiló!...

Fica Ninguém não mandou que ele fosse embora... Ele pode ficar...

Outro grande arrepiro. Que frio!... E, no entanto, as árvores estão agora sem sombra, e o sol, se caísse, se espetaria no estipe verde do coqueiro.

A perva-mão-bôa derrama cachos floridos, no meio das folhas em corações. Muitas flores. Azues... Foi num vestido azul que ele a viu pela segunda vez, no terço de São Sebastião... Tantos anos!... Quando a verá ainda?!... No céu, talvez... Mas, mesmo no céu, ela terá de gostar do boladeiro da Iporanga... E ele, Argemiro, terá de respeitar Primo Ribeiro, que é o marido em nome de Deus...

(Continua na pág. 54)

## Encante SEU LAR COM ELETRICIDADE



Com o meu refrigerador G.E. faço compras menos vezes por semana

O novo refrigerador G. E. poupa às donas de casa o trabalho de fazer compras todos os dias. A temperatura controlada deste belo refrigerador torna possível conservar, por muitos dias, todas as qualidades nutritivas da carne, das frutas e das verduras. A disposição interna lhe oferece mais espaço, o que lhe permite gozar as vantagens de

comprar gêneros em maior quantidade e aproveitar as sobras do dia. As boas donas de casa conhecem a economia que representa a conservação dos alimentos proporcionada por uma refrigeração adequada.

Os revendedores da General Electric terão o maior prazer em lhe explicar as inúmeras vantagens que oferece o refrigerador G. E.



Ouçá os "FESTIVAIS G.E." às 4as. feiras na Rádio Nacional, às 20.30 hs., em ondas médias (980 kcs.) e curtas (30,86 metros) e na Rádio Record de São Paulo, no mesmo horário, às 6as. feiras, na frequência de 1.000 kcs. \* Um programa musical com atrações para todos os gostos.

**GE Refrigeradores**  
GENERAL ELECTRIC

CABELO BRANCO?  
LOÇÃO  
Brilhante



### VIDA DE PERIGOS A VIDA DA MULHER

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: Si vem regularmente em dias certos e em quantidade certa sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc. tudo está bem. Mas si aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.

## O Sam pede socorro!

(Continuação da pág. 12)

de pai e mãe; daquela ignoramos quem sejam os progenitores, aquele foi apanhado quase a morrer de fome numa família em extrema miséria. O pai deste suicidou-se, o daquele desapareceu. Este foi encontrado na rua. Não podemos fazer grande coisa por eles, mas aqui pelo menos têm uma alimentação farta e racional.

Pouco depois termina o descanso do almoço. Ouve-se uma gritaria de menores em recreio e em meio desse alvoroço uma voz aguda parecendo um uivo.

— Essa é a voz do surdo-mudo. Não pode nem sabe falar. Por isso solta esses uivos. Está brincando à sua maneira.

### UM LADRAOZINHO ARREPENDIDO

Algumas escadas são perigosas; vários degraus são construídos de peças de ferro soltas e balouçantes. E' preciso subir com cuidado. Não há dinheiro para concertar o velho quartel. Os filantropos não aparecem por ali.

— Está vendo que perigo?

Encontramos seis rapazolas ainda sentados num banco no velho dormitório de policiais. São adolescentes de bom comportamento que ajudam a vigilância interna e estão incumbidos de várias obrigações.

Um deles tem um ar inteligente.

— Então? Como foi que você veio para aqui?

Responde com simplicidade:

— Roubo. Roubei 350 cruzeiros na casa em que estava trabalhando. O patrão foi à polícia e esta foi a casa de meus pais. Eu tinha o dinheiro escondido e entreguei... Fiquei com uma vergonha...

— Mas isso não é nada. Eu também fui ladrão quando era criança como você e nada me aconteceu. Quer dizer que você não teve sorte.

E perde o acanhamento.

— Então o senhor também...

— Ora... Todo mundo na sua idade sente tentação de fazer as coisas que são proibidas. Mais tarde com a idade a gente aprende que praticar o mal é besteira. As más ações sempre produzem maus efeitos. Não acha?

— E', sim, senhor! Depois de passar algum tempo aqui dentro, deram-me liberdade sob condições. O dia em que não andasse direito a polícia me pegaria de novo e o juiz de menores me mandaria de volta para aqui. Voltei para casa. Arranjei um empreguinho. Mas um dia fui preso novamente e devolvido ao Alojamento.

— Por que foi dessa vez?

— Ah... isso não sei. Dessa vez não tinha feito nada.

O chefe do Alojamento intervém:

— Veja como é errada a nossa polícia. Talvez esse menino já se estivesse socialmente reintegrando. Mas com a monomania do castigo complicaram de novo a vida do garoto agravando o seu problema psicológico e perturbando-lhe o desenvolvimento harmônico da personalidade. Nesse andar o menino acabará se convencendo mesmo de que é um ladrão e não pode ser outra coisa. A idéia de castigo aqui é contraproducente. A nossa tarefa é recuperação moral. Não há leito, nem escolas, nem hospitais para atender às necessidades da população pobre e

desvalida. Mas nada disso impede que um policial caprichoso e supermoralista capture aí nas ruas este ou aquele garoto por motivo inteiramente fúteis, por uma traquinada qualquer própria da sua idade e assim lhe anormalize a existência.

### UM AVENTUREIRO SEM SORTE

Na secretaria do Alojamento encontramos um menor uniformizado trabalhando como "boy". Informaram-nos que é um bom menino, que ajuda a tomar conta do portão e sai com outros de semelhante conduta à rua.

— Veja que história curiosa. Uma vítima da fascinação da grande cidade sobre as populações do interior.

— De onde é você?

— De Uberaba, Minas.

— Filho de lavradores? De comerciantes?

— Não. De operários. Pais muito pobres.

— Como veio para aqui?

— Eu trabalhava numa oficina. Tinha uma vontade danada de conhecer o Rio. Levei muito tempo juntando dinheiro para a passagem. Um dia embarquei no trem e vim...

— Veio?! Fazer o que?

— Conhecer a cidade. Queria só passar alguns dias e voltar para Uberaba.

— Cal doente na rua. A polícia pegou-me e fui trazido para aqui.

— E agora?

— Estou esperando que o SAM me arranje um emprego.

O chefe do alojamento intervém:

— Sim, numerosos deles temos conseguido salvar enca-

minhando-os bem para a Aeronáutica, o Corpo de Bombeiros, escolas do Exército e Escola de Aprendizes a Marinheiros. Também há instituições e empresas particulares onde conseguimos empregos nos quais eles ficam sob a proteção do Juizado de Menores.

Como se vê, o SAM faz tudo o que pode para socorrer as vítimas do pauperismo e dos desajustamentos sociais; mas o SAM por sua vez necessita ser socorrido. Há milhares de lares miseráveis pelos morros, arredores, subúrbios e em amontoamentos coletivos em velhos casarões por toda a cidade. O pauperismo aumenta na razão direta da desvalorização da moeda, do encarecimento dos gêneros de primeira necessidade e da inconsciência da nossa elite dirigente. Uma elite composta de falsos moralistas, de falsos religiosos, de intelectuais ruminadores de "slogans" cretinos e de filantropos que só pensam na melhor maneira de subornar os santos. Nem a parábola do bom samaritano esses "cristãos" leram, ouviram ou compreenderam.

O desamparo em que se encontram cerca de trinta mil menores do Distrito Federal é uma dessas realidades que bradam aos céus. E esses trinta mil menores assinalados como necessitando de proteção ainda não são tudo. São apenas um índice do trágico estado de miséria que se espalha por toda a camada da população de que fazem parte. Os que aspiram combater "doutrinas exóticas" apenas com encantos ou manifestações de ódio pessoal, nada mais fazem do que dar sobejas mostras de incompetência para enfrentar os problemas reais de nossa pátria.

Senhores vereadores, atenção! Ponhamos de lado os preconceitos ideológicos e vamos enfrentar a realidade. Pôr mais escolas, mais hospitais, maior produção e melhor transporte! Lembrem-se de que a miséria, segundo o pensamento rooseveltiano, é doença contagiosa.



## O PERCURSO DA PANAIR EM 1946

Eis alguns dados concretos sobre os nossos serviços:

|                                            | 1945       | 1946        | Aumento |
|--------------------------------------------|------------|-------------|---------|
| Extensão de linhas (km)                    | 29.195     | 56.483      | 93%     |
| Quilômetros voados                         | 6.494.206  | 8.901.813   | 37%     |
| Horas voadas                               | 26.604:55  | 35.214:06   | 32%     |
| Quilômetros-Passageiro                     | 59.488.658 | 122.843.623 | 107%    |
| Quilômetros-Tonelada                       | 2.824.697  | 5.229.305   | 85%     |
| Passageiros                                | 75.061     | 119.824     | 60%     |
| Carga (encomendas, correio e bagagem) (kg) | 2.360.096  | 3.411.397   | 44%     |

### LINHAS TRANSATLÂNTICAS

(Inauguradas em 29 de Abril de 1946)

RIO DE JANEIRO — RECIFE — DAKAR — LISBÔA — PARIS — LONDRES — ROMA  
PROXIMAS EXTENSÕES A CAIRO, BEIRUT, MADRID E BERLIM

|                         |            |                      |           |
|-------------------------|------------|----------------------|-----------|
| Extensão de linhas (km) | 29.596     | Quilômetros-Tonelada | 1.713.888 |
| Quilômetros voados      | 1.286.711  | Passageiros          | 7.261     |
| Horas voadas            | 3.460:09   | Encomendas (kg)      | 62.623    |
| Numero de travessias    | 124        | Correio (kg)         | 6.745     |
| Quilômetros-Passageiro  | 41.878.247 | Bagagem (kg)         | 201.758   |

SERVIÇO REGULAR, EM DIAS ALTERNADOS, PARA A EUROPA

NOS CÉUS DE TRÊS CONTINENTES

# PANAIR DO BRASIL



PAB-J1-47



MÁSCARA DE LAMA  
RAINHA DA HUNGRIA  
De Mme. Campos  
Limpa os poros — Modela o rosto  
A VENDA EM TODA PARTE





# PARE!

## A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

## PETROLINA MINANCORA

**OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA**

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES  
DO COURO CABELUDO

## Sarapalha

Continuação da pág. 52

...Mas, quando a viu, acompanhando o terceiro, já gostava dela, já lhe tinha amor... Desde de manhã... na porta da casa, saindo para a missa, ela com a mãe e as irmãs... Já estava de casamento tratado com Primo Ribeiro... Talvez que ela não fosse a moça mais bonita do arrabal. E não era mesmo. Mas o amor é assim...

Nunca mais? Nunca mais... Ah, meu Deus! por mim era muito melhor não ter céu nenhum...

... Por aquele tempo, Argemiro dos Anjos era um moço bem aparecido, de figura, e com oitenta alqueires de terra de cultura, agora algum dinheiro de parte...

Ah! que o frio cai entre os ombros, e vai pelas costas, e escorre das costas para o corpo todo, como fios de água fina. Zôa nos ouvidos confuso sussurro, e para diante dos olhos vêm coisinhas, querendo dançar.

Ir, para onde?

... A primeira vez que Argemiro dos Anjos viu Luizinha, foi numa manhã de dia de festa de santo, quando o arrabal se adornava com arcos de bambú e bandeirolas, e o povo se espalhava contente, calçado e no trinquê, vestido cada um com a sua roupa melhor...

Ir para onde?... Não importa, para a frente é que a gente vai!... Mas, depois. Agora é sentar nas folhas secas, e aguentar. O começo do acesso é bom, é gostoso: é a única coisa boa que a vida ainda tem. Pára, para tremer. E para pensar. Também.

Estremecem, amarelas, as flores da aroeira. Há um frêmito louco nos caules rosados da herva-de-sapo. A herva-de-anúm crisa as folhas, longas, como folhas de mangueira. Trepidam, sacudindo as suas estrelinhas alaranjadas, os ramos da vassourinha. Trita a mamona, de folhas peludas, como o corselete de um cassununga, brilhando em verde-azul. A pitangueira se abala, do jarrete à grimpá. E o açoita-cavalos derruba frutinhas fendilhadas, entrando em convulsões.

— Mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito p'r'a gente deltar no chão e se acabar!...

E' o mato, todo enfeitado, tremendo também com a sezão.

## Uma orquídea

Continuação da pág. 29

de orquídeas. Ele julgava-se na véspera de um dia fecundo em acontecimentos maravilhosos. No dia seguinte, naquela mesma tarde, talvez, falaria aos amigos daquelas novas orquídeas. E sempre ele recaía na expectativa de qualquer acontecimento extraordinário.

Algumas das Vendas e o Dendrobium morreram, não obstante todos os cuidados. Mas, pelo mesmo tempo, a estranha orquídea principiou a dar sinal de vida. Foi um momento de encanto para ele, e imediatamente foi arrancar a governante à fabricação dos doces para que viesse ver a planta, objeto dos seus cuidados.

— Isto é um rebento, disse ele, e daqui a algum tempo, aparecerá aí um areunção de folhas. Estas coisinhas que estão despontando aqui são raízes aéreas ou adventícias.

— Fazem-me o efeito de pequenos dedos brancos. Não me agradam.

— Porque?

— Não sei. Parecem uns dedos que querem agarrar. Não

posso regular as minhas simpatias e as minhas antipatias.

— Não ousou asseverar, mas creio que não existem outras orquídeas que tenham raízes aéreas como as desta. De resto, isto pode não passar de uma idéia minha. Como vê, elas são um pouco achatadas nas pontas.

— Não me agradam absolutamente, repetiu a governante, tremendo subitamente, e voltando-se. E' uma tolice minha, se quiser; mas estou devéras contrariada por vê-lo tão cegamente devotado a uma cousa tão feia! Não posso deixar de pensar naquele cadáver...

— Mas é provável que não fosse precisamente este pé que tivesse estado embaixo do corpo. Foi simplesmente uma conjectura.

A governante ergueu os ombros.

— Em todo caso, concluiu ela, não gosto da planta.

Wedderburn ficou um pouco ofendido com aquela repugnância. Mas não se absteve por isso de falar das orquídeas em geral, ou daquela em particular, todas as vezes que tinha vontade.

— Contam-se sobre as orquídeas cousas bem singulares, disse ele um dia; todas as surpresas são possíveis. Quer saber, Darwin estudou-lhes o modo de reprodução e demonstrou que toda a estrutura da flôr ordinária tinha por fim permitir às borboletas levarem o polen de uma planta para outra. Pois bem, creio que há espécies desconhecidas, cuja flôr não se pode prestar a esse modo de fecundação. Alguns dos Cipripedius, por exemplo: não se conhece inseto algum que os passa fecundar; e até mesmo em alguns deles nem se acharam sementes.

— Mas então, de onde procedem os novos exemplares?

— Dos rebentos e dos tubérculos. Isto explica-se facilmente. O enigma é saber para que servem as flores.

Ora, muito provavelmente, a "minha" orquídea é, nesse ponto, de um interesse extraordinário. Tenho pensado, não raro, em continuar as experiências de Darwin, até aqui, nunca achei tempo para isso, sempre houve uma circunstância qualquer a impedir-me... As folhas estão agora principiando a desenvolver-se. Peço-lhe que venha vê-las.

Mas a prima declarou que a estufa era tão quente que lhe produzia dores de cabeça. Além disso, ela tinha visto a planta ainda mui recentemente, e as raízes adventícias, algumas das quais tinham agora mais de um pé de comprimento, lhe haviam infelizmente lembrado uns tentáculos buscando agarrar o mundo; ela sonhava com elas, via-as crescer em direção a ela com uma rapidez prodigiosa. Por isso tinha resolvido nunca mais olhar para aquela hedionda planta. Wedderburn que fosse

Continua na pág. 65



# LYTOPHAN



# MÚSICA

## FUTEBOL DURANTE OS CONCERTOS

As humaníssimas fraquezas de Mme. Bartet — "Hora Swingato", uma paródia — "Se você me namorar... não minta nunca" — Algumas proezas de Jascha Heifetz, tanto na qualidade de médico como em seus momentos de monstro — Outra espécie de calor para os violinistas.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

UMA senhora, dada à proteção dos artistas desamparados, mais por esnobismo do que, realmente, por sincero amor à arte ou simples preocupação humanitária, disse-me, certa vez, que a maior decepção de sua vida lhe chegou inesperadamente, quando foi informada de que aquele instrumento que lhe dava arrepios convenientemente entusiásticos, quando manejados por mãos hábeis, eram uma mistura de tripas de gato e crina de cavalo, madeira e verniz.

— Um violino! dizia ela. Uma coisa tão romântica!...

A dificuldade estava em que o romantismo dela não podia conceber o aparelho digestivo. Há pessoas assim. Conta-se que Bartet, Julia Bartet, grande atriz francesa, nos tempos do teatro recitado com inflexões solenes, aquela que os críticos haviam denominado Divina, diante da capitulação dos adjetivos mais corriqueiros, mal empregados em tanto talento atôa, esta senhora, não obstante a sua olímpica elevação, a sua imponência e a sua majestade conferiu a um admirador atônito um grato sorriso de criatura

humana reconhecida quando este lhe indicou, num restaurante, diante de uma pergunta sussurrada, entre rubores, onde estava situado o... reservado das senhoras...

Essa maneira de encarar a arte, como se ela abstraisse as necessidades fisiológicas dos que a praticam, torna aptos os que a professam a sofrerem, de vez em quando, choques violentos, abalos evitáveis pela simples correção do erro.

Aliás, devemos notar que essa tendência se estende, numa coerência de "granfinos" a tratar a música popular como uma espécie subalterna e vergonhosa.

Lembro-me das cartas de protesto que recebemos quando achamos interessante divulgar notícias que nos chegavam dos Estados Unidos, incluindo o popular violinista Jascha Heifetz entre os compositores populares de sucesso, autor de um lango-roso fox, em tom xaroposo.

— Sacrilégio! Sacrilégio! bradavam, diante da divindade ofendida. Ora, o fox, no ano de Heifetz, fora como aquele passeiozinho de Mme. Bartet. E' evidente que não se pode advo-

O famoso violinista Jascha Heifetz.



NOVIDADE

que  
*Entusiasma!*

Diz a bela esposa de  
**RANDOLPH SCOTT**  
o genial ator de Hollywood,

"O novo baton Tangee  
GAY-RED é a sensação  
de Hollywood!"

**GAY-RED... o novo tom de  
êxito sensacional!**

Quando experimentar o novo tom Gay-Red dos batons Tangee compreenderá porque é o favorito das mulheres mais belas do mundo. Gay-Red possui o famoso "efeito de pétala", exclusivo de Tangee. Use baton Tangee GAY-RED e recorde... as mulheres mais lindas do mundo usam Tangee, o baton mais fino do mundo!

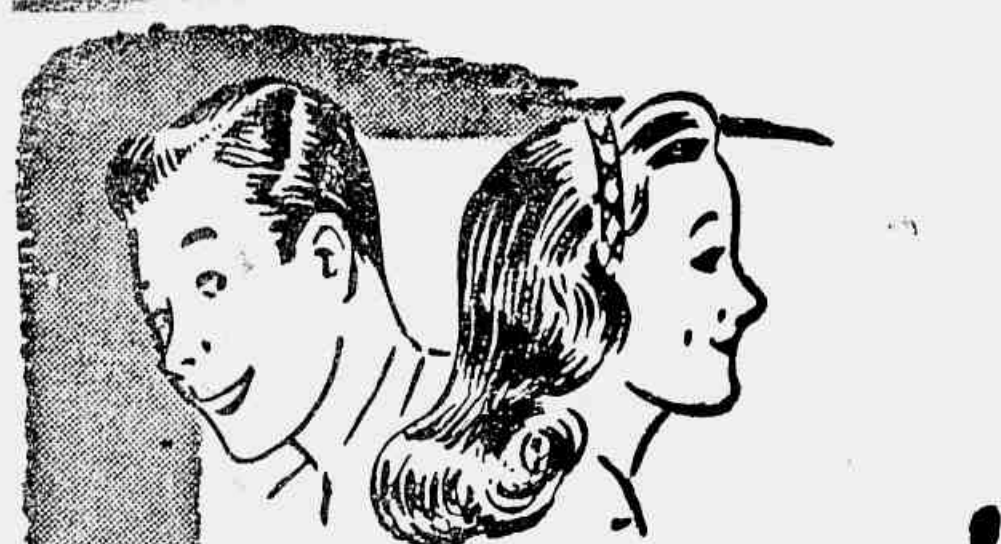
Em tons  
primorosos  
Red-Red  
Medium-Red  
Theatrical  
Natural  
Gay-Red

O BATON  
*Tangee*



USE TANGEE PARA SE VER...  
A MAIS LINDA QUE PODE SER!





**Não há dúvida!**

Esta é das minhas! Um cabelo assim tão bem cuidado, tão sedoso, tão bem penteado... Sim, não há dúvida! Ela, como eu, também usa **BRYLCREEM**!

Realmente o Brylcreem fixa sem emplastar, amacia, dá brilho, torna jovens os cabelos! É produto científico, não contém goma, nem amido, nem álcool e nem sabão! Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, evita a caspa. Usado e aprovado em cerca de 60 países, onde se vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente, Brylcreem é produto de classe e está ao alcance de todos nas suas 5 embalagens diferentes, ou nos cabeleiros e barbeiros de 1ª.

**Brylcreem comprado, cabelo penteado!**



O mais perfeito fixador do cabelo!

gar o absurdo de tomar-se a medida que serve para determinar a grandeza das obras de arte, para julgar uma melodiazinha que se gasta como pretexto para que um moço puxe a dama para junto de si e aprecie, devidamente, a intimidade de uma dança. Além disso, exceto na casa do falecido professor Bevilacqua, nunca ninguém teve a idéia de dançar uma fuga de Bach, uma sinfonia de Beethoven ou uma ária de ópera. E devemos observar que, mesmo aquele mestre, em suas patuscas domésticas, tinha que adaptar a ritmo mais "dançável" aquelas peças famosas.

A propósito, poderíamos dizer o mesmo que Manuel Bandeira, quando fez uma antologia de poesias líricas: que, não só interessam as orquídeas, as flores raras, como toda e qualquer florzinha rústica e muita vez sem perfume, mas encantadora em sua simplicidade...

#### "HORA SWINGATO"

Você sabe o que é "Hora Swigato"? É a paródia de Hora Staccato, do mesmo Heifetz, em tempo de "swing", para agradar aos "jitterbugs". O autor dessa barbaridade eminentemente americana é um tal Jim Hoyle, que ficou célebre pela sua canção, que passou ao "hit-parade", a parada dos maiores sucessos, uma "Se Você Me Namorar... Não Minta Nunca".

Ninguém pensaria em ligar essas duas pessoas, nem mesmo

quem acabasse de ler o médico e o monstro, aquela novela de Stevenson, em que uma personalidade se desdobra em um homem digno e bom e seu reverso viciado e mau. Contudo, Jim Hoyle e Jascha Heifetz se confundem.

Quando o primeiro se entrega às delícias de um "swing" ou o segundo esboça, com o arco, os arabescos caprichosos de uma sonata, está harmonizando, no mesmo corpo, duas tendências que explodem, alternadamente: o sentimento popular e o refinamento artístico. Antes que a explicação fique muito embrulhada — o caso, na verdade, é complexo — demos a palavra ao próprio "acusado" para que ele se explique:

— Considero a música popular tão importante quanto a música erudita e aprecio bastante o tipo americano. Para ganhar uma aposta, compuz uma canção no estilo corrente, e tive um sucesso grato à vaidade. Depois, gostando da experiência, repeti a dose. Agora, já não posso mais reprimir a personalidade de Jim Hoyle, pseudônimo usado por mim.

Aquela canção "Se você me namorar..." etc, era coisa simples. Para um homem como Heifetz, tratava-se, ali, simplesmente, de aviar uma receita lacrimante, à Bing Crosby. Mas o demônio do fox tomou conta dele e agora talvez tenha que se

(Continua na página 58)



**Em São Paulo...**

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

**Casa Anglo-Brasileira**

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742

**Máquinas de escrever e acessórios**

OFICINA COMPLETA

RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2ª Loja

## Uma orquídea

(Continuação da pág. 54)

sózinho admirar-lhe as folhas.

Estas eram, quanto à forma da largura ordinária, mas de um verde escuro e brilhante, com pequenos pingos vermelho escuro no lado de baixo. Ele nunca ouvira falar de folhas semelhantes. A planta estava em cima de um banco pouco elevado, perto do termômetro, e, junto dela, achava-se um aparelho cuja torneira deixava cair gota a gota, para encher o ar de vapor, a água quente dos reservatórios. E Wedderburn tinha chegado a passar quase regularmente os seus dias a meditar sobre a florescência iminente daquela planta estranha.

Finalmente, sobreveio o grande acontecimento. Assim que entrou na casa de vidro, ele reconheceu que a flor havia desabrochado, posto que o grande Palaenophis Lowii ocultasse o canto onde se achava a sua nova favorita; porquanto sentia-se no ambiente um perfume desconhecido, um aroma suave, delicioso, penetrante, que dominava todos os outros, dentro daquela pequena estufa atravancada. Mal ele a viu, logo se precipitou sobre a extraordinária orquídea: as pontas verdes, que caíam até o chão, apresentavam agora três grandes flores de que provinha

(Continua na pág. 58)

## CANCER

1ª instalação de radioterapia à super-voltagem (400.000 volts) nos Estados de S. Paulo, Rio, Dist. Federal e Estados do Sul.

DRS. FORTES e AZZI

R. B. Itapetininga, 139 — Fone 4-0394 — São Paulo

## Velazques

(Continuação da pág. 23)

fomeados, beleza para as almas esfomeadas. Isso resume, numa sentença, a personalidade e o gênio de Velázquez.

★

Morreu no auge da glória, aos sessenta e um anos. Sua mulher seguiu-o somente uma semana depois.

O rei fez-lhe um esplêndido funeral e depois autorizou o conselho real a não entregar aos filhos milhares de ducados que lhes eram devidos pelo trabalho do pai.

(Do livro "Vidas de grandes pintores".)

## AGÊNCIA ZAMBARDINO

Rua Capitão Salomão, 67

Distribuidora deste revista na capital de São Paulo.

## SOFRE DO FIGADO?

TOME

**BIO-HEPAX**

produto do laboratório da GUARAMIDINA



## DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGUECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.  
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna  
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL  
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

### DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.  
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

## AS MOSCAS

(Continuação da pág. 38)

— Seu Gilberto subiu. Está no gabinete... — ela informou.

Subi também e me dirigi à peça indicada. Encontrei-o sentado à minha mesa de trabalho, os cabelos em desordem, a roupa apresentando algum desalinho. Mal me viu, levantou-se. Notei-lhe na face um rictus doloroso e no olhar uma nuvem de tristeza, que me perturbou. Quando cheguei perto, atirou-se aos meus braços como uma criança, e começou a chorar convulsivamente.

Deixei que passasse aquela crise e, só depois que por si mesmo se mostrou mais calmo, interrogué-o:

— Gilberto, meu amigo, que foi isso? Que felice você praticou? O homem está morto!

A reação que eu esperava, entretanto, não se verificou. Em vez de surpresa, medo, agitação ou desespero, o que então me revelaram sua voz e sua atitude foi a mais absoluta tranquilidade.

— Por que vocês brigaram? — perguntei.

— Brigaram? Quem lhe disse que brigamos? Não, senhor! O que eu fiz foi vingar Edite, nada mais.

Edite era a esposa morta. E, como tal resposta não formasse sentido, manifestei minha estranheza:

— Vingar Edite?! Vingá-la de que?!

Voltando-se bruscamente, Gilberto deu dois passos para a estante, retirou de lá um dos meus livros, que andara lendo, abriu-o em certa página em que deixara uma tira de papel, marcando-a, e voltou para mim.

— Ouça isto — disse. — Ouça bem isto. Abelardo. — E se pôs a ler.

O livro era um tratado de entomologia e o trecho assinalado desenvolvia uma teoria curiosa e estranha, a de que, quando morremos, nos transformamos em moscas. Citava Méguin, um sábio francês, e seus longos estudos, e sua afirmação de que é errônea a convicção generalizada de que nossos cadáveres, enterrados, são pasto dos vermes, pois os seres inferiores que se banquetejam com a nossa carne decomposta são apenas larvas de moscas, que foram depositadas sobre os corpos antes do enterro...

E — para cúmulo — concluía que os nossos mortos mais queridos permanecem ainda ao redor de nós, andam à nossa volta, esvoaçando e zumbindo, transformados em moscas, que são seu prolongamento e sobrevivência...

— Mas — perguntei — que ligação encontrara ele entre o trecho desse livro e a necessidade de matar o garçon, para vingar a mulher?

— Quando ele se calou, e fechou o livro, também eu lhe fiz, imediatamente,

essa pergunta. Gilberto foi, então, a uma gaveta, tirou de lá uma asquerosa folha de papel pega-moscas, cheia de insetos mortos, e mostrou-ma, engasgado de emoção, com os olhos brilhando de pranto:

— Ele fez isto, o miserável! — disse, num soluço. — Matou-as... Elas eram Edite, um pouco de Edite que esvoaçava

carinhosamente ao meu redor... Eu me sentava lá e elas vinham... pousavam em mim, nas minhas mãos, no meu rosto... Eu sentia um pouco da carícia dela... Eram apenas o que me restava de minha mulher... e ele as matou...

E, caindo na poltrona, recomeçou a soluçar.

## A REABILITAÇÃO DE LEW AYRES

(Continuação da pág. 27)

A guerra fez com que eu compreendesse melhor os meus problemas e os dos outros. Aprendi a olhar a vida por outro ângulo e cheguei à conclusão de que a

cooperação entre os povos é capaz de realizar os maiores milagres. No exército não era eu um "astro" de cinema na guerra. Era um soldado como os outros e compenetrava-me do meu papel. Já vivi em Hollywood numa verdadeira "torre de marfim". Mas a guerra me ensinou que o mundo necessita de muita cooperação e mútua compreensão entre os homens. E de agora por diante outras serão as minhas diretrizes em face dos meus semelhantes.

Com essas palavras Lew Ayres se prepara para continuar a



Perfume

# Orbleu

de

## BAZIN

O ouro sobre azul dos perfumes!

- Água de Colônia • Brilhantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

À VENDA EM TODO O BRASIL



QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

**Exija!**

ECONOMIA  
Frio constante  
Celo puro  
5 pontos de vantagem  
HUMIDADE DO AR  
AR PURIFICADO

TODAS ESSAS VANTAGENS  
SÃO EXCLUSIVAS DO

REFRIGERADOR **NEVE**

INDÚSTRIAS "NEVE" LTDA.

SÃO PAULO  
À VENDA NAS MELHORES  
LOJAS EM TODO O BRASIL

**CABELLOS  
BRANCOS**

**CASPA**

**Quêda  
dos  
Cabellos**

**JUVENTUDE  
ALEXANDRE**

## A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

sua vida artística em Hollywood. E resta-nos fazer aqui os mais ardentes votos pelos êxitos futuros de sua carreira, como galardão pela sua abnegação e solidariedade humana demonstrada no último conflito mundial por que a humanidade acaba de passar. Ele podia ter sido um combatente. Não foi. Declarou-se pacifista, cem por cento. Foi metido em um campo de concentração. Mas explicou-se: aceitaria qualquer tarefa perigosa desde que não matasse ninguém. Preferia salvar vidas, mesmo no "front", sob o fragor da metralha. E foi aceito, sendo nomeado padioleiro e enfermeiro de primeiros socorros. Lew Ayres é um homem de coragem, a quem se pode apertar a mão. No instante em que escrevo, ele começou um novo filme na Warner Brothers: "The Unfaithful" (A infiel), com Ann Sheridan e Zachary Scott.

## Música

(Continuação da pág. 56)

dominar para não soltar aquele ritmo buliçoso no meio de um concerto dedicado a obras de um outro gênero.

### O PULO E O VIOLINO

Quem encontra, agora, aquela figura tranquila de Jascha, que os frequentadores dos concertos têm presente na lembrança há de se lembrar, com um sorriso, da concepção romântica do violinista. Já que embarcamos no transatlântico de Madame X, benfeitora dos jovens artistas, tomemos a imagem que ela tem do violinista de cabelos despenteados, gestos bruscos, organizando, para impressionar o público, uma espécie de sapatado.

— Mas a música é uma arte ligada à audição, replica Heifetz. Nada tem a ver com as qualidades puramente musicais a encenação dos charlatões.

O manes de Alexandre Brailovski! Quem diria que, nessa observação tranquila está uma condenação irreversível dos seus processos?

— Quando deixo de estudar um dia, é suficiente para que eu note: dois dias, e já os críticos dizem que estou decadente; três dias, e é o próprio público quem

começa a me achar mau violonista.

Heifetz lembra essa observação, feita por Liszt, relativamente ao piano, e afirma que ela se aplica, integralmente, ao seu instrumento. Ele toca desde os três anos de idade. Poucos foram os dias que deixou passar sem algumas horas de estudo alicado. E assim conquistou a fama que já passou para o anedotário. Conta-se que, por ocasião de um de seus primeiros concertos nos Estados Unidos, Heifetz ainda não tinha se naturalizado, e vinha, simplesmente, como um artista em visita à Terra do Tio Sam. Mischa Elman, conhecido violinista, achava-se num camarote, em companhia de outro artista não menos ilustre, Leopold Godowski, pianista. A certa altura, diante do entusiasmo do público, Mischa voltou-se para Godowski, como que a procurar solidariedade, e observou:

— Não acha que está fazendo muito calor aqui?

Porém o outro, malicioso, retrucou:

— Muito calor? Para "pianistas", não.

Mischa, contrariado, pediu licença para retirar-se. E aquele gesto simbolizou a entronização de um novo ídolo. Compreendendo o espírito americano, Heifetz encontrou argumentos para fazer com que aquele público aceitasse a boa música.

— Quando alguém assiste uma partida de futebol, não se anima a criticar a não ser que conheça as regras do jogo. Um jogador joga bem ou joga mal. O simples fato de uma pessoa dizer "gosto" ou "não gosto" não pode modificar, de forma alguma, o seu valor e a sua habilidade.

## Uma orquídea

(Continuação da pág. 56)

aquele perfume tão forte. Ele ficou imóvel, em admiração, em êxtase. Eram brancas as flores, com riscas douradas sobre as pétalas; o pesado labelum estava enrolado de um modo complicado, e ao dourado se misturavam uns admiráveis tons azul e púrpura. Wedderburn viu logo que o gênero era totalmente novo. E aquele perfume, aquele perfume insuportável! Que calor naquele lugar! As flores desenvolviam-se à vista dele!

Quis ver se a temperatura era boa. Deu um passo para o termômetro. Súbitamente ele viu drilho dançavam em todos os tudo vacilar. Os tijolos do lastentidos. As flores brancas, as folhas verdes, a própria estufa pareciam fugir para um lado, e seguir uma linha curva na direção do céu.

(Conclui no próximo número)

## Cuidado com a PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se as suas gengivas estão sensíveis e amolecidas... se sangram com facilidade ao escovar os dentes — acautele-se! São sinais de alarma desta enfermidade — que encolhe as gengivas e afrouxa os dentes.

Comece logo a proteger as gengivas e os dentes contra a Piorréia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes de manhã e à noite (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes provam que, no fim de apenas um mês deste tratamento, 95 % dos casos ameaçados de Piorréia apresentam notável melhora.

Vá ao seu dentista com frequência. Siga os conselhos dele. E para restaurar o brilho natural dos dentes... a firmeza e a saúde das gengivas... comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com **Forhan's**

R. J. Forhan D.D.S.

"NÃO ESPERE SOFRER DE PIORRÉIA PARA USAR FORHAN'S - USE FORHAN'S E EVITE A PIORRÉIA"

4FP4

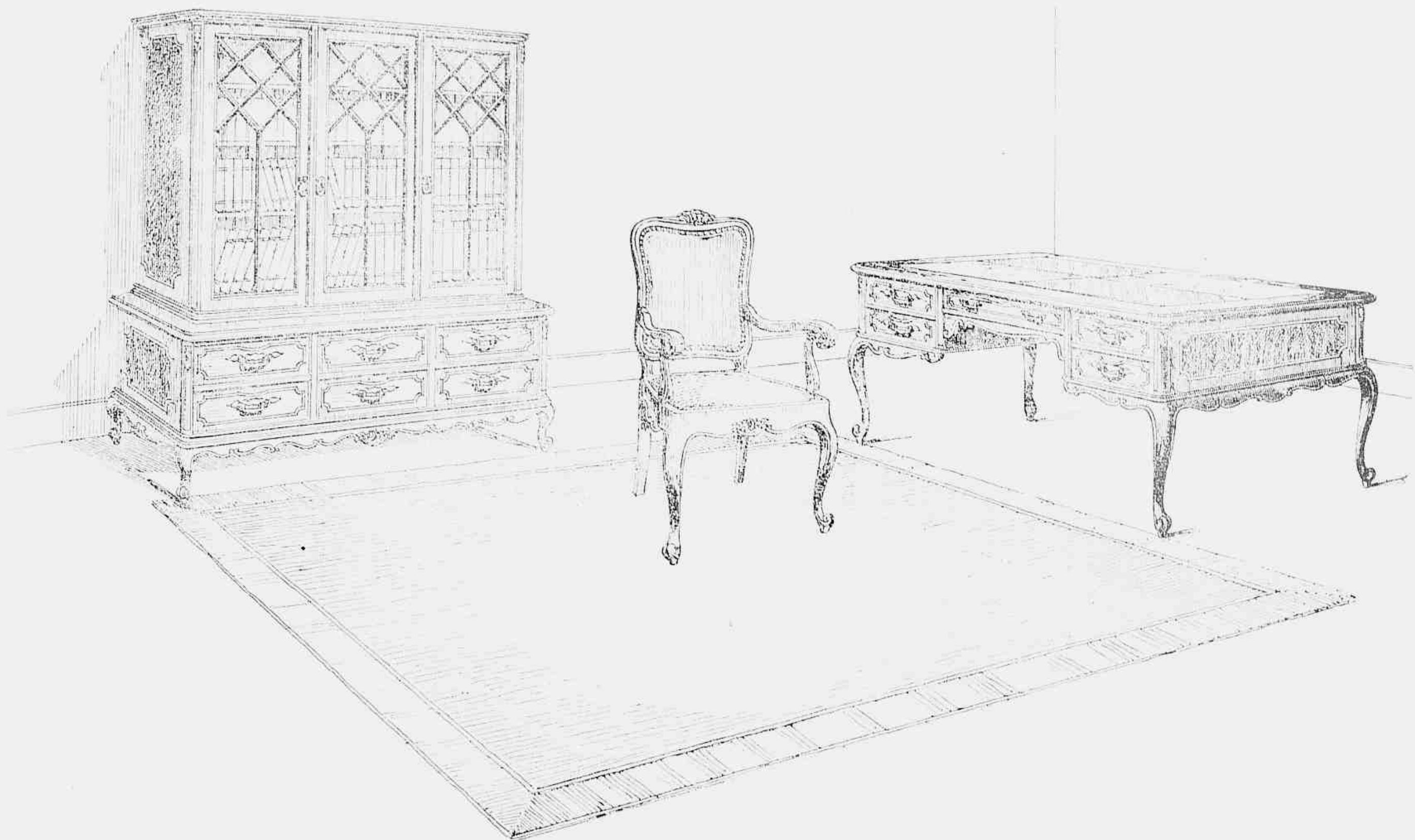
CREME DE MASSAGEM  
RAINHA DA HUNGRIA  
De Mme. Campos  
Alimenta a pele — Contra as rugas  
À VENDA EM TODA PARTE

Senhoras!  
Se a  
Natureza Falha

**MENAGOL**  
REGULAR

**RUGOL**  
O CREME  
EMBELEZADOR DA PÉLE





# ESCRITÓRIO CHIPPENDALE

Fugindo à rigidez das formas retilíneas predominantes nos móveis de estilo moderno, apresentamos aqui aos nossos leitores um modelo de escritório chippendale, trabalhado em madeira clara, apresentando características originais e perfeitas. A secretária alta de cinco gavetas, apesar de conservar as linhas do estilo genuíno, é dotada de todos os requisitos da técnica moderna, permitindo que se possa escrever sobre ela com conforto e rapidez. Uma poltrona e uma larga estante completam este lindo escritório.

**MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES**

**OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS**

**ASA**  
MARCA

**UNES**  
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL  
AGORA SOMENTE

**65 · RUA DA CARIOCA · 67**

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS  
**SOUZA CRUZ**

Epoca

# Cigarros **Hollywood**

CIA. DE CIGARROS

*Souza Cruz*

